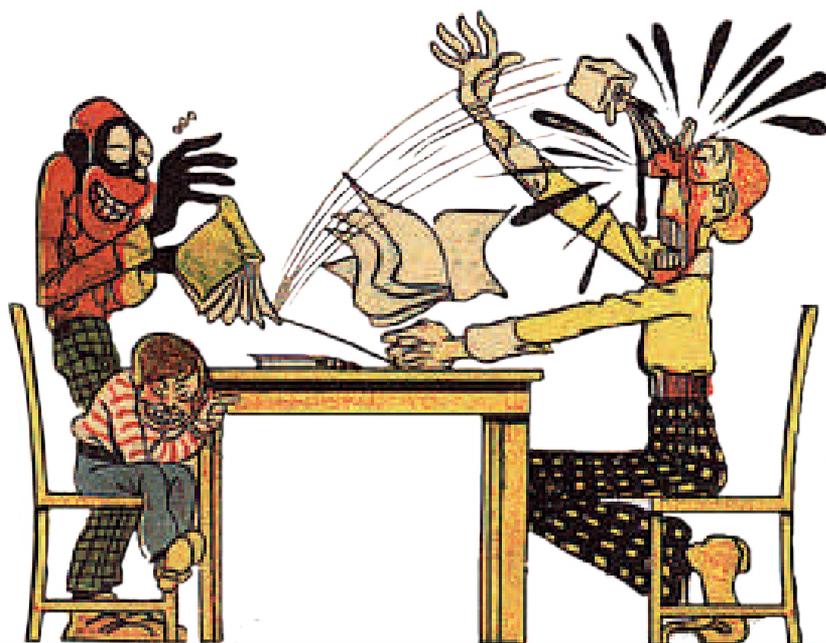




J. Carlos

Memórias d'O *Tico-Tico*

Pesquisa e texto
Athos Eichler Cardoso



Juquinha, Giby e *Miss Shocking*

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL
Volume 123





Memórias d'O *Tico-Tico*
Juquinha, Giby e *Miss Shocking*





کتابخانه

EDIÇÃO DO
SENADO FEDERAL
VOL.123

Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Mesa Diretora do Senado Federal
Biênio 2013/2014

Senador Renan Calheiros
Presidente

Senador Jorge Viana
1ª Vice-Presidente
Senador Flexa Ribeiro
1ª Secretário
Senador Ciro Nogueira
3ª Secretário

Senador Romero Jucá
2ª Vice-Presidente
Senadora Ângela Portela
2ª Secretário
Senador João Vicente Claudino
4ª Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Magno Malta
Senador Jayme Campos

Senador João Durval
Senador Casildo Maldaner

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente
Carlos Henrique Cardim
Conselheiro

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente
Carlyle Coutinho Madruga
Conselheiro

Raimundo Pontes Cunha Neto
Conselheiro

Memórias d'O Tico-Tico

Projeto gráfico e capa: Josias Wanzeller da Silva

© Senado Federal, 2013

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

(61) 3303-3575 / 3303-3576 / Fax: (61) 3303-4258

e-mail: cedit@senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/web/publicacoes/conselho>

e-mail: livros@senado.gov.br

Livraria virtual: www.senado.gov.br/catalogo

ISBN: 978-85-7018-496-2

Cardoso, Athos Eichler.

Memórias d'O *Tico-Tico* Juquinha, Giby e Miss Shocking. Quadrinhos brasileiros 1884 – 1950; pesquisa e texto Athos Eichler Cardoso. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

208 p. il.

1. História em quadrinhos, Brasil. I. Cardoso, Athos Eichler. II. Título.

CDD 809.0222



SUMÁRIO

Dedicatória	—◆—	9
Agradecimentos	—◆—	13
Apresentação	—◆—	17
Introdução	—◆—	21
As influências	—◆—	39
O procurado	—◆—	59
O Giby	—◆—	147
O Juquinha	—◆—	171
Conclusão	—◆—	203
Fontes e bibliografia	—◆—	205
Nota do editor	—◆—	207



Foi extremamente gentil comigo da mesma forma que era com todos os que dele se acercavam.

Pela nossa conversa intermitente, todas às vezes que ia ao Rio, procurava-o no Passeio Público, fiquei conhecendo o lado erudito que mostrava, entre outras facetas, a de ser professor jubilado do Museu da Quinta da Boa Vista, conselheiro da antiga Funai e, muito tempo depois, soube que redigira a parte de verbetes de Zoologia do *Novo Aurélio*.

Isso tudo era apenas a ponta do iceberg que estava submerso debaixo do oceano da despretensão desse grande brasileiro.

Lendo sua biografia póstuma, soube admirado, mas não surpreendido, da sua brilhante e inquieta passagem pela vida, “*sempre a guiar-se pelo novo*” na expressão feliz do biógrafo.

Primeiro lugar em odontologia na Universidade do Brasil, na década de 40. Nos anos 50, atraído pela História Natural, dedicou-se ao magistério. Foi professor, entre outros, no colégio Pedro II.

Concursado, entregou-se à Divisão de Educação, do Museu Nacional, onde, além de trabalho intenso, foi professor do mestrado e por duas vezes vice-diretor.

Nos anos 60, foi catedrático de História Natural do Instituto de Educação que veio a dirigir. Bolsista de Museologia no Musée de L'Homme em Paris, estagiou no Departamento de Antropologia Física do Conselho Britânico, percorrendo os principais museus da Escócia e País de Gales. Dirigiu a Escola Americana do Rio; foi um dos fundadores das Universidades Gama Filho e Celso Lisboa.

Reconhecido especialista e colecionador de histórias em quadinhos, fez a introdução do álbum da EBAL, comemorativo dos 50 anos de



fundação do Suplemento Juvenil, lançado em 1984. No segundo andar de sua bela residência no Caminho do Corcovado, enfileiravam-se estantes com o que havia de melhor não só em matéria de revistas e álbuns antigos de quadinhos nacionais e estrangeiros como outras de cultura geral ou especializadas em geografia, antropologia, história, cinema, arte, caricaturas e humor. Estampas, fotografias e documentos antigos, enfim o que se costuma chamar hoje de *memorabilia*, tudo selecionado pelo bom gosto e conhecimento do colecionador.

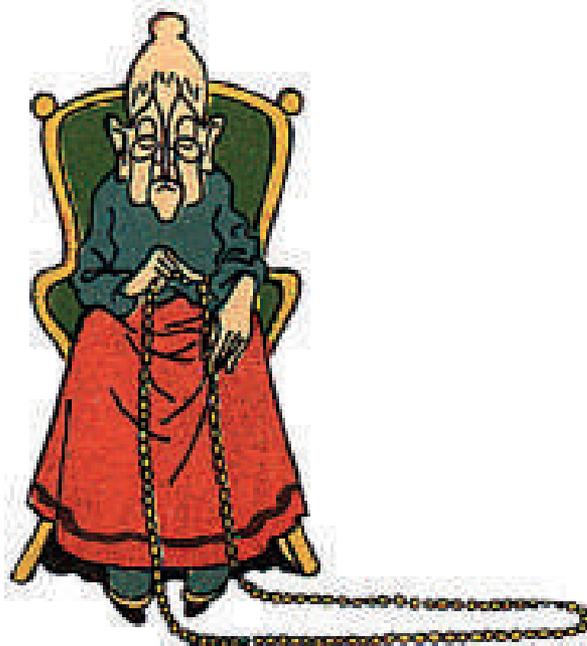
Sólón Leontsinis, atendendo a pedido nosso, confiou ao Senado Federal – na pessoa do vice-presidente do Conselho Editorial do Senado Federal, Joaquim Campelo Marques, também seu amigo – os raros e valiosos noventa e sete primeiros exemplares d'O *Tico-Tico* para digitalização.

Descendente de gregos, nasceu no Rio de Janeiro em 1928, onde faleceu em 2005.

Nas estrelas para onde você viajou, Sólón, muito obrigado, pela confiança e ajuda inestimável na publicação d'O *Juquinha*. Este álbum também é seu.







AGRADECIMENTOS

Trabalhando em equipe toda a minha vida, estou convicto de que nada se faz sem a contribuição, direta ou indireta, de outrem. Por isso não me furto em agradecer a todos que colaboraram neste trabalho e dos quais uma maioria ficará no anonimato.

A *Norma Leontsinis* pelo carinho com que sempre me recebeu e alimentou na hospitaleira e encantadora residência no Caminho do Corcovado.

Ao senhor *Eduardo Augusto de Brito Cunha*, filho do saudoso ilustrador *J. Carlos*, que gentilmente abriu mão dos direitos autorais para a publicação deste álbum pelo Senado Federal.

Ao Vice-Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal, *Joaquim Campelo Marques*, pelo apoio, a sincera amizade, os exemplos de trabalho permanente pela divulgação das coisas brasileiras, o bom humor e combatividade diante das dificuldades.



Ao *Jô de Oliveira*, de profundas raízes no imaginário brasileiro, com traço inconfundível e que veio aliar à causa do Juquinha seu prestígio internacional.

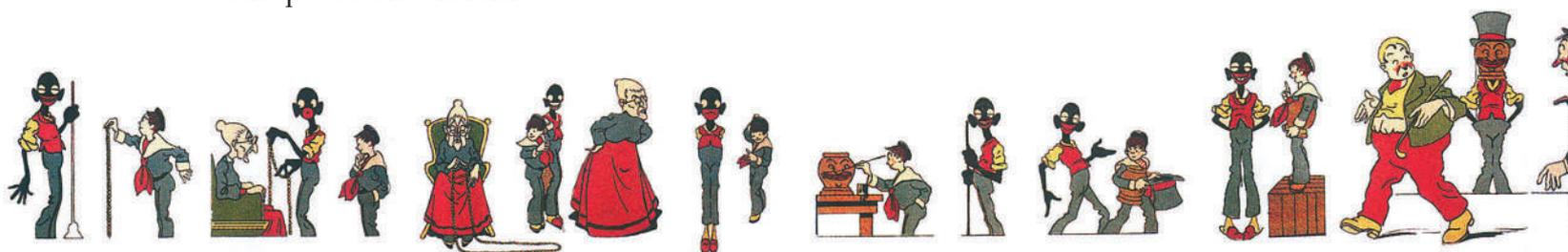
Ao pensador e escritor, professor *Muniz Sodré*, diretor da Fundação da Biblioteca Nacional, cujas teorias sobre a literatura de massa embasaram minha dissertação de mestrado na UnB e com carinho liberou as ilustrações que nos faltavam para completar este álbum.

Ao meu parceiro, na construção deste trabalho, *Josias Wanzeller da Silva*. Sem o seu apoio, sugestões, incentivo e até cobranças mútuas não sei se teríamos levado a cabo o texto e a seleção das imagens desta pesquisa. Estou certo que o projeto gráfico por ele realizado estará à altura dos desenhos de J. Carlos.

Aos amigos da equipe de retaguarda, *Marco Aurélio Nascimento*, *J. Alvares* e *Regina Lucia Sousa Rodrigues*. O primeiro, encarregado da digitalização, e os seguintes pelo tratamento delas e a todos os demais artistas, técnicos e dirigentes da Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal que nunca negaram esforços para a edição desta obra.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional, a começar pela equipe da Coordenadoria de Publicação Seriadas, na pessoa de sua ex-chefe *Maria Angélica Brandão Varela* e na da atual, *Carla Rossana Chianello Ramos* que muito me apoiaram no levantamento da coleção d'O Tico-Tico e outras revistas de literatura de massa.

Ao chefe do Setor de Digitalização, *Cláudio de Carvalho Xavier*, e seu ajudante, braço direito, *Paulo Leonardo da Costa* pelo cuidadoso trabalho realizado em revistas cujo manuseio é bastante difícil diante do estado em que se encontram.







APRESENTAÇÃO

Juquinha e seu amigo Giby,

Fiquei muito feliz com este livro que o Athos Eichler Cardoso está lançando: *Juquinha, Giby e Miss Shocking*. Trata-se de uma longa pesquisa por ele realizada e que ficou à altura do seu outro magnífico livro – *As Aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora. Os Primeiros Quadrinhos Brasileiros 1869-1883* – lançado em 2002, pelo Senado Federal.

A minha felicidade advém da afirmação que o Athos faz e comprova de que o primeiro personagem das histórias em quadrinhos tupiniquim não é aquela figura alienígena do tal Chiquinho. Pode ser que para os desavisados e até mesmo para aqueles que não dão muita importância à figuração narrativa ou às histórias em quadrinhos essa descoberta ou constatação não seja tão importante.





Memórias d'O Tico-Tico

ATHOS EICHLER CARDOSO

Afirmo que para mim e para as torcidas do Flamengo e do Corinthians faz muita diferença.

Era muito constrangedor admitir que um personagem estrangeiro, copiado e decalcado em papel manteiga fosse o nosso primeiro herói infantil dos quadrinhos. Assim está decidido e provado que Juquinha é o nosso primeiro personagem e Giby, seu companheiro, é o segundo.

Olhando a presente revitalização de Juquinha e Giby, sob a ótica universal, vamos observar, sem ufanismo, que essas criações brasileiras estão capacitadas, sem favor algum, a ocuparem os lugares que merecem em qualquer enciclopédia de quadrinhos.

Se o Juquinha vem, considerando as mais conhecidas, precedido por uma vintena de séries americanas, inglesas e francesas tais como *Weary Willie e Tired Tim*, *Katzenjammer Kids*, *Little Tiger*, *Foxy Grandpa*, *Happy Holligan*, *Buster Brown*, *Alphonse e Gaston*, *The Newleeds*, *Little Sammy Sneeze*, *Little Jimmy*, *Little Nemo in Sumberland*, *Becassine* e outras, é também verdade que ele antecede o aparecimento de *Hairbreadth Harry*, *Mutt e Jeff*, *Les Pieds Nicklés*, *Pafúncio* e uma multidão famosa de outras criaturas de papel. Quanto a Giby, embora coadjuvante, ocupa lugar destacado entre as poucas personagens negras do gênero. Sabe-se que o primeiro deles é *Poor Lil' Mose*, o afro-americano, criado por Richard Outcault em 2 de dezembro de 1900.

Giby, de 1907, surge antes de *Bilbolbul*, o negro africano protagonista da série criada por Attilio Mussino, italiano, um dos grandes ilustradores de *Pinocchio*, que o imortalizou em cerca de 50 painéis com efeitos gráficos surrealistas, nas páginas do *Corriere Del Piccoli*, a partir de dezembro de 1908.

Juquinha e Giby são criações do genial desenhista carioca José Carlos de Brito Cunha, o nosso J. Carlos. Leia e tire suas conclusões.



J. Carlos era um artista autodidata que resolveu abandonar os seus estudos no prestigiado Colégio São Bento para ingressar, ainda muito jovem, na carreira de ilustrador de revistas. Isso aconteceu em 1902, no Rio de Janeiro, então capital do país. Durante 48 anos foi o desenhista mais famoso do nosso Brasil. E, talvez, até hoje, nenhum outro artista jamais o alcançou no patamar da fama. Trabalhou incansavelmente para as mais importantes revistas brasileiras da primeira metade do século XX.

Além disso, foi também editor, compositor de música popular, diretor de teatro, ilustrador de livros e autor de livros infantis. A sua maneira de desenhar era influenciada pela *Art nouveau*, estilo muito em voga no começo do século passado. Pouco depois, seu estilo foi se depurando e já com forte influência da *Art-Déco*, seus trabalhos se enchem de linhas curvas, cheias de graciosidade, em composições harmoniosas e precisas. Esse aprimoramento fez dele um artista muito popular, que, com o passar dos anos, se tornou o mais admirado e reconhecido por todos como o mestre do lápis.

A constatação de que pertence a esse grande artista a paternidade de Juquinha e Giby, além de confortante, passa a ser motivo de orgulho para todos nós, amantes dos quadrinhos. O lamentável é que, mesmo com todos esses predicados, a obra de J. Carlos ainda seja praticamente desconhecida das novas gerações. E elas nem sabem o que estão perdendo...

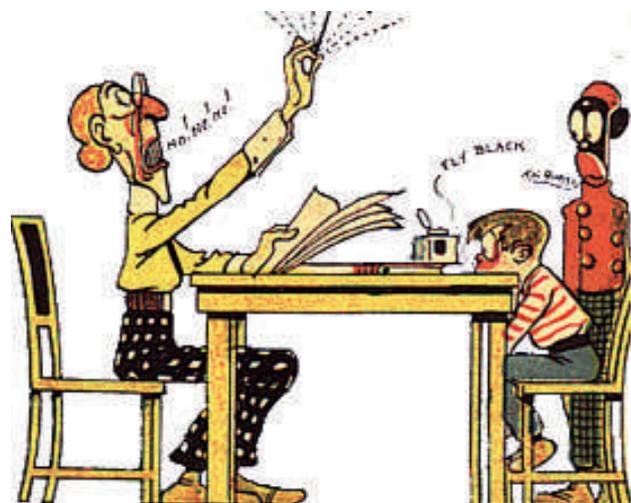
Aproveito para parabenizar Athos por mais este trabalho de fôlego e dar boas-vindas para o Juquinha e o Giby que agora ocupam lugar certo na história dos nossos quadrinhos.

Jô Oliveira

Brasília, maio de 2009







Introdução







Este álbum destina-se a apresentar a obra de J. Carlos na sua primeira incursão como desenhista de quadrinhos. Iniciada na revista *O Malho*, em 8 de julho de 1905, continuou n' *O Tico-Tico* a partir de 11 de outubro do mesmo ano até 27 de dezembro de 1907.

Após cinco anos, J. Carlos retornou aos quadrinhos em 4 de dezembro de 1912 na revista *O Juquinha* e ali encerrou essa primeira fase, intermitente, em 23 de abril de 1913.

Aqui o leitor conhecerá a quase totalidade da sua produção, a maioria inédita, com ênfase na série *O Talento de Juquinha*.

José Carlos de Brito e Cunha, mais conhecido como J. Carlos, nasceu no Rio de Janeiro, em 18 de junho de 1884 e faleceu em 2 de outubro de 1950. Começou n' *O Tagarela* em 23 de agosto de 1902, trabalhando em todas as principais revistas brasileiras do seu tempo. Junto com Raul e K. Lixto, dois desenhistas, sendo K. Lixto considerado um dos príncipes da caricatura brasileira.





J. Carlos criou o Juquinha em 14 de fevereiro de 1906, nas páginas d'O *Tico-Tico*, da empresa *O Malho*. Primeiro herói nacional dos quadrinhos infantis, iniciou uma série de nove, criados pelo grande artista.

Giby, o segundo do gênero, é o primeiro afro-brasileiro, companheiro e vítima das travessuras de Juquinha, publicado na mesma revista, a



Juquinha, Giby e Miss Shocking

partir de 16 de outubro de 1907. No final de dezembro desse ano, o criador e as criaturas afastaram-se d'O *Tico-Tico*.

J. Carlos abandonou *O Malho* para ser diretor artístico da *Careta*, outro semanário que surgia, pertencente à editora Kosmos.

Em dezembro de 1912, ajudou a fundar a revista *O Juquinha*, na qual ressurgiu com Juquinha e Giby, afastando-se dela antes da extinção do semanário, em julho de 1913.

Voltou a desenhar para *O Tico-Tico* doze anos mais tarde, em 17 de dezembro de 1919, com o pseudônimo de Nicolao, para apresentar *Carapicho e seu filho Jujuba*, série que durou largo tempo.

Causa espanto verificar que em 2005, por ocasião do centenário d'O *Tico-Tico*, considerado patrimônio cultural e festejado pelos intelectuais e pela universidade brasileira, Juquinha e Giby, personagens com o *status* de pioneiras nele publicadas, passaram quase despercebidas.

Para atestar o pouco valor dado a Juquinha e Giby, é válido citar como testemunhas as duas publicações mais importantes na época dos festejos.

Na mais volumosa, 14 especialistas, alguns idosos, escreveram e depuseram sobre *O Tico-Tico* em 253 páginas de texto e ilustrações. Fazendo assim uma análise cultural minuciosa da revista.

Os acadêmicos e jornalistas, com raras exceções, mencionaram ou comentaram a dupla em uma ou duas linhas.

Esse comportamento crítico contrastou com a atenção dada ao Chiquinho que até 1916 não passou de um decalque e se tornou o principal astro d'O *Tico-Tico*, desde a fundação do semanário até o seu fim em 1958.

Os pesquisadores inflacionaram o assunto Chiquinho, dedicando-lhe quatro dos vinte e sete capítulos da obra. Isso tudo fora os inúmeros co-



mentários e ilustrações que pipocaram nas demais páginas.

Quanto ao Juquinha, salvo no prefácio onde o nosso maior conhecedor de literatura de massa, Sérgio Augusto, colocou-o em destaque numa ilustração, apareceu em uma outra, aleatória, numa capa do Almanaque d'O *Tico-Tico* de 1907, bastante descaracterizado pelo traço de Lobão.

Juquinha e Giby foram lembrados de maneira positiva por Roberto Elísio dos Santos, embasado em trechos de Câmara Cascudo.

Na segunda obra, de 149 páginas, os redatores foram mais generosos. A cabeça de Juquinha, desenhada por J. Carlos, surge discretamente na capa reproduzida de um exemplar d'O *Tico-Tico* de 1906.

Moacy Cirne, coordenador e companheiro das jornadas de quadinhos da Intercom, é o responsável pela maior homenagem ao herói, fazendo publicar uma boa imagem do Juquinha, citando suas aparições na revista homônima e incluindo até uma página de suas aventuras na série *O Talento de Juquinha*.

Outras citações elogiosas são de Câmara Cascudo e Herman Lima.

Não aparece sequer uma única ilustração de Giby nos dois álbuns.

Há dois motivos que explicam a falta de informações sobre Juquinha e Giby nessas obras.

O primeiro é o evidente conhecimento superficial das personagens Juquinha e Giby, compreensível e justificado pela extrema raridade dos números iniciais tanto d'O *Tico-Tico* como daquelas denominadas *O Juquinha* e suas respectivas coleções. No caso da segunda revista com o nome *O Juquinha*, publicada em 1922, a raridade é tanta que só foi possível tomar conhecimento de sua existência pela publicidade nas revistas *Pelo Mundo* e *Impéria* que pertenciam a Empresa de Publicações Modernas, a mesma que editava *O Juquinha*.



O segundo, mais danoso e sutil, foi a recordação de infância do poeta Carlos Drummond de Andrade, aos 53 anos, em duas linhas da crônica intitulada *Um passarinho*, publicada no *Correio da Manhã*, em 11 de outubro de 1955.

As linhas equivocadas de Drummond informaram que Juquinha não havia pegado, o que na linguagem coloquial do grande poeta significava que ele não fora levado a sério, não criara raízes, em suma, não tivera sucesso junto aos leitores.

Ora, a crônica de Drummond sobre *O Tico-Tico*, várias vezes publicada ao longo do tempo, acabou consagrada como um todo e, pela beleza e evocação do texto, considerada antológica.

A afirmação do poeta, repetida várias vezes nas citações dos estudiosos, acabou por transformar o equívoco, originado da pena de gente tão famosa, em verdade absoluta: Juquinha não tinha pegado!

Em consequência, o desinteresse pela personagem alastrou-se e perpetuou-se, apoiado na lei do menor esforço.

Para que pesquisar esse herói tão difícil de localizar, pensaram os interessados, se Drummond afirmou que ele não havia “*pegado*”?

Sem pesquisa, Juquinha permaneceu desconhecido, enquanto o discurso de Drummond tornou-se cada vez mais popular entre os estudiosos, constituindo-se uma pesquisa em si próprio.

Drummond *dixit*...

Assim, Juquinha foi condenado se não ao ostracismo, pelo menos a um limbo de onde é resgatado agora.

Giby, o primeiro herói afro-brasileiro do gênero, coadjuvante e vítima das travessuras de Juquinha, esquecido seu cruel mentor, seguiu o mesmo destino.



Aproveita-se a oportunidade para quebrar a tradição dessa barreira crítica, criada inadvertidamente pelo poeta e o círculo vicioso que ocasionou. Esclarecer a questão do lugar que compete a Juquinha e Giby na historiografia dos quadrinhos brasileiros em definitivo, dando-lhes o valor que merecem.

Na crônica antológica, Drummond fez um encantador resumo da vida d'O Tico-Tico. Ao analisá-la é preciso levar em conta que o poeta maior, aos 53 anos, não era especialista em quadrinhos e baseou-se na memória ou pesquisa sumária para as considerações feitas, onde só falhou no julgamento de Juquinha. Eis aqui a crônica do poeta.

UM PASSARINHO

“Contaram-me de um sujeito que ia a todos os leilões, enterros e comemorações de feriado nacional; e como lhe perguntassem porque era frequentador assíduo de tais lugares e cerimônias, respondeu: ‘Não tenho nada com isso, não; vim por conta da minha infância’.

“Ele procurava sempre a si mesmo e encontrava-se um pouco na imagem das pessoas e objetos antigos.

“As pessoas (de reumatismo) que hoje festejam Chiquinho estão na realidade festejando o Chiquinho que elas foram, há 50 ou 30 anos passados, quando O Tico-Tico era a única revista dedicada às crianças brasileiras e lhes dava tudo: histórias, adivinhações, prêmios de dez mil réis, lições de coisas, páginas de armar e principalmente de aventuras – esse desdobramento e multiplicação da personalidade que nos fazia sofrer na carne os apertos de Robinson na ilha deserta ou os sustos de Gulliver no país dos gigantes.

O Tico-Tico era de fato a segunda vida dos meninos do começo do



século, o cenário maior em que nos inseríamos para fugir à condição escrava de falsos marinheiros, trajados dominicalmente com o uniforme, porém sem navio, que nos subtraísse ao poderio dos pais, dos tios e da escola. E era também muito de escola disfarçada em brincadeira.

‘Todos amam as crianças, não há poeta que não celebre a sua inocência e a sua beleza... Entretanto, caso estranho! Nada se faz em favor delas, para diverti-las, para distrair e encantar sua existência. Não organizamos festas alegres, em que elas possam folgar e rir em liberdade; e não lhe damos uma literatura especial, simples, ingênua, ao alcance da sua inteligência.’ Isso dizia O Tico-Tico em seu primeiro número; e por aí se pode ter idéia da condição infantil em 1905, na nossa terra.

“Chiquinho, o sonso, foi uma revelação. Era produto americano an obnoxius little wise-acre capable of mischief but he had a heart of gold – mas ficou brasileiro por decalque das gravuras e aclimatação moral, com o auxílio de Benjamim, este, cria nacional autêntica. Juquinha, lançado pouco depois, não pegou, e sua irmã Lili foi incorporada ao time de Chiquinho, como prima dele. Vieram Zé Macaco e seu aeroburro, a sufragista Faustina, Baratinha, o esplêndido Dr. Kaximbown, o capitão Farragon, que desembarcava do navio montado num jacaré a quem prometera uma boa gorjeta, e com um tesourão de alfaiate fazia picadinho de cobra à baiana. Os filhos dos primeiros leitores, por sua vez, conheceram Jujuba, Carrapicho, Goiabada e Lamparina, que J. Carlos, notável criador de tipos, acrescentou à série primitiva. Essas figuras existiram de fato, na medida em que os guris com elas se familiarizaram e viveram suas histórias. Em contraste com a irrealidade do mundo político brasileiro, em que muitos homens públicos não acreditaram nem faziam acreditar nos princípios que diziam defender, nossos caricaturis-



tas povoaram a vida infantil de companheiros que a saudade ressuscita com a nitidez de seres reais.

“Uma pesquisa em regra na coleção do Tico-Tico indicaria a gênese de inúmeras vocações literárias e jornalísticas manifestadas de 1920 para cá. Folheando ao acaso seus primeiros números, fui encontrar um recado ao romancista Cornélio Pena, então garoto em Campinas, que podia mandar receber o seu prêmio na redação; o poeta mineiro Djalma de Andrade assinava talvez os seus primeiros versos: Mãe; Lincoln de Souza, hoje o grande repórter dos xavantes, assinava um monólogo; José Augusto de Lima, ou Pequetito, pe-dia notícias de Chiquinho. Grandes nomes que encheriam a vida do país, em todos os setores, iam surgindo depois.

“O Tico-Tico é pai e avô de muita gente importante. Se uns alcançaram importância, mas fizeram bobagens, O Tico-Tico não teve culpa. O Dr. Sabe-Tudo e o Vovô ensinaram sempre a maneira correta de viver, de sentar-se à mesa, de servir à pátria. E da remota infância, esse passarinho gentil voa até nós, trazendo no bico o melhor do que fomos um dia. Obrigado, amigo!”

Para se entender o engano causado por Drummond e dos pesquisadores que o levaram em consideração, é conveniente comparar a biografia do poeta com a de Juquinha.

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira do Mato Dentro, MG, em 31 de outubro de 1902. O Juquinha nasceu no Rio de Janeiro, em 14 de fevereiro de 1906 quando Drummond tinha 3 anos, 3 meses e 15 dias de idade.

As apresentações de Juquinha encerraram-se n'O Tico-Tico em 25 de dezembro de 1907, o poeta estava então com 5 anos e dois meses de idade.

Filho de fazendeiro em decadência, com menos de 7 anos e meio,



inicia o curso primário em Belo Horizonte em 1910. Juquinha só retorna à revista homônima em 4 de dezembro de 1912, quando Drummond, com mais de 10 anos de idade, provavelmente está lendo revistas infantis como *O Juquinha* e *O Tico-Tico*.

A revista *O Juquinha* integrou-se n' *O Tico-Tico* em julho de 1913 sem levar o personagem que desapareceu de cena definitivamente.

Que Drummond foi um gênio da literatura ninguém duvida. É provável que, a partir de 1912, com 10 anos, conheceu o herói na revista *O Juquinha* ou volume encadernado d' *O Tico-Tico*, e, para escrever sua crônica, manuseou superficialmente alguma coleção.

Na primeira história de Juquinha, denominada *Juquinha Militar*, a sua introdução na revista ficou a cargo de Chiquinho, desenhado ao seu lado por J. Carlos, que o apresentou aos leitores como sendo seu primo.

Daí a origem do equívoco de Drummond e o começo de toda a confusão onde fica também envolvida Lili.

Os familiares de Juquinha eram bem conhecidos.

J. Carlos encarregou-se de desenhar e nomear, um por um, numa das páginas de *O Talento de Juquinha* (pág. 90) Filho único, nunca compartilhou histórias nem com a irmã, nem prima Lili. A exceção foi o copeiro negro da família, chamado Giby. Existe aí uma confusão baseada no raciocínio correto do poeta com Lili, prima de Chiquinho, aliás, clone de Mary Jane dos originais de Buster Brown.

Drummond, baseado na oportunista apresentação de J. Carlos, criou laços de família inexistentes.

O que interessa neste *imbroglio* é que o Juquinha, ao contrário do que afirma o poeta, pegou e muito.



Juquinha, como os leitores poderão comprovar visualmente nas páginas que se seguem, foi a primeira das obras-primas de J. Carlos, cuja biografia e a arte fantástica, já há algum tempo, estão sendo mais difundidas entre os brasileiros, por Cássio Loredano e Lúcio Picanço Murici.

Evidente que a recordação poética de Drummond, baseada na falsa afirmação de J. Carlos num documento primário, eclipsou o valor de Juquinha que tanto n'O *Tico-Tico*, como na revista homônima, testemunho indiscutível do sucesso que obteve entre o público, reafirma-se nunca teve irmã Lili, ou qualquer outra, em suas histórias.

Juquinha nunca fracassou no embate com Chiquinho, muito pelo contrário, igualou-se em prestígio e até o superou como se vê a seguir.

O sucesso de Juquinha foi rápido, apresentado ao público em 14 de fevereiro de 1906, no número 19 d'O *Tico-Tico*, já no nº 30, em 2 de maio de 1906, depois de seis histórias no miolo, estava consagrado na capa do semanário, espaço privilegiado em qualquer publicação que em poucas vezes vai deixar de aparecer. Houve sete exceções, duas em 1906 e cinco em 1907. Nesse último ano, em duas delas, o herói aparece em capas alegóricas. A primeira refere-se à quarta-feira de Cinzas (*fig. 1*).

A segunda festeja o aniversário de Juquinha, como sendo no dia 5 de maio de 1907. O que causa estranheza, pois não corresponde com o aparecimento do herói nem n'O *Tico-Tico*, nem no rascunho dele n'O *Malho* em 1904 (*fig. 2*). O aniversário de Chiquinho nunca foi comemorado.

A popularidade de Juquinha, demonstrada nas cartas e desenhos enviados pelos leitores à redação, logo igualou ou superou Chiquinho, clone americano.





(fig. 1)





(fig. 2)



Juquinha, Giby e Miss Shocking

Ele tem lugar de honra nas capas dos primeiros *Almanques*, para os anos de 1907 e 1908, ambas desenhadas por Lobão. Note-se que Juquinha de chapéu preto, no mesmo plano e dimensões de Chiquinho, ocupa o lado direito da imagem d'O *Tico-Tico*. Tradicionalmente o mais importante (fig. 3).



(fig. 3)



Finalmente, é com ele na capa que *O Tico-Tico* termina o ano de 1907. Trata-se da última aparição do Juquinha, pois em 25 de dezembro encerra a carreira na revista.

Ele a abandona, não por desgaste junto aos leitores, nem por não “ter pegado”, mas porque J. Carlos afastava-se d'*O Malho* para outra empresa jornalística.

Por outro lado, o desconhecimento da revista *O Juquinha* é normal pela raridade da revista, de circulação efêmera, cuja única coleção conhecida encontra-se na Biblioteca Nacional.

Esta introdução justifica a importância da publicação deste álbum pelo Conselho Editorial do Senado a exemplo do que foi feito com o trabalho de Angelo Agostini em 2002, que tanto sucesso granjeou junto ao público e estimulou na área acadêmica a produção de inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado relativas ao famoso jornalista.

Trata-se também de recuperar uma parte lúdica e centenária do nosso imaginário; de resgatar dois períodos estilísticos completos da extensa obra de um dos nossos mais talentosos artistas, o fantástico J. Carlos, tão exuberante na incursão pelo traço *art nouveau* e mais comedido nos umbrais da *art déco*.

Esse álbum é importante porque significa uma fonte de conhecimento e consulta, quem sabe até penitência, para os estudiosos do quadrinho brasileiro. E o será, ainda mais, para o cidadão comum.

É a oportunidade que tem, na leitura desta obra tão instigante quanto agradável ao olhar, de ampliar sua cultura artística, sua visão telúrica. Conhecer os tipos populares, as pessoas da classe média, os poderosos dos salões e os humildes que nas ruas, praças, sítios, cozinhas e até prisões



Juquinha, Giby e *Miss Shocking*

povoaram a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX e aprender no traço privilegiado de J. Carlos sobre os costumes de um Brasil cada vez mais distante.

Em verdade, alguns desses tipos anacrônicos, tão sedimentados na cultura brasileira, ainda surpreendem nas entrequadras da moderna capital: Brasília.

Por outro lado, resgata-se Giby, tão importante quanto Juquinha, por ser o primeiro herói negro da historiografia nacional.

Ele não teve a mesma sorte do irmão de cor, Benjamim, que apareceu oficialmente, chamado por esse nome em 19 de julho de 1916, e abraçou Chiquinho nas páginas d'*O Tico-Tico*. Benjamim durou até o final do Chiquinho e d'*O Tico-Tico*, em dezembro de 1958.

Giby apareceu n'*O Tico-Tico* em 16 de outubro de 1907, permanecendo até 25 de dezembro. Depois ressurgiu na revista *O Juquinha* em dezembro de 1912 e desapareceu definitivamente em abril de 1913.

Por isso é fundamental, ao mesmo tempo como se faz com Juquinha, resgatar esse herói afro-brasileiro.

Extasiem-se, mais uma vez, com a arte gráfica de J. Carlos nas histórias de Juquinha e Giby, nas séries *O Talento de Juquinha* e *Juquinha e suas proezas*.

Brasília, DF, 7 de janeiro de 2009









Observa-se, ao confrontar as histórias de Juquinha e Chiquinho, que, embora o primeiro mostre no traço a influência do floreal, nome dado à *art nouveau* no Brasil, ele é sempre brasileiro autêntico. Isso não acontece com Chiquinho, simples decalque do herói americano Buster Brown, com pequenas adaptações (fig. 4 e fig. 5, pág. 42). A mistificação de Buster Brown, encarnado no traço e personalidade em Chiquinho, era desconhecida do grande público, já que os redatores d'O Tico-Tico cuidavam para que ficasse abafada entre as paredes da redação. Os leitores brasileiros da época tinham a atenção voltada para a França e poucos recebiam o jornal americano que publicava o Buster Brown original.

A verdade é que o que se pensou ter chegado ao conhecimento dos brasileiros somente em 1945, aconteceu bem antes, em 1912, mas pouco adiantou, porque ficou restrita aos leitores da revista *O Gato*.

O Gato foi o novo nome que Vasco Lima deu à publicação de humor fundada em 1911, *Álbum de Caricaturas*, quando a reformulou na intenção de imitar a francesa *L'Assiete au Beurre* famosa pelas caricaturas e críticas políticas.



Juquinha, Giby e Miss Shocking

Álvaro Marins, colega de trabalho de Vasco Lima n'O *Malho*, colaborava também n'O *Gato*, preenchendo as páginas de caricaturas. Alcindo Guanabara era o redator efetivo da revista que incluía um variado noticiário e até romances seriados fora do padrão romântico, sobre temas policiais e de cunho gótico, contrastando com uma página para crianças.

A partir do nº 55, 26 de outubro de 1912, *O Gato* aumentou a participação dos quadrinhos, criando um apêndice, parte integrante do exemplar, denominado *A Carochinha Suplemento infantil*.

Essa abertura devia-se à intimidade com o gênero dos desenhistas d'A *Carochinha*, Vasco Lima e Marins, que usavam os pseudônimos de Hugo Leal e Seth, respectivamente, por trabalharem também n'O *Malho*, cuja direção não admitia trabalho por fora.

A *Carochinha* tinha como principal personagem o menino Lulu apresentado numa série denominada *As Proezas de Lulu* (fig. 6)

Nela, a personagem Lulu, desenhada por Vasco Lima e assinada como Hugo, logo nos quatro capítulos iniciais, desmascara o Chiquinho, denunciando ao longo de quatro páginas que ele era uma cópia americana (fig. 7, 8, 9, 10).

Talvez fosse uma represália do desenhista, um dos pioneiros d'O *Tico-Tico* ao ser dispensado d'O *Malho*. Entretanto, não teve a repercussão esperada, pois a massa dos leitores d'O *Tico-Tico* só ficou sabendo da verdade nos 50 anos da revista, em 1955, embora Loureiro já tivesse dado entrevista sobre o assunto em 1945 para a *Revista da Semana*.

Tal é a importância desses quadrinhos para os aficionados do gênero, os nacionalistas e os fãs de Buster Brown, que serão, aqui, reproduzidos.

Brasileiro nos pensamentos, palavras e atos, Juquinha prescindia de adaptações. Vivendo no Rio de Janeiro do início do século, interagindo

(continua na página 49)



A Carochinha

SUPLEMENTO INFANTIL - N. 10

Proezas do Lulú



Lulú — Quero umas botinas maiores, para que Papá Noel encha bem de brinquedos !

(fig. 6)

Reprodução d'um painel executado para a festa de Natal organizada pelo Instituto de Protecção e Assistência á Infancia.

A Carochinha

SUPLEMENTO INFANTIL - Nº 1



Estava num destes dias na Avenida um dos nossos policiaes exhibindo o seu novo fardamento,



quando de repente se acercou um endiabrado menino que tomando-lhe o braço convidou-o a indicar-lhe a redacção do «O Gato».



E foi com essas boas disposições que o policial marchou, seguido do traquinão, em direcção ao edificio onde está installada a nossa redacção.



E' alli, apontou o policial esticando o seu fura-bolos. De facto na Avenida Rio Branco lá está a tableta do «O Gato».



O travesso installou-se no elevador que temos á entrada e, chegando commodamente ao nosso escriptorio, fallou: «Eu sou o Lulú e venho offerrecer os meus serviços á «A Carochinha» do «O Gato».



Depois sentou-se junto da nossa mesa de trabalho e escreveu uma ltra que nos entregou.



Em seguida despediu-se e marchou para as escadas e sempre irrequieto o nosso Lulú chegou ao fim mais depressa do que pensava...



Nós, cheios de surpresa fomos ler. Era o Lulú que se dispunha a lutar com o Chiquinho, allegando que o peiz era norte-americano e pensava por brasileiro... Esperemos. (Continua)

A Carochinha

SUPLEMENTO INFANTIL - N. 2

AS PROEZAS DO LULU'



Lulú para combater o Chiquinho resolveu untar as pernas de pimenta do reino...



...e com os seus recursos próprios caminhou como um santinho



em busca do Chiquinho. Logo que o viu fingiu que olhava um passaro que voava...



continuando indiferente o seu caminho, deu um formidável tombo no Chiquinho e no Jagunço



Imaginem o desespero do americano do norte! Correu como uma flecha para o Lulú...



E chegando perto do nosso herói, o Chiquinho poz-se a fazer umas caretas ameaçadoras...



Tão ameaçadoras que o próprio Jagunço, se viu atrapalhado.



Como era de prevêr juntou gente que queria assistir ao desenrolar da scena... No proximo numero daremos conta do occorrido.

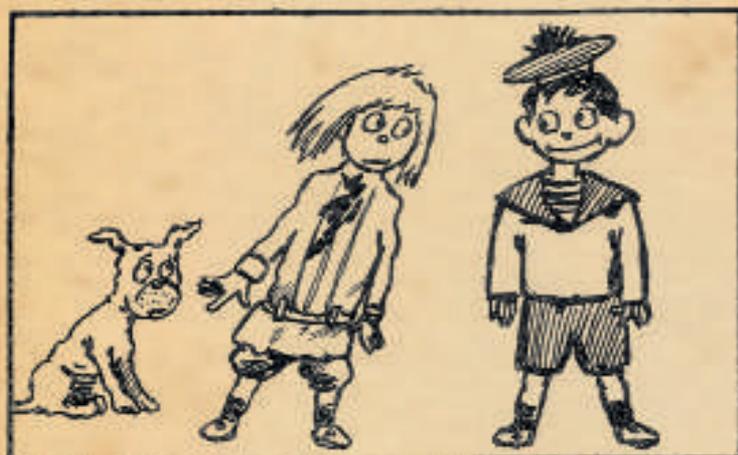
Por engano de paginação sahem neste numero mal collocadas as paginas 10 e 11, engano que o leitor corrigirá. O começo do conto "A aposta da Raposa" principia na pagina 11 e termina na 10.

A Barochinka

SUPPLEMENTO INFANTIL - N. 3

AS PROEZAS DO LULU'

CONTINUAÇÃO



Como dissemos, o Chiquinho fez toda a sorte de cartas ameaçadoras, mas o Lulu' a tudo se mostrava indiferente.



Nisto o Jagunço que ouvira da boca do Lulu' um insulto mais forte...



...atrou-se, como é de seu costume às pernas do rosso Lulu'. Isso mesmo é que elle queria!



Lulu' que havia untado as pernas com pimenta do reino...



pôz como é facil de prever o pobre Jagunço na mais triste situação



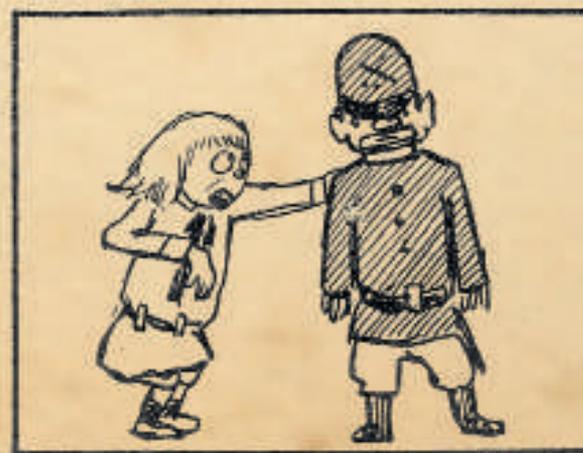
E era tal o desespero do cachorro que parecia uma peça de fogo de artifício.



O Chiquinho vendo o seu defensor em tão triste situação...



...jargou immediatamente o seu provocador e foi cheio de pavor, correndo como um leão, á procura d'um policial.



— Camarada...! Lá na esquina um pequeno atacou fogo no meu cachorro... disse o Chiquinho a tremer como varas verdes.



Enquanto isto se passava o nosso Lulu' ficou debaixo do olhar de sympathia dos assistentes á espera dos...

(fig. 9)
Continua.

A Carochinha

SUPLEMENTO INFANTIL - N. 4

AS PROEZAS DO LULU'

CONTINUAÇÃO



Como contamos no nosso ultimo numero, o Chiquinho foi chamar um soldado de policia para prender o Lulu, porque este pegara fogo ao Jaguço.



Enquanto isso, os circunstantes olhavam empadecidos o pobre Jaguço, que se sentia seriamente mal, em vista da boa dose de pimenta que inesperadamente havia lambido...



Atina! foram os dois para a Delegacia. Fez-se um interrogatorio em regra. E Chiquinho calou em contradições... Disse que era brasileiro e ficou provado que elle é da America do Norte e tem um nome arrevesado... E, por fim...



...ficou igualmente constatado por um serio exame medico que o Jaguço não tinha pegado fogo!

Foi a derrota do Chiquinho que nestas



condições teve que ir embora com o Jaguço, não se livrando de uma serla descompostura, passada pelo delegado...



Teve, assim, o nosso Lulu a sua primeira victoria... E' certo que para o futuro o nosso heroi pretende fazer outras proezas. Esperemos...

Juquinha, Giby e *Miss Shocking*

com os habitantes, figuras populares na época: vendedores de rua, lusitanos donos de armazéns, militares, guardas-civis, foliões, bêbados, garrafeiros, vagabundos, velhos, negros, transeuntes, doutores e professores, compartilhando de cenários como as enchentes, tão comuns ainda hoje no Rio.

A chácara da família de Juquinha era brasileira, assim como a culinária, as ruas onde disparava de bicicleta, o penico debaixo da cama do vovô e até os preconceitos, tudo é nosso.

Quanto à roupa de marinheiro, para que não o acusem de copiar a de Chiquinho, foi um fenômeno duradouro da moda infantil que atravessou do final do século XIX até os anos 40 no século XX. Era praticamente o uniforme da garotada naquele período, caro ao pequeno Proust e ao jovem Sartre.

O uso universal desse figurino infantil deve-se às fotos em que aparece vestindo os filhos do Tzar Alexandre da Rússia e outros herdeiros da realeza europeia, no final do século XIX.

A farda de marinha, uma carreira de elite, preconizava naqueles meninos de sangue azul os futuros almirantes. Eles seriam, por direito divino, comandantes das esquadras que na época representavam o poderio bélico das nações.

Outra versão para a moda é a de que ela teria sido difundida na Europa pelas reproduções da pintura do retrato do príncipe Edward, menino, vestido de marinheiro, pintado por Franz Winterhalter em 1846.

Mesmo assim, o modelo de Juquinha difere daquele do companheiro americano, nas calças, compridas e colantes para o Juquinha, e curtas e bufantes para o Chiquinho.

Na verdade, os trajes de Juquinha e os da classe média alta a que pertencia, certamente eram ditados por Paris, como quase tudo naquele início de século.



Quanto ao fato de Juquinha ser um menino igual a Chiquinho não se pode afirmar que J. Carlos tenha sido influenciado por Outcault.

A origem dos meninos endiabrados deve-se a *Max und Moritz* do alemão Wilhelm Busch (*Juca e Chico* no Brasil).

Plasticamente, o que mais impressiona em Juquinha é que, em sua fase *Tico-Tico*, foi totalmente desenhado em estilo *art nouveau*.

O Rio de Janeiro de Juquinha, não se pode esquecer, é o Rio da *belle époque*, voltado para os últimos figurinos, modismos e novidades francesas trazidas pelos passageiros dos paquetes que chegavam pontualmente à baía da Guanabara, ou importadas diretamente do grande magazine *Printemps* por um representante na cidade.

Depois do bota-abaixo, a remodelação da cidade e a abertura da Avenida Central deram ao centro do Rio um ar parisiense cujos vestígios ainda podem ser encontrados nos postes de iluminação do bairro da Lapa, próximos ao Passeio Público, no Largo da Carioca e na confeitaria Colombo, como um todo na arquitetura, decoração e vitrais.

J. Carlos, respirando essa *belle époque* brasileira para bem caracterizar seu primeiro personagem, desenha-o no estilo *art nouveau*.

É preciso ressaltar em Juquinha o traço e a sofisticação que J. Carlos, já no primeiro trabalho de vulto, ainda um novato, imprime ao seu primeiro herói, precursor de uma lista de nove, um toque francês.

E a *art nouveau*, merece uma digressão, foi um estilo artístico desenvolvido entre 1890 e a I Guerra Mundial na Europa e nos Estados Unidos que se espalhou pelo mundo.

O nome originou-se na galeria parisiense *L'Art nouveau Bing*, aberta em 1895 pelo comerciante de arte e colecionador Siegfried Bing.



Juquinha, Giby e Miss Shocking

O projeto de redecação da casa de Bing, apresentado na Exposição Universal de Paris de 1900 por *designers* modernos, conferiu visibilidade e reconhecimento internacional ao movimento.

A difusão da *art nouveau* muito deve a um grande artista checo conhecido: Mucha.

Alfred Mucha (1860-1939) nasceu na Boêmia e quando jovem artista transitou por Viena, Munique e finalmente Paris em 1890.

Em 1897, teve um grande golpe de sorte por meio de Sarah Bernhardt, a grande atriz da época, que se apaixonou pelo cartaz que ele fizera para o lançamento da peça teatral que ela estrelava.

Logo, todas as paredes de Paris estavam cobertas com seus trabalhos que iam desde anúncios de teatro até biscoitos champanhe (*fig. 11*).

O estilo Mucha tornou-se sinônimo de *art nouveau*, cujos maiores reflexos foram nas artes aplicadas: arquitetura, *design*, artes gráficas, mobiliário, tecidos, joias, encadernações, azulejos, painéis, cartazes e incontáveis objetos domésticos de uso diário.

Esse estilo decorativo, exagerado e assimétrico, foi um rebento do simbolismo com raízes no rococó francês e na arte japonesa.

Tornou-se claramente internacional, recebendo denominações variadas: *jugendstil* na Alemanha, *stile liberty* na Itália, *modernista* na Espanha e floral no Brasil, onde encontra-se em belo colorido, tanto no cenário como nas personagens no traço requintado de J. Carlos.

As características dessa arte estão presentes nas histórias de Juquinha, na decoração de cortinados, nos vasos de plantas, quadros, papéis de parede floridos, colunas com ramagens, estatuetas, etc.



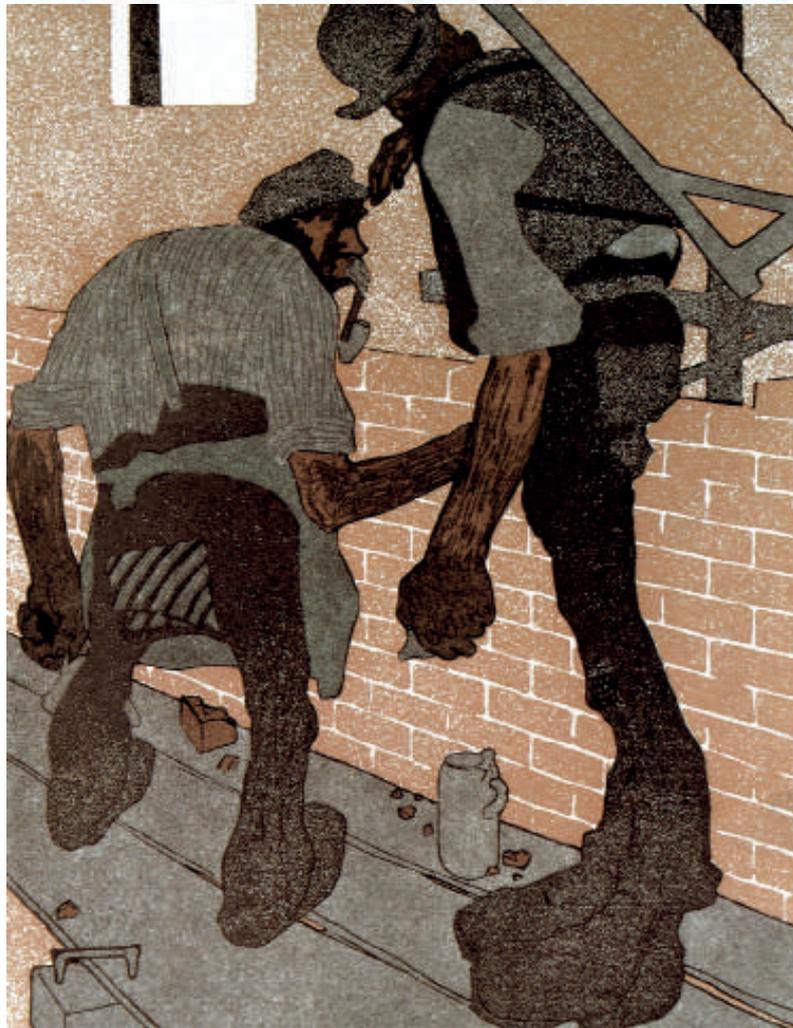


(fig. 11)



Juquinha, Giby e Miss Shocking

Encontram-se no próprio grafismo das calças onduladas dos personagens e coadjuvantes, semelhantes àqueles que aparecem nos cartuns de Bruno Paul da revista *Simplicissimus*, editada em Munique em 1901 (fig. abaixo).



Há motivos para crer que J. Carlos, embora não tivesse revistas alemãs em casa ou não soubesse a língua, o que é irrelevante, conheceu as linhas de Bruno Paul, algum dia, em algum lugar. Sem dúvida influenciou também caricaturistas brasileiros, como Seth e outros.

J. Carlos conheceu, como contemporâneo, os desenhos e cartazes *art nouveau* brasileiros.



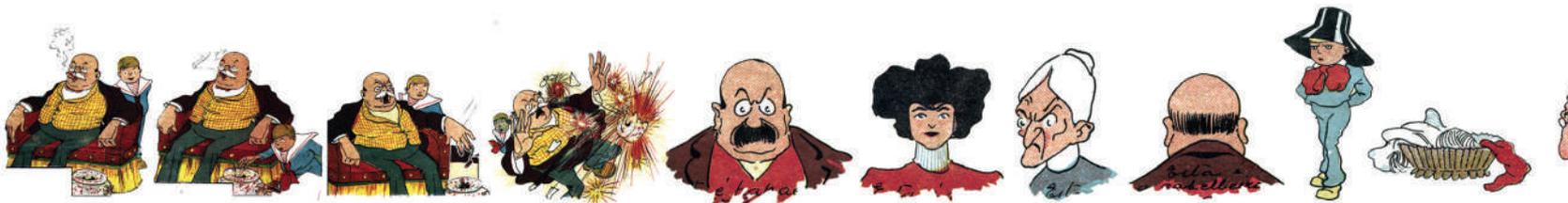
Cinco anos depois da explosão artística de Mucha, os artistas pioneiros d'O Malho, K. Lixto (*fig. 13 e fig. 14*) e Raul (*fig. 15*), já o copiavam. Faziam experiências bem sucedidas do estilo em cartazes de propaganda e ilustrações nos primeiros números da revista .



(fig. 13)



(fig. 14)

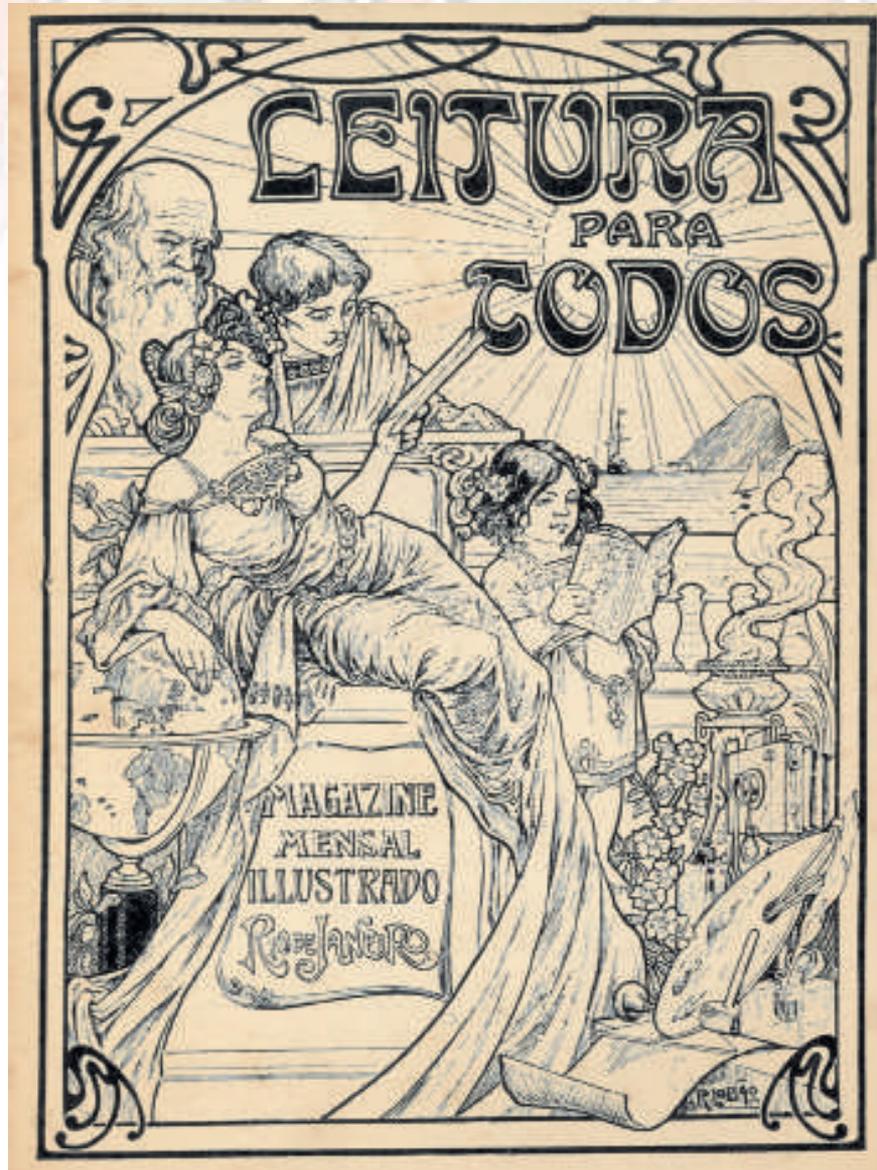




(fig. 15)

J. Lobão, desenhista e capista d'O Malho e d'O Tico-Tico, usou várias vezes o estilo. Quando a empresa decidiu, em 1905, lançar a *Leitura para Todos*, revista mensal de variedades, desenhou a capa em sépia, estilo *art nouveau*, utilizado até o nº 37, de março de 1909 (fig. 16).





(fig. 16)

Em abril, a partir do número 38, Lobão mudou o desenho da capa, mensalmente, passando a desenhá-la em cores. O estilo, com que inaugurou a primeira, foi tipicamente floreal e continuou assim nas que se sucederam.

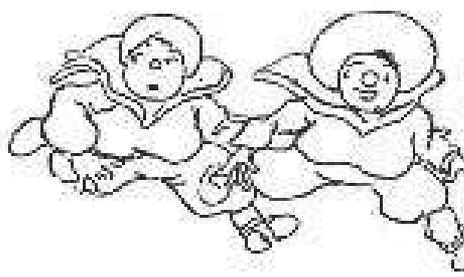
Infelizmente, além de K. Lixto, Raul, Lobão, J. Carlos e Helios Seeling, não foram muitos os que se interessaram ou se destacaram pelo estilo, no Brasil, para executá-lo como artistas ou pesquisá-lo como estudantes de arte.



Poucos são os nomes lembrados e o mais relevante é o do imigrante italiano Eliseo Visconti, considerado o precursor da *art nouveau* e do desenho industrial e gráfico, no Brasil, com obras em cerâmica, tecidos, luminárias e desenho gráfico. Nesse particular ele é o criador do *ex-libris* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

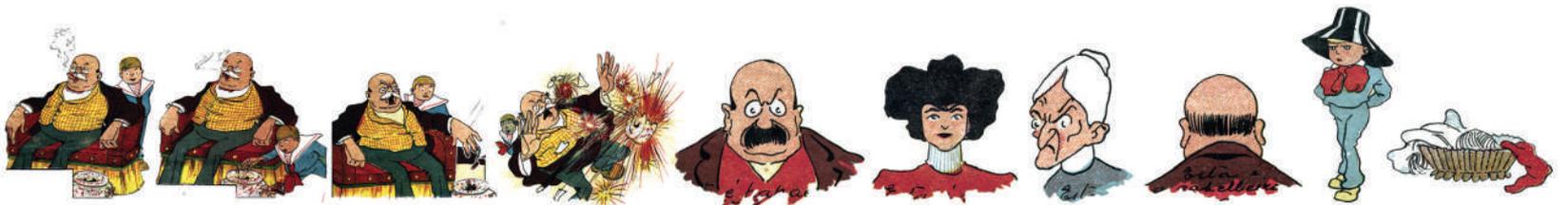






O procurado







s ilustrações das capas

e histórias em quadrinhos n'O *Tico-Tico*, diferentemente do que se costuma pensar, tiveram predominância dos artistas brasileiros nos três anos iniciais, 1905-1906-1907. A análise das capas, espaço nobre em qualquer publicação nesse triênio, comprova que a maioria era de autores brasileiros. Assim, em 1905, dos doze números editados pelo *O Tico-Tico*, lembrando que ele começou em 11 de outubro, dez foram identificadas como de autores nacionais.

Em 1906, das 52 capas produzidas, só 18 eram francesas e no ano seguinte, com o mesmo número de capas impressas, apenas sete eram daquela origem.

Ainda que só tivesse feito uma capa em 1905, J. Carlos foi o campeão nos anos seguintes, desenhando vinte e uma em 1906 e quarenta e duas em 1907.

Quanto aos quadrinhos, é importante ressaltar que a maioria dos desenhistas dessa época pioneira não eram principiantes no gênero, já que haviam passado por uma experiência ou estágio informal na adaptação da caricatura para as histórias em quadrinhos.



Essa aprendizagem não foi iniciativa dos artistas. Acontece que a direção d'O *Malho*, em 1904, interessava-se, comercialmente, em atrair a atenção e a fidelidade dos filhos dos assinantes.

Entre outras propostas, como texto de contos infantis e páginas de brinquedos para recortar e armar, começou a publicar histórias em quadrinhos e encarregou de pôr em prática essa última opção, desde o velho mestre do gênero, Angelo Agostini, até o jovem J. Carlos. Outros caricaturistas da revista, como Dudu (Cícero Valadares), Léo (Leônidas Freire) e Gil (Carlos Lenoir) integraram a equipe.

Em consequência do treinamento anterior nas páginas d'O *Malho*, Leônidas, Gil e J. Carlos dominavam as páginas dos quadrinhos d'O *Tico-Tico* em 1905. Agostini também colaborou bastante.

Lobão, capista veterano, autor das histórias em quadrinhos da capa e contracapa d'O *Tico-Tico* nº 1 e Alfredo Storni, iniciante, completavam esse quadro de desenhistas.

Dudu foi uma exceção, encarregado inicialmente de desenhar grandes ilustrações para os contos famosos publicados na revista, só vai começar, de fato, sua produção de quadrinhos a partir de meados de agosto de 1906.

Embora, no todo, O *Tico-Tico* fosse baseado no modelo editorial gaulês da revista *Le Petit Journal Illustrée de la Jeunesse*, cuja pauta copiava fielmente, observa-se também uma pequena mas forte presença da história em quadrinhos americana, marcada pela publicação de duas personagens de sucesso nos Estados Unidos: Buster Brown, aqui conhecido como Chiquinho e *Foxygrandpa*, o vovô esperto, que sempre se antecipava às peças que os netos tencionavam pregar-lhe. Nesse período já existiam heróis como os dois acima, de presença permanente nos vários suplementos dominicais americanos



ou nas revistas inglesas, todos autóctones como *Becassine*, a criada francesa, que já aparecia na *La Semaine de Suzette*.

Por uma consequência lógica, pode-se imaginar que os brasileiros que trabalhavam n' *O Tico-Tico*, antenados com a produção mundial, foram motivados a criar uma personagem brasileira, pois Chiquinho, que já se impusera semanalmente na revista, era uma adaptação de Buster Brown decalcada com papel de seda.

Esse trabalho difícil exigia criatividade e competência.

As personagens deveriam ser identificadas como nacionais, consistentes na ânima, permanentes no nome e no traço, que captassem a atenção do público e criassem raízes no imaginário dos leitores.

Uma pesquisa da produção desses artistas, que constituíam o núcleo inicial da revista, revela, entretanto, que poucos deles se esforçaram e só um obteve sucesso, pelo menos, na época.

Vários foram os motivos do fracasso ou desistência nessa busca criativa naquele momento:

– Como realização pessoal, já satisfeita, foi o caso de Agostini com seu Zé Caipora, que tanto sucesso alcançou junto ao público e até foi editado em fascículo. Compostos de seis páginas, quatro delas inteiramente em quadrinhos, esses fascículos, contendo quatro capítulos da história, devem ser considerados as primeiras revistas inteiramente de quadrinhos mundial. Sua primeira edição é de 1888 e nessa mesma forma gráfica continuou sendo impressa no início do século XX.

A bem da verdade, a direção d' *O Tico-Tico* lembrou-se de trazer para a revista a trinca de heróis, consolidada desde o século anterior: Zé Caipora, Inaiá e Cham Kan, suspensas desde que Agostini fechara o *Don Quixote*. A



tornando-se assim a quarta personagem na historiografia brasileira depois de Juquinha, Giby e *Miss Shocking*. Embora subestimado pelos críticos atuais e por Herman Lima, que só o cita pelas grandes ilustrações de contos célebres, Valadares, malgrado o traço mediano, é um dos dez desenhistas mais importantes pelo volume de colaborações n' *O Tico-Tico*.

É um dever de justiça lembrá-lo neste álbum.

Em abril de 1932, quando J. Carlos deixou vaga a incumbência de desenhar a capa d' *O Tico-Tico*, função que ocupava desde janeiro de 1924, Valadares o substituiu e iniciou, então, sua fase dominante na revista.

Cícero começou desenhando, na capa e no interior, ilustrações e histórias em quadrinhos de narrativas seriadas, algumas delas reedições como, *Semeadores de Gelo* e *A Ilha do Tesouro*. Sua posição não foi tão cômoda como a de J. Carlos, pois disputou o lugar com o novato e genial Luís Sá e o conceituado Nino, antigo profissional d' *A Gazetinha de São Paulo*, mas manteve-se sempre em evidência até fins de maio de 1937, quando foi substituído pelo excelente Osvaldo Storni, filho de Alfredo.

O seu trabalho mais recordado é a primeira versão para os quadrinhos do romance *O Guarani*, de José de Alencar, cobrindo duas páginas coloridas, em números distintos d' *O Tico-Tico*.

Alfredo Storni, um pouco mais tarde, foi o responsável pelas personagens nacionais antológicas d' *O Tico-Tico*, destacando-se Zé Macaco, ainda sem Faustina, criado em 6 de janeiro de 1909.

Dessa plêiade de desenhistas, coube a J. Carlos criar a primeira personagem dos quadrinhos brasileiros do século XX.

Ele possuía, além da juventude, criatividade, capacidade de trabalho e um traço excelente e muito pessoal. Qualidades que já eram marcantes



nas primeiras produções n'O *Malho*, onde apresentou-se pela primeira vez, provavelmente convidado, desenhando a capa em homenagem a Olavo Bilac, no n° 73, de 6 de fevereiro de 1904.

A caricatura do busto do poeta, cercado por uma auréola de estrelas era uma alusão ao célebre soneto do homenageado, *Ouvindo estrelas*.

Depois dessa passagem meteórica só começou a trabalhar efetivamente na revista a partir de 8 de julho de 1905, desenhando inúmeras anedotas, publicidade de todo o tipo e três histórias em quadrinhos.

A estreia e a primeira colaboração como profissional para O *Malho* foram com uma história em quadrinhos intitulada *O Verdadeiro Quadro* (fig. 17) que, apesar do subtítulo *História para Crianças*, tinha fundo político.

A história em quadrinhos que realmente vai marcar o seu início no gênero é intitulada *O homem das costas largas* (fig. 18) apresentada n'O *Malho* n° 153, de 19 de agosto de 1905.

Depois disso só mais uma história em quadrinhos no n° 155, de 2 de setembro de 1905. A temática, muito explorada na época, eram os transtornos causados aos moradores do centro do cidade do Rio de Janeiro pelas demolições e mudanças arquitetônicas radicais promovidas pelo prefeito Pereira Passos. Intitulava-se *Procurando a casa* (fig. 19) (conto autêntico para crianças).

O J. Carlos dos primeiros números d'O *Malho* já mostrava as qualidades que o acompanhariam para sempre. É determinado e laborioso, com traço quase sempre sofisticado e de belo colorido, o que não era comum aos outros desenhistas, excetuando Agostini. As publicidades, que faz na revista em páginas inteiras, coloridas, disputam espaço com as dos grandes mestres e nelas já se nota a presença de um garoto à marinheira.

(continua na página 71)





O VERDADEIRO QUADRO

(HISTÓRIA PARA CRIANÇAS)

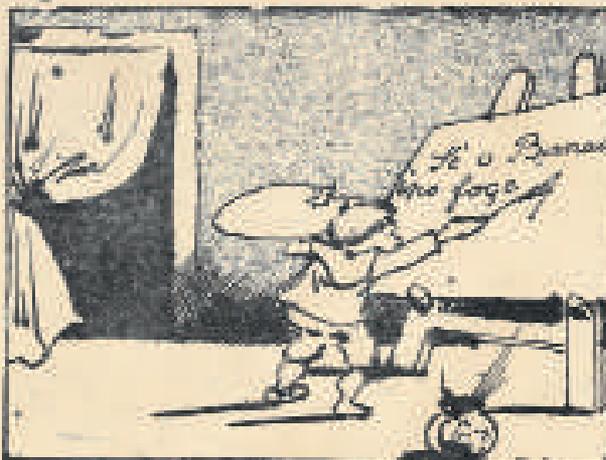


Pafúncio Holótopos, pintor famoso e respeitadíssimo, improvisava e contemplava, todo dia, uma bela gravura: para um quadro alagado e com título simbólico: *Alagados de pessoas para o ar*.

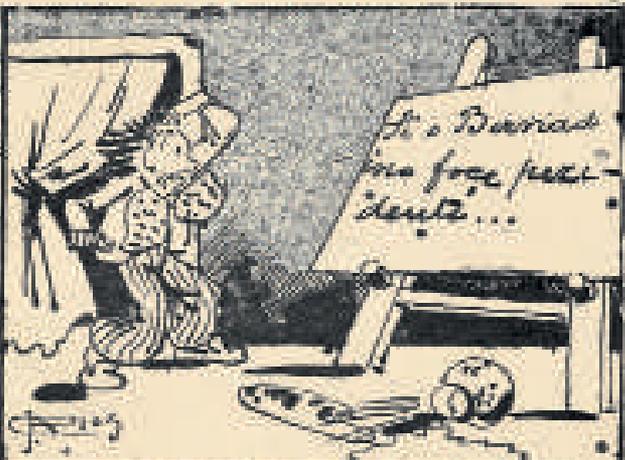
— Ah! — admirava o todo mundo pelo o bobo!



Ele sempre lembrava de que era filho de um grande e respeitadíssimo Holótopos, mas esquecia de que tinha seu filho levado da casa. Foi Pafúncio voltar pela porta dos fundos do livro, e logo o Afonsozinho voltou pela janela,



... e, segurando o peltete, e a pérola do papel, passou a escrever com orthografia: uma frase que se já sabemos mais popular que a *Grife de Bóris*, uniu a música do Ueno e os célebres versos do grande poeta João Perinópolis.



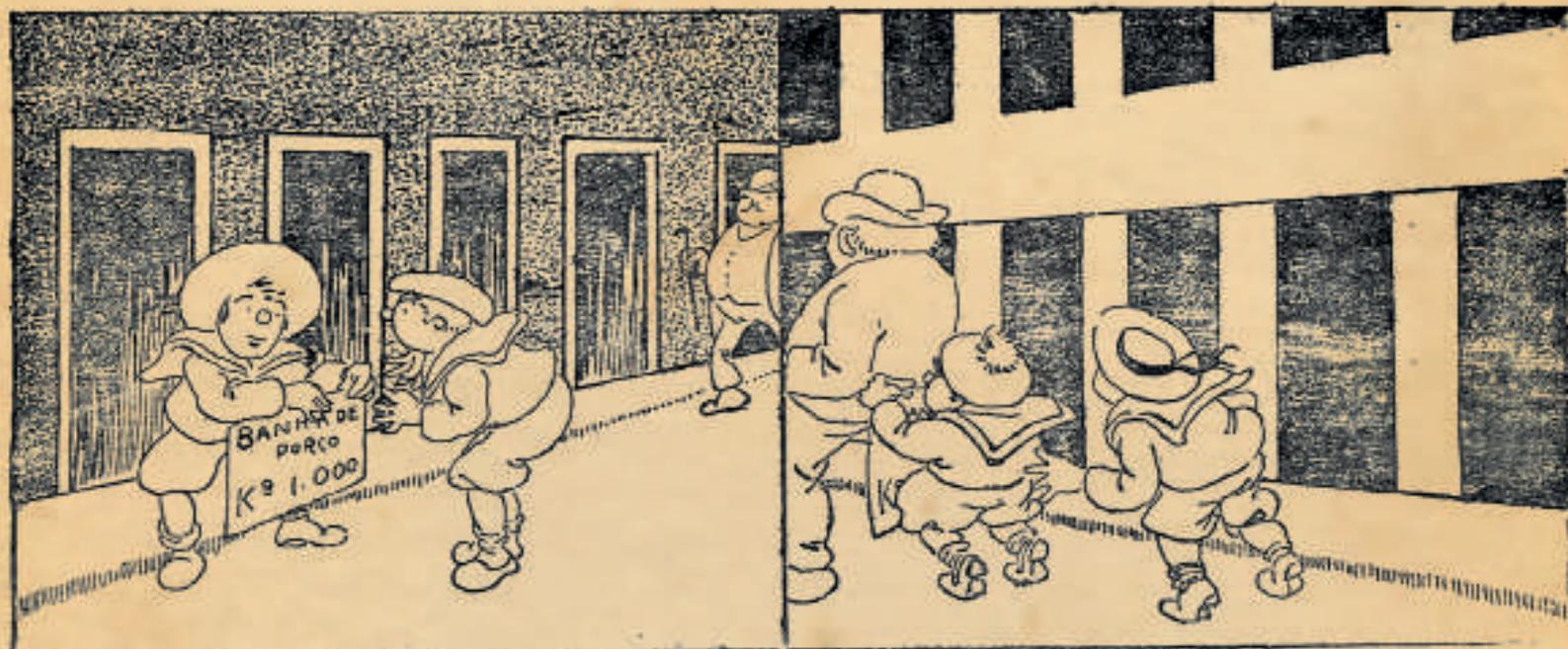
Quando Pafúncio voltou e deu com a lousura de três linhas de letras, sabia a hora. Já era entrar o Afonsozinho e desmontar o bobo. Mas, depois, voltou a ler: — *Acorda!* Nenhuma frase está sob o meu quadro — *República de pessoas para o ar*.

(fig. 17)



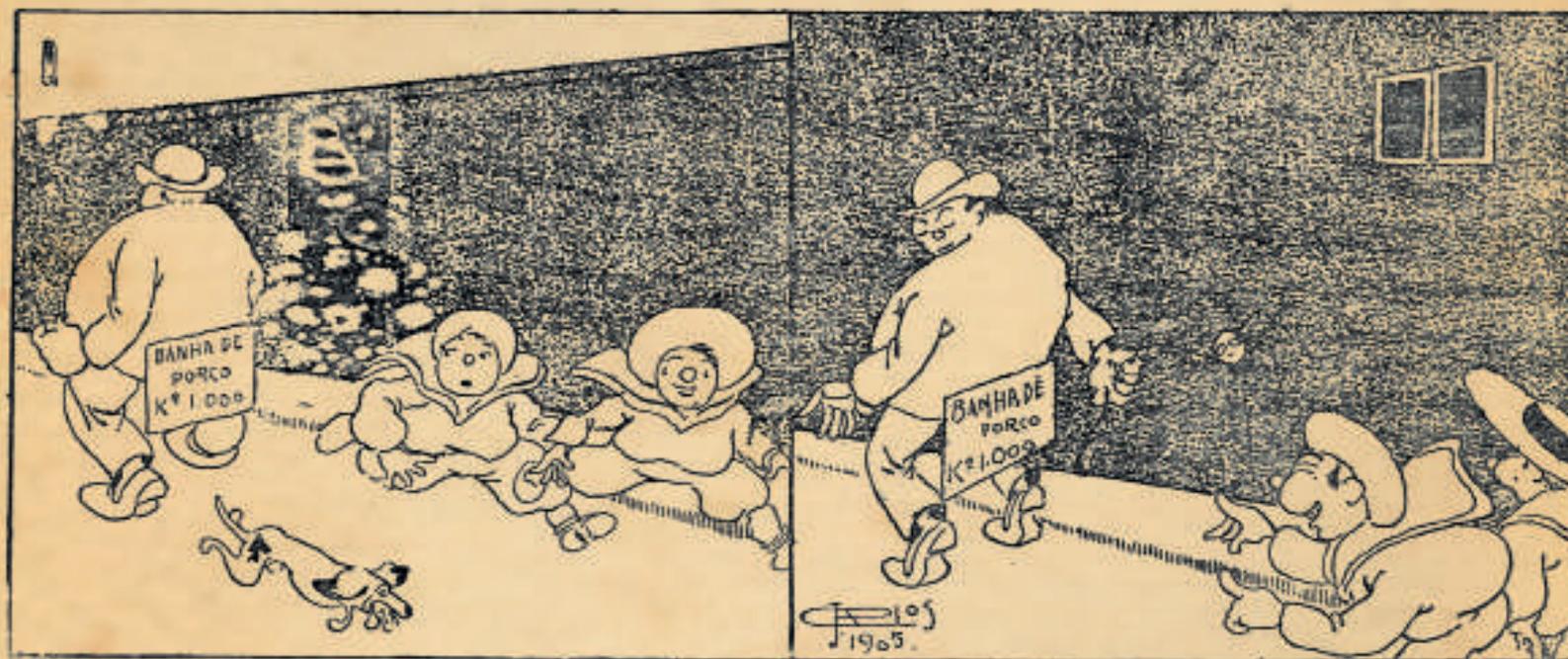
O HOMEM DAS COSTAS LARGAS

[CONTOS PARA CRIANÇAS]



— Uê!... Onde você arranjou esse anúncio?
— Foi papai que mi deu p'ra eu pregá em qualque logá...
— Você mi dá elle?

De posse do cartaz, o Juquinha não perdeu tempo e, com as cautelas que o caso requeria, pregou-o na alca do casaco de um sujeito muito gordo que passava...



Foi uma pandega! Todo mundo achava graça n'aquella pilheria que parecia anunciar a banha do proprio homem das costas largas.

Quando viram que o barulho crescia, os pequenos azularam aos gritos de: — Banha com pernas, a dez tostão o kilo!

Foi então que o homem das costas largas descobriu o rabo de papel, mas, coitado! tinha os braços muito curtos e não podia arrancá-lo.

Os dous pequenos trocavam-no a valer e o pobre homem resolveu entrar no primeiro corredor para tirar o casaco.

PROCURANDO A CASA

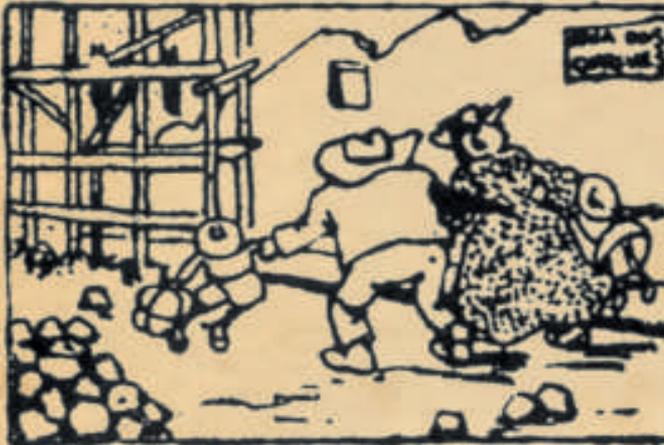
(COMO AUTHENTICADO PARA CRIANÇAS)



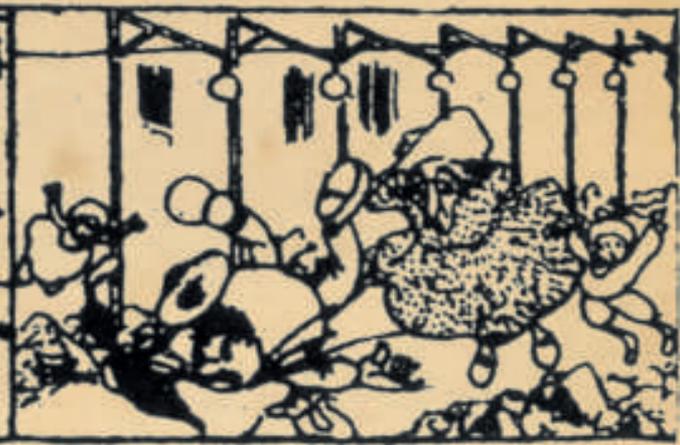
Quando Anacleto Serapião Barata regressou de Pirapora, onde fora passar dois meses na casa de uns parentes só para fazer a vontade a mulher, dirigiu-se logo para a rua d'Ajuda, em busca da sua casa, sarro para descansar, deitando-se a fio comprido na sua cama larga e fôfa, que era um regalo...

Ficou, porém, horrorizado, quando, depois de muitas voltas, reconheceu que não só lhe faltava a sua casa como até a própria rua.

— Olha, Gertrudes, era aqui defronte do largo da Mãe do Bispo. E agora? Para onde nos teriam mudado? Só vejo pedras, lâmpões e fios...



D. Gertrudes lembrou, então, que se devia procurar a casa do dentista da família. Era na rua dos Ourives. Para lá se dirigiram com as crianças e os embrulhos, mas nada encontraram. Tudo estava mudado! Casas demolidas e outras em construção...



Julgando que tivesse havido um terremoto, largaram a correr em direcção à Prainha, onde residia um compadre da família. Estonteados e patetas, tropeçaram em um montão de escombros e toda a família foi de ventas ao chão. As crianças abriram a guelha...



Chegam, afinal, à Prainha; mas já em vez da rua estreita e tortuosa, cheia de casas velhas, encontram uma larga avenida, repleta de belos e espaçosos prédios. Da casa do comadre nem sombra. Tudo mudado. Tudo novo!

— Maldito seja o tal progresso e mais quem o inventou — vociferava D. Gertrudes.



Depois de muito matutar, Anacleto Serapião Barata resolveu ir à redacção de um jornal para que fosse publicado o seguinte anúncio: — «Precisa-se de saber que fim teve e onde pára a casa em que eu morava com minha mulher e meus filhos. Cartas neste escriptorio a A. S. B.»

PROCEM O DELICIOSO SABONETE RIFER

N'O *Tico-Tico*, manteve o mesmo ritmo de trabalho, incansável e persistente na caminhada em busca de uma personagem brasileira, tanto quanto tortuoso na adequação de um estilo gráfico, muito pessoal, para marcá-la.

Essa personagem, ainda em gestação, mas com linhas mestras esboçadas no *O homem das costas largas*, ele não sabe, mas estão latentes no seu subconsciente.

Ela vai ressurgir, anônima e colorida, na *História sem palavras* (fig. 20), na dupla estreia, dele e do primeiro número d'O *Tico-Tico*, em 11 outubro 1905.

A diagramação dessa história em quadrinhos, sem texto, é semelhante às que apareciam no *Le Bon Journal*, uma das pioneiras francesas do gênero infantil, até com a tradução do mesmo título genérico: *Histoire sans parole*.

A segunda produção de J. Carlos, no número seguinte, chama-se *As desventuras de Seu Júlio* (fig. 21), uma história em duas páginas, monocromática. Um derivativo, sem maiores intenções, como que um exercício estilístico.

A terceira no mesmo número, colorida, intitula-se: *O velho casal, a fada e a linguiça* (fig. 22).

A quarta história em quadrinhos do artista carioca, em 1º de novembro de 1905, intitula-se *Uma ideia do Ari* (fig. 23), já no rumo de sua futura personagem.

A quinta, *Lulu e Lóló* (fig. 24), uma página colorida é de 8 de novembro de 1905.

A sexta é *A Vingança de Gagá* (fig. 25), muito importante porque marca a primeira aparição de J. Carlos, na capa d'O *Tico-Tico*, em 15 de novembro de 1905.



O Tico-Tico

AS DESVENTURAS DO SENHOR JULIO



O seu filho, convidado para ir a festa de aniversário, veio ao respos do comendador Pedregosa, apressando-se a ir, mas, ao chegar para a desastrosa festa.



De repente ouviu-se um grande grito. Era a filha do filho do comendador Pedregosa. O seu filho acabava de lhe pisar um pé, com tanta força, que ela se tornou de dor. Não se esqueça, no entanto, o tamanho do pé de seu filho é maior nem que ele calça botinas n. 45!



Recebido com todas as elegâncias, pela comitê de recepção e querendo também fazer-se muito amável, seu filho trocou na lapela da costura e foi se estendendo ao comprimento. Felizmente isso não fez nada.



O comendador Pedregosa correu, correndo muito, e logo depois, o filho foi varregado em bruto. O seu filho, porém, não era com quem ele se doía!



Dali a pouco seu filho voltava com Luís, a filha mais velha do comendador Pedregosa, uma formosa moça por quem ele já se apaixonara. O seu filho tem um coração de fogo. Oh! Oh! mentes que se inflamam. Apaixone-se por todas as moças!



Ficou tão entalado que mal a comendadora Lúcia se levantou, já acalmada, ela foi pedir-lhe desculpas. Ainda, porém, o não fizeram, porque a moça se sangrou toda, quando ele lhe disse: — Quebra perdão, D. Luís, quebra perdão! Mas também a senhora tem um pé tão caprichado para fora!

(fig. 21)



O Tico-Tico



Dali a momentos estava seu Júlio explicando o des-
gosto a um amigo, quando encontrou esse rapaz e gen-
teirão, a fim de não se desvencilhar, os homens de chá e das
biscaites, que o tirado trouxe.
Quando passou as crianças, os pães e lá se foram pelo
terra fora o chá e o açúcar.



Devendo pagar, seu Júlio ainda mais se atrapalhou
e mal chegou a casa, jogou os pés no sobretudo, que
arrastava, e foi ver o fundo de uma caixa de fumaça,
se quando se levanta.



Depois disto, seu Júlio acompanhando que, quando
faltou o melhor era voltar ao.
Mas foi buscar o seu sobretudo na sua cartola. Mas
lá não encontrou...



Por que deu pela troca. Perigos, então aliás, quando
já o João de a Três Pernas se dirigiu para a portão, em
busca da sua cartola e do seu sobretudo, trouxe o sobretu-
do e a cartola de um pequeno. O pequeno, que era melhor
do Tico-Tico, e por isso sempre mesmo que, por a barba de
travada e rugosa e pelo de seu Júlio.



Tão atrevido que, sem ver o que fazia, vestiu um
sobretudo de lã das Três Pernas, que o Júlio e gente
como um pigarro, e pôs na cabeça a cartola do mesmo.
Quando ele passou, foi um sucesso de risada!



Sá como logo, seu Júlio não tanto ficou ainda. Desta
vez ficou mesmo aliás! A prova é que tal lá dentro e, um
lugar de sua cartola e do seu sobretudo, trouxe o sobretu-
do e a cartola de um pequeno. O pequeno, que era melhor
do Tico-Tico, e por isso sempre mesmo que, por a barba de
travada e rugosa e pelo de seu Júlio.

(fig. 21)



O VELHO CASAL, A FADA E A LINGUIÇA



O velho João e sua mulher «Joana» viviam-seja tiverem em que viviam, sentados em frente à sua tapera, junto a uma fogueira em que aqueciam os pés. Não precisamos saber desta situação, acidentalmente é necessário que uma pessoa se mexa, porque não há mais fadas que apareçam de repente para dar riquezas à gente.



Ainda João não acabava de pronunciar estas palavras quando uma linda fada, avolta em estrelas de fogo, lhes apareceu. João, «sua Joana» e o cachorro espantados, quiseram fugir. Mas a fada lhes disse: — Peçam-me três coisas, três apenas, o que quiserem, que eu lhes darei. Assim, três coisas.



A fada desapareceu e logo desapareceu. E «sua Joana» murmurou: — Eu por mim o que mais queria agora era uma linguiça em cima desta fogueira porque estou com fome. Imediatamente apareceu uma linguiça sobre a fogueira, chitada, cheirosa. João ficou furioso: — Velha maluca! Pedir uma linguiça! Devíamos pedir dinheiro! Gula! Tomaram que a linguiça se grudasse agora na ponta do teu nariz!



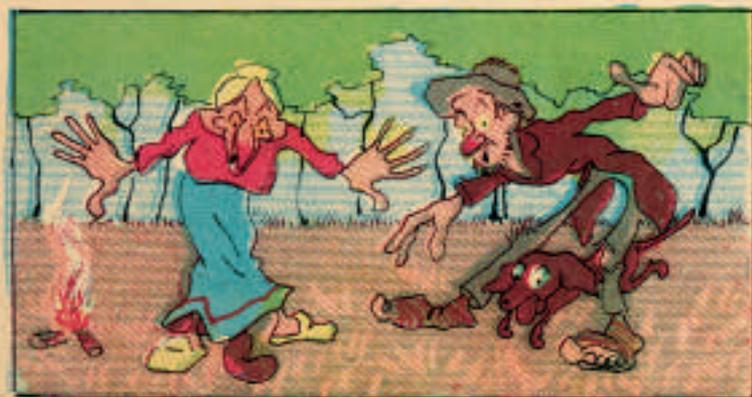
Ainda ele não acabava de dizer isso e já a linguiça se grudara na ponta do nariz de «sua Joana». A velha começou a sacudir o nariz nos grãos, mas a linguiça não caía, com grande pesar do cachorro, que estava ali à espera. E João tomou as mãos, aflito.



— Não peça mais nada, «sua Joana!» Não peça mais nada que agora só temos uma coisa a pedir à fada, horrível coisa. Agora vamos pedir dinheiro, muito dinheiro e então compraremos uma linda casa de ouro para nós escondida cara.



«Sua Joana», presa, sacudindo sempre o nariz pedindo a moedinha. — João, «sua» malvado! pois que é que você me fez pedir isto? — E você para que é que pediu linguiça?



Afinal, não pediram mais, «sua Joana» pois que a linguiça lhe cabou no nariz. Imediatamente a linguiça lhe caiu do pé. Mas «sua» não podia pedir mais nada. João não podia as três coisas, a que a fada lhes dera direito.



Estão o velho João, com resignação, lhe disse: — Não faz mal; esta coisa chateou para os mostrar que as grandezas são um perigo. Continue nos pés a viver a vida pobre, mas sem ambições. Assim, a única coisa que com estas concessões da fada foi o cachorro que comia linguiça.

UMA IDÉA DO ARY



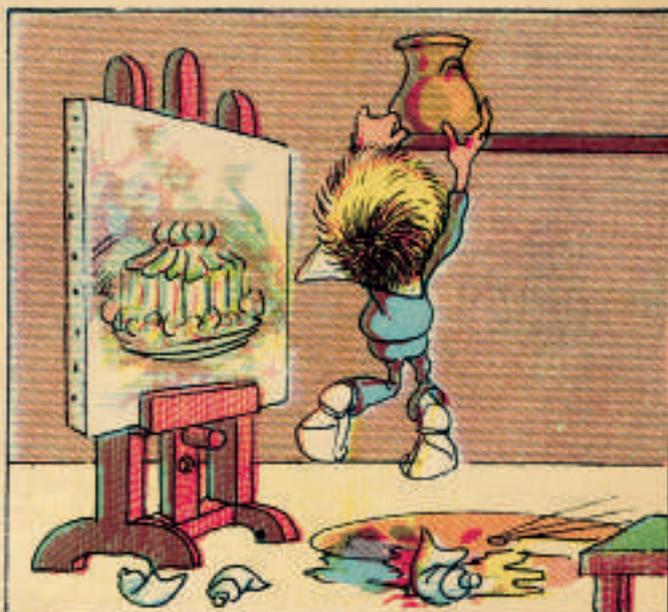
Semicapão Trocatimbas pintou com excessivo cuidado um magnífico prato de doces.



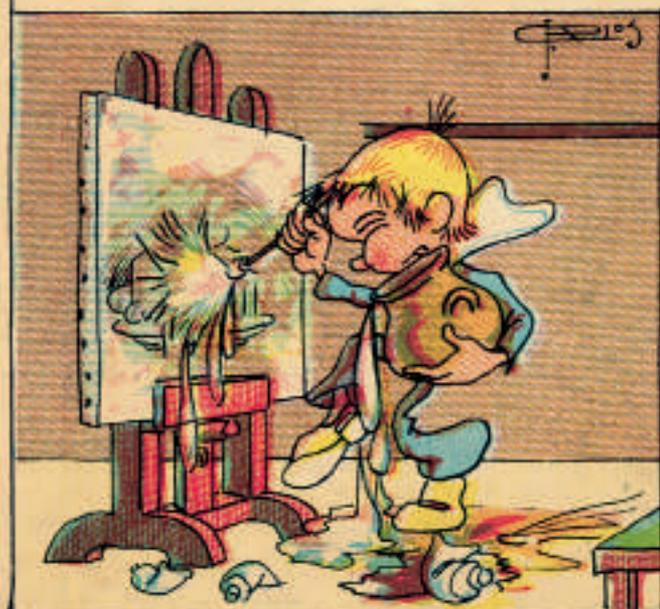
Ary, seu filho, o menino mais tranqüilo que até hoje apareceu, entrou no atelier de Semicapão e, admirado deante do talento de seu papá,



... resolveu imitar-o.



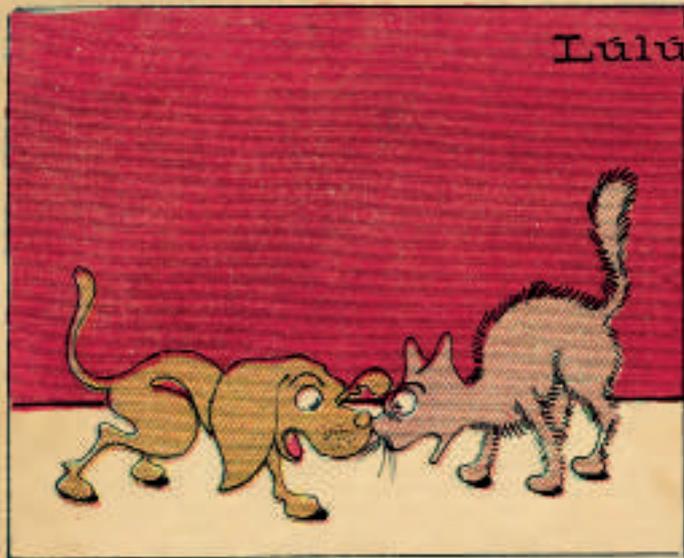
Com grande dificuldade conseguiu retirar de uma prateleira um boião que estava cheio de melado.



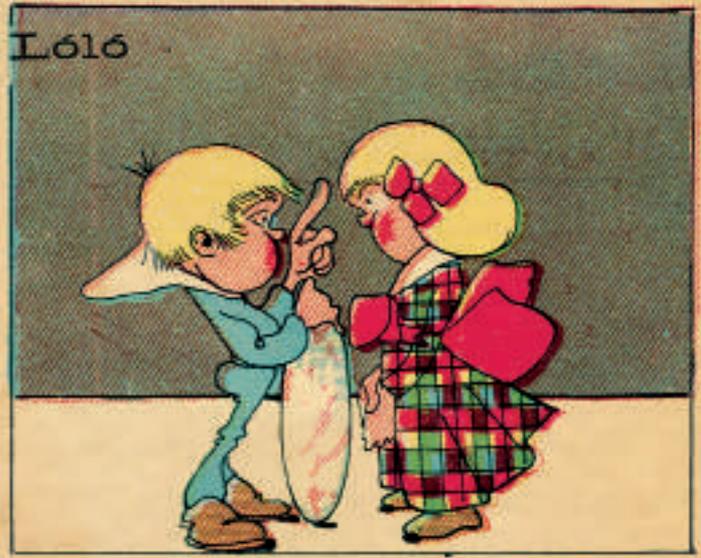
e, compenetrado de que também era um grande artista, meteu uma enorme brocha na vasilha e lambuseou a teta toda.



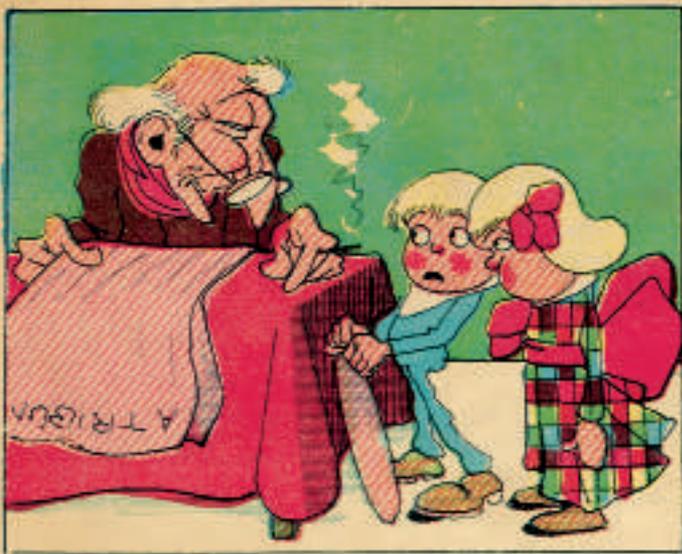
Imaginem agora, pequeninos leitores a cara com que ficou Semicapão ao ver o seu prato de doces completamente coberto de moscas.



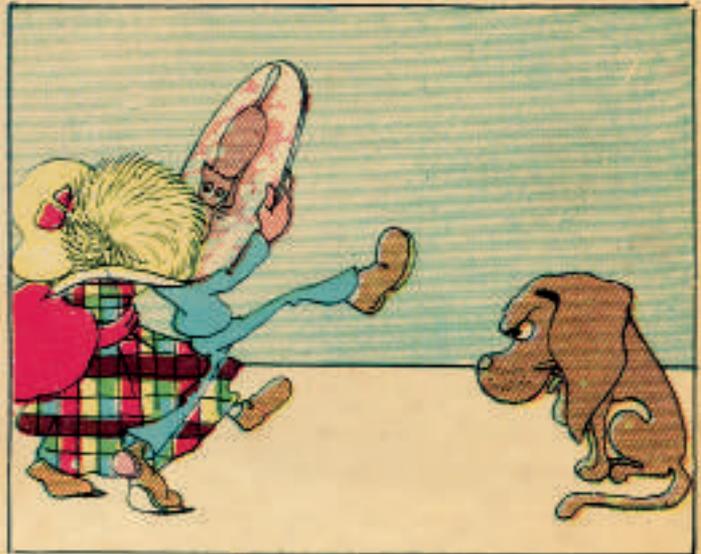
Puf é um cachorro muito malcreado que vive só querendo brigar com o *Pompon*, um gatinho de muito juízo.



Lulú e Lóló revoltados contra o incorrigível *Puf*, resolveram castigá-lo e tomando uma tampa de caixa de papelão ...



dirigiram-se ao bom vovô e com meiguice pediram-lhe para que desenhasse na improvisada tela o retrato do *Pompon*.



O vovô que é bom como todos os avós concedeu-lhes o original pedido e em pouco tempo



o Lulú e a Lóló colocaram diante do genioso *Puf* o retrato do pacato *Pompon*.



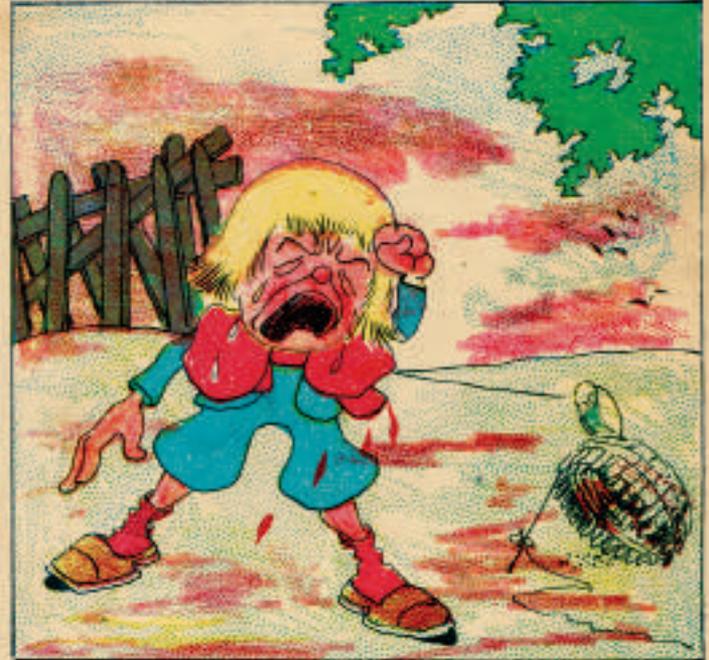
A raiva do cachorrinho não se fez esperar e furiosamente precipitou-se contra o seu adversário que falso como era desapareceu fazendo com que ele cahisse redondamente em uma bacia cheia d'água que para esse fim fora ali collocada.



A VINGANÇA DE GAGA



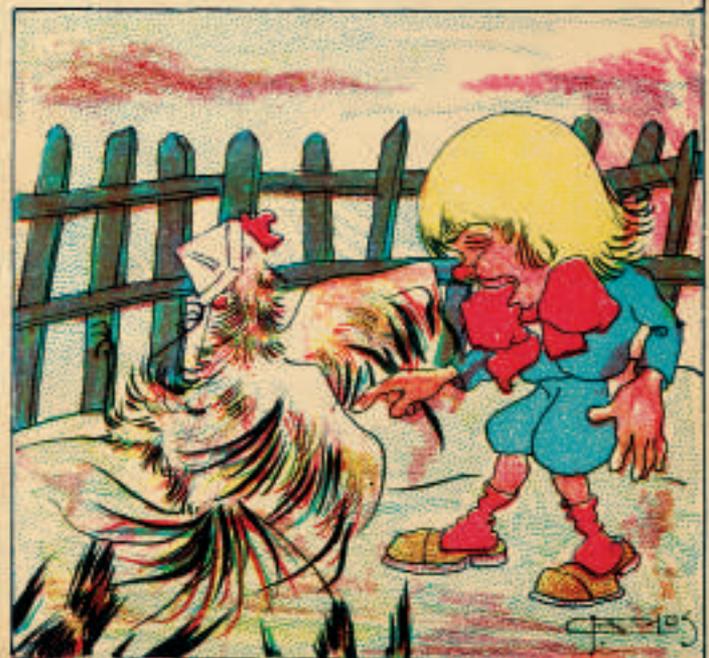
Sempre que o Gagá ia dar milho às galinhas o gallo, esfomeado, arrastava-se sobre elle, querendo arrancar na cuia do milho.



E o resultado era que, sendo o gallo muito pesado e muito heuto, arranhava com as unhas o Gagá, que sabia chorando.



Mas o Gagá resolveu um dia vingar-se. Fez um chapéu de papel, collocou-lhe um grão de milho no fundo, e approxinou-se do galliñeiro. Pousou a cuia de milho de um lado e mostrou ao gallo o grão de milho no fundo do chapéu.



O esfomeado do gallo arruçou logo para o fundo do chapéu. Como veem o chapéu enterrou-se-lhe no bico e então, enquanto elle pulava e batia as azas, desesperado, as galinhas comiam soccedamente o milho que o Gagá lhes dava. E o Gagá ria a bandeiras despregadas.

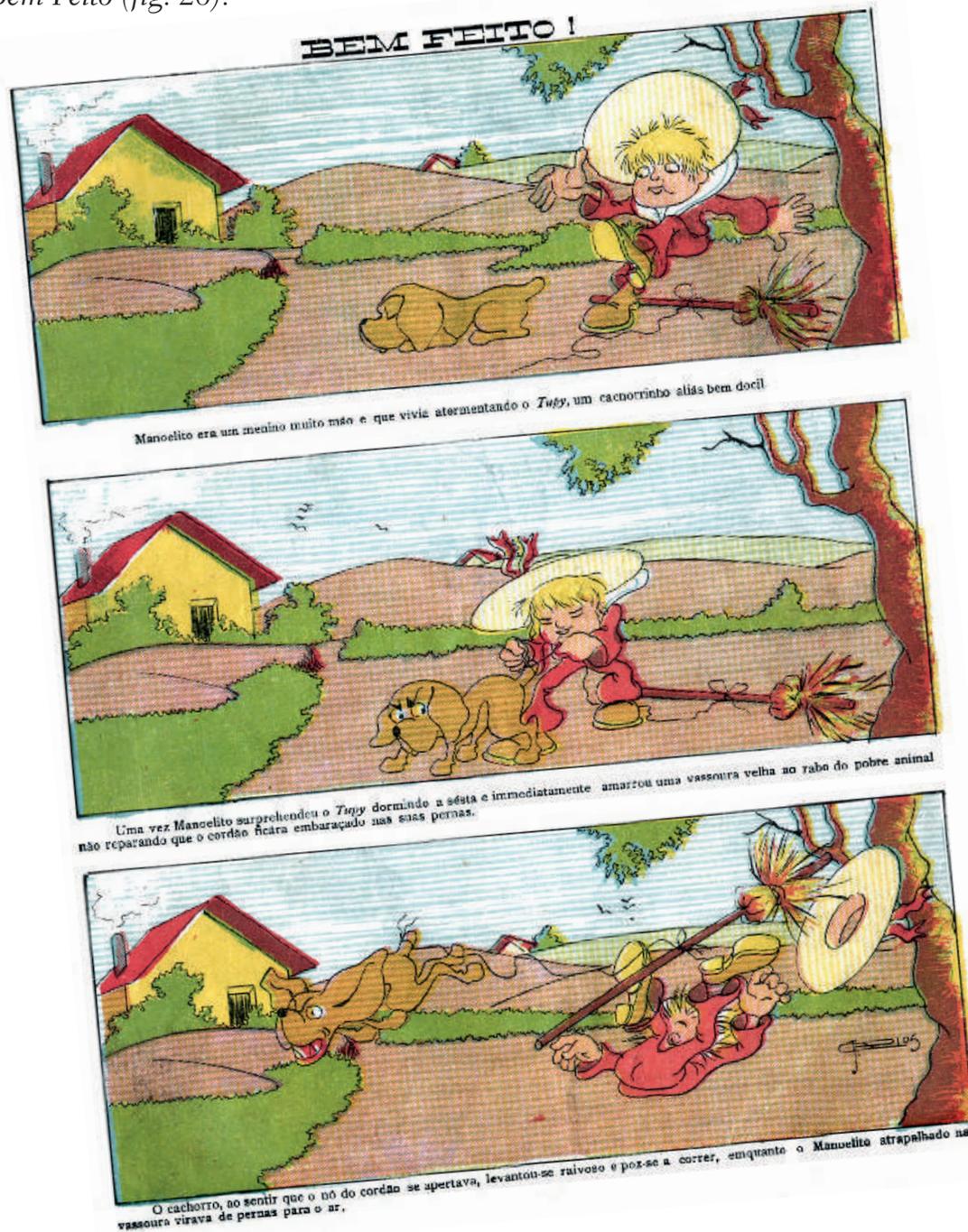
(fig. 25)

Memórias d'O Tico-Tico

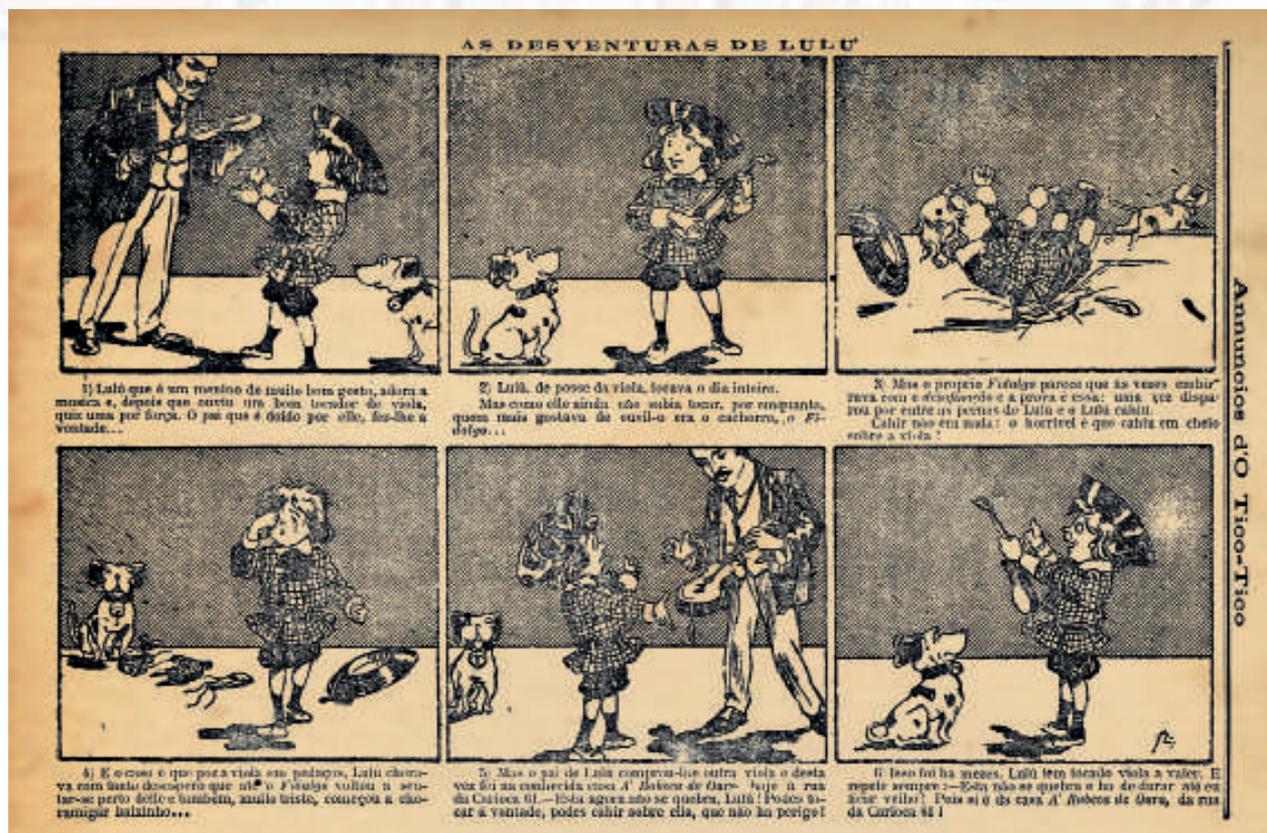
ATHOS EICHLER CARDOSO

Seguem-se outras experimentais com personagens sem nome e nenhuma documentação para a posteridade que J. Carlos assina com pseudônimos. Mas, a maioria com o mesmo padrão: menino, brincalhão, louro, vestido de marinheiro.

A sétima e última do ano de 1905, em 6 de dezembro, intitula-se *Bem Feito* (fig. 26).



As *Desventuras de Lulu* (fig. 27), de 16 de janeiro de 1906, em preto, quando ele modifica muito o estilo, mostrando no todo uma semelhança com o desenho de Outcault, o artista de Buster Brown.



(fig. 27)

Todas as histórias em quadrinhos até agora comentadas estão com sua assinatura, embora o estilo com que as desenhou, mesmo anônimas, não deixariam dúvidas da sua autoria.

Entretanto, J. Carlos é uma entre outras raposas daquele tempo que, por necessidade profissional, experimentação gráfica, ou gosto de desafiar a argúcia do leitor, são camaleônicas, na diversificação dos estilos.

Armando Sgarbi, o competente fanzineiro e mestre em quadrinhos na Academia da Vida, nos faz acreditar num pequeno ensaio para o fanzine *Suplemento Ilustrado*, tratando de caricaturas propriamente ditas,



que as histórias em quadrinhos assinadas por Joselito, Manuelito, Gagá e principalmente Cruz, encontradas aqui e ali n'O *Tico-Tico*, são também de sua autoria (fig. 28).

É bom lembrar que, anteriores ou paralelas a essas histórias em quadrinhos, somam-se os numerosos desenhos de anedotas e publicidades com meninos e meninas, sozinhos, em pares ou em grupos. Num padrão mais constante, os garotos com que preenche os espaços nas páginas d'O *Tico-Tico* e, ao mesmo tempo, n'O *Malho* onde permanece trabalhando.

Voltando ao passado, o exemplo mais importante pela sua ligação com *O Tico-Tico* é a sua primeira publicidade para *O Malho*, em que um casal de meninos comenta o próximo lançamento da revista infantil.

Entretanto, muitas vezes essas crianças causam estranheza, disfarçadas em outros estilos, mas geralmente mantendo as características do cabelo louro e da roupa de marinheiro.

Essas pequenas mutações, experiências, até regressões, como foi *As Desventuras de Lulu*, já comentadas, acabaram resultando numa versão definitiva da personagem que só abandonaria definitivamente em 1913.

A borboleta recém-saída do casulo tem nome fixo para marcá-la na memória dos leitores, superando um outro problema que os desenhistas anteriores não conseguiram solucionar.

Esse nome, ele tinha no bolso do colete: Juquinha. O mesmo daquele que criara em *O Malho*, na sua segunda incursão vivencial pelos quadrinhos.

O Juquinha é apresentado formalmente ao público por seu “primo” Chiquinho no nº 19 d'O *Tico-Tico*, em 14 de fevereiro de 1906.

Na realidade, Juquinha, como já se enfatizou, nunca teve primo ou prima. J. Carlos aproveitou-se do prestígio isolado que Chiquinho tinha



n'O *Tico-Tico* para criar esse grau de parentesco, oportunista, fugaz, valorizando a estreia da personagem que criara.

Com isso é possível que tenha confundido Drummond e prejudicado a longo prazo o *status* de sua personagem nos quadrinhos brasileiros.

Juquinha é diminutivo carinhoso de Juca, apelido para José, nome comum, muito usado naquela época e ainda hoje no Brasil.

O mesmo apelido da personagem criada n'O *Malho* para a segunda história em quadrinhos, realmente de cunho infantil, *O homem das costas largas*.

Enfim o primeiro nome de seu criador José Carlos de Brito e Cunha.

J. Carlos não se deixou cair na “vala comum”, denominando de aventuras ou desventuras, clichê dos títulos dos demais personagens, as peripécias da sua criatura. Prefere intitulá-las *O talento do Juquinha*.

Talento, no caso, é a aptidão natural, a habilidade adquirida ou engenho que Juquinha, inteligente, tinha para montar artimanhas contra parentes e estranhos.

O talento do Juquinha ocupava uma página completa das poucas coloridas d'O *Tico-Tico*. As traquinagens do garoto brasileiro da alta burguesia eram condensadas em um painel, ou diversos quadros que explodiam em cores.

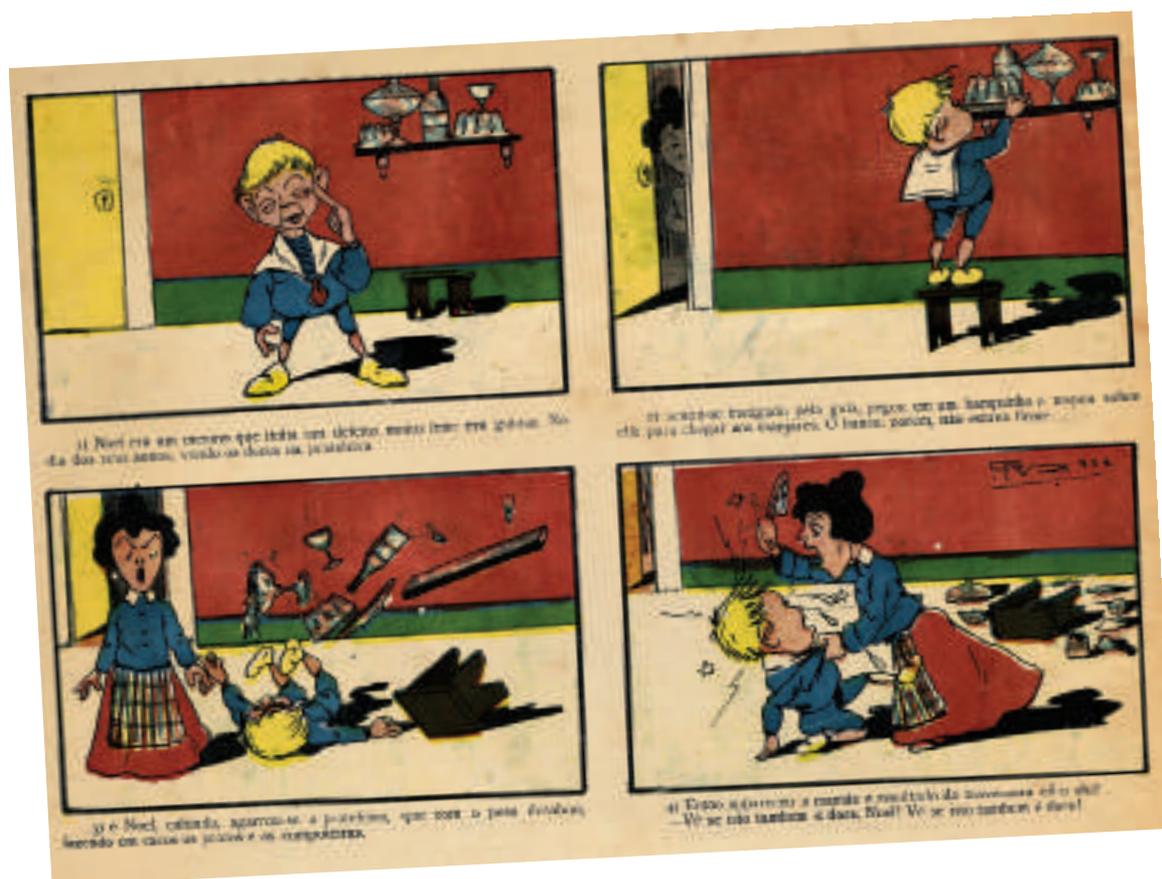
As histórias mais longas foram apresentadas em continuação, uma página por edição da revista, como foram as sete da história *Proezas de Bicicleta*, um clássico dos quadrinhos, que descrevia os incidentes provocados por Juquinha, pedalando o veículo a toda velocidade e atropelando transeuntes e comerciantes no centro do Rio.



A temática baseava-se na vivência dos meninos urbanos daquela época que, sem distrações tecnológicas, davam asas à imaginação, divertindo-se com brinquedos improvisados e travessuras ardilosas, cujo alvo eram parentes, professores, criados, animais, utensílios, decoração caseira e membros da comunidade.

O Retrato do Visconde, O Sapão, O Bicho Papão, O Sono da Vovó, Juquinha e o piano, O Taverneiro, O Aniversário do papai, Mamãe vai ao teatro são títulos que dão uma ideia geral dessas historietas.

Não vamos nos deter nelas pois o leitor terá o privilégio de apreciá-las a seguir, como tantos outros o fizeram um século atrás. Estão reunidas nesse álbum.



(fig. 28)



O TALENTO DO JUQUINHA

JUQUINHA-MILITAR



APRESENTAÇÃO

Clayton! — Aos meus bons amiguinhos d'O Tico-Tico apresento a meu primo Juquinha, cuja vida é também cheia de aventuras, dignas de consideração.

— Já apresentado, entre em scena. Com licença.
Pois começar é bom prevenir aos meus futuros admiradores que eu sempre tive grande vontade de ser militar. É por este motivo

apostei uma vez com os meus camaradas que era capaz de sair à rua com um chapéu de general e dentro em pouco voltar acompanhado pela minha ordenança. Duvidaram.



Imediatamente parti em procura de um soldado que me apparecesse sem grande trabalho.

Camarada, disse-lhe eu, aqui adiante precisa-se de um soldado. Siga-me.

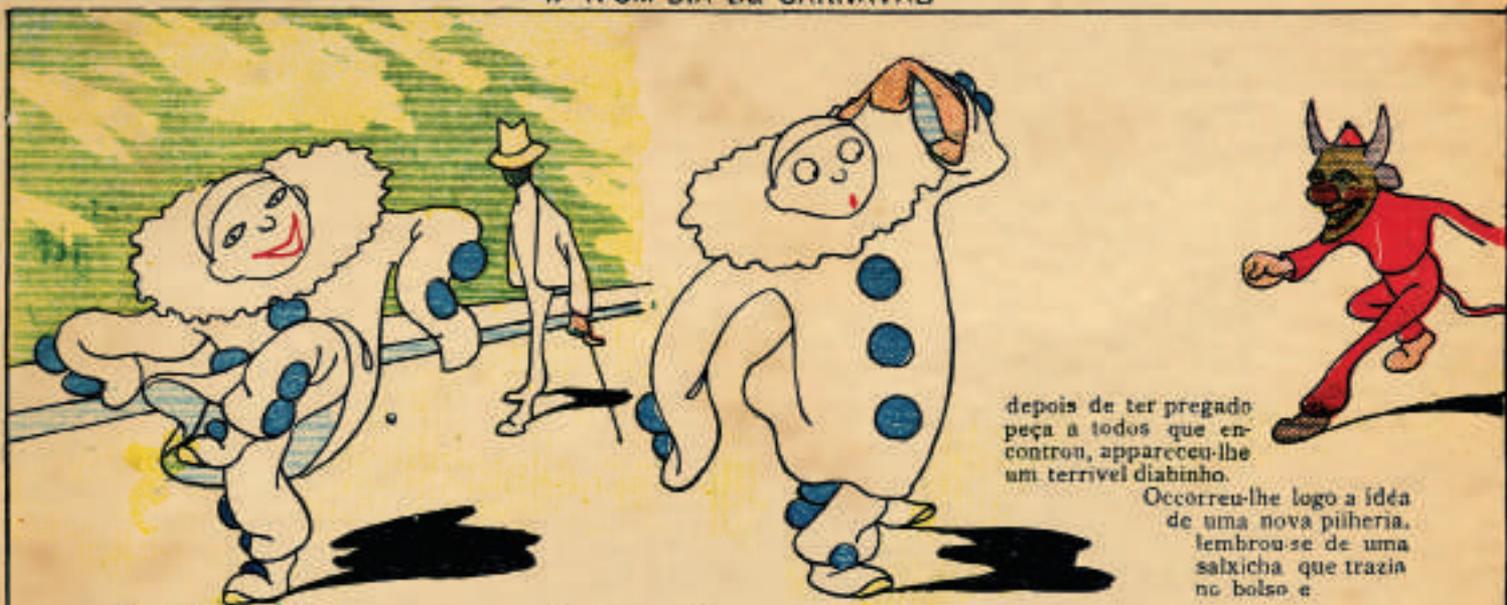


O soldado, suppondo que realmente os seus serviços eram necessários, seguiu-me. E foi assim que eu voltei para casa, acompanhado por uma ordenança, mostrando a meus companheiros o quanto peço o talento do Juquinha!

Juquinha!

O TALENTO DE JUQUINHA

II-N'UM DIA DE CARNAVAL



Juquinha, fantasiado com uma roupa de *piérol*, saíu á rua no domingo de carnaval e...

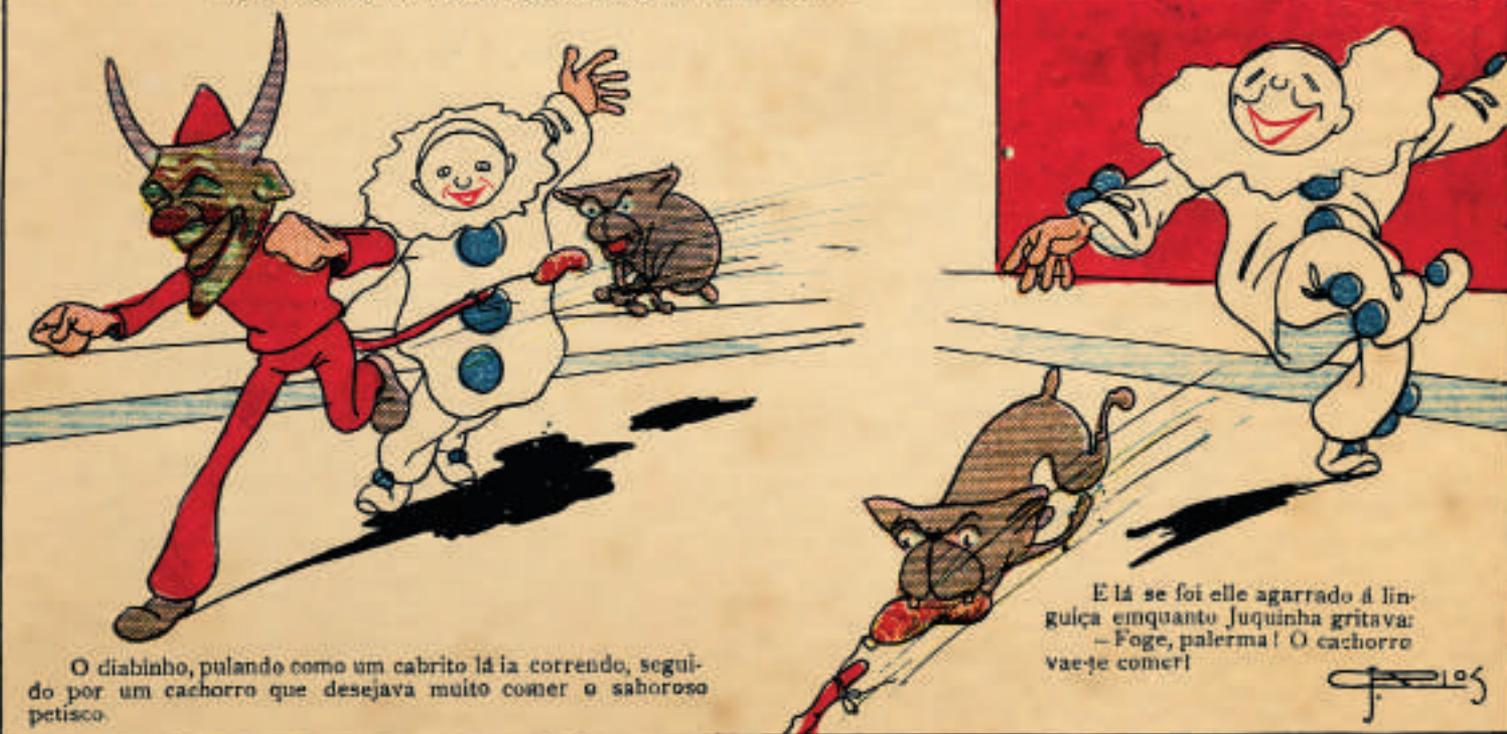
depois de ter pregado peça a todos que encontrón, appareceu-lhe um terrivel diabinho.

Ocorreu-lhe logo a idéa de uma nova piheria. lembrou-se de uma salxicha que trazia no bolso e



amurrar-lhe ao rabo a tal linguça.

seguia vagarosamente o intrepido mascarado, conseguindo



O diabinho, pulando como um cabrito lá ia correndo, seguido por um cachorro que desejava muito comer o saboroso petisco.

E lá se foi elle agarrado á linguça enquanto Juquinha gritava: - Foge, palerma! O cachorro vae-te comer!

[Signature]

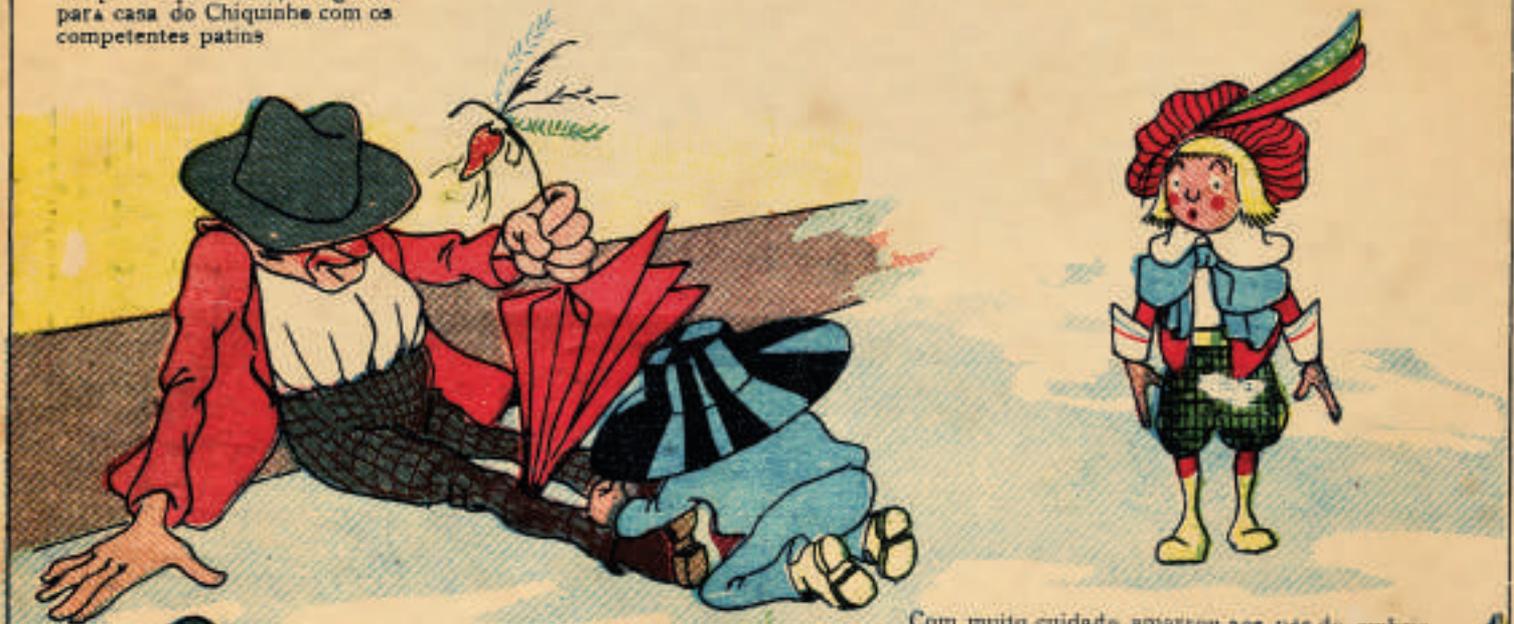
O TALENTO DE JUQUINHA

UM BEBADO PATINADOR



Ultimamente Juquinha, que é um perito patinador, dirigia-se para casa do Chiquinho com os competentes patins

e encontrou deitado em plena rua um homem bebado. Ocorreu-lhe logo à imaginação a idéia de uma nova pilheria.



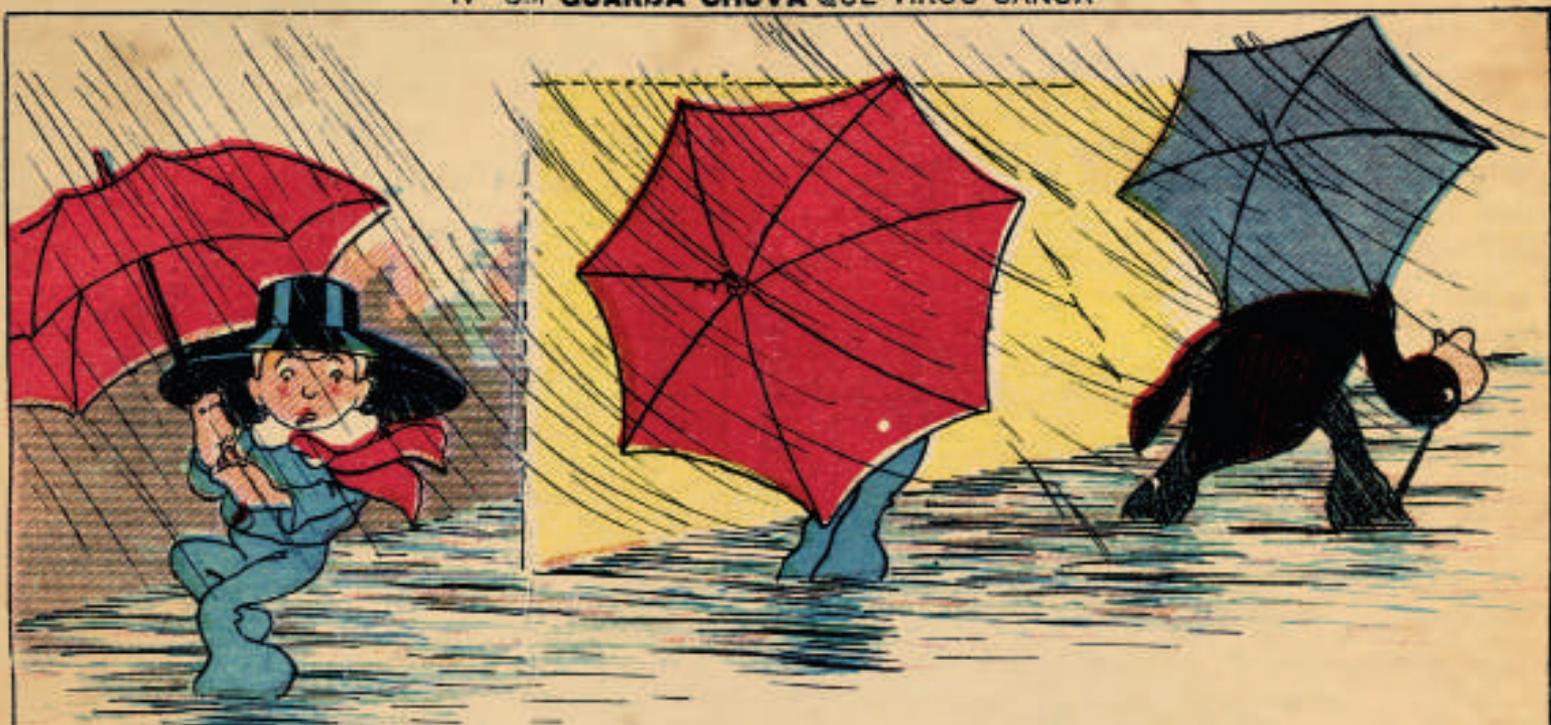
Com muito cuidado amarrrou aos pés do embriagado o par de patins, e retirou-se imediatamente.



O bebado sentiu alguma coisa que lhe prendia os pés e com dificuldade encostou-se à parede afim de levantar-se. Os patins rodaram naturalmente e o pobre homem caiu em cheio, berrando como um bezerro, enquanto o Juquinha muito contente por não ter falhado o novo plano gritava: Um chuva querendo patinar!!!

O TALENTO DO JUQUINHA

IV - UM GUARDA-CHUVA QUE VIROU CANOA



Observando atentamente lá foi elle lutando com o vento que parecia querer virar o guarda-chuva pelo avesso.

Juquinha, que não tem medo de chuva, sahio á rua com tenções de percorrer a cidade, analysando os danos causados pela inundação.



Embarcou com cautella...

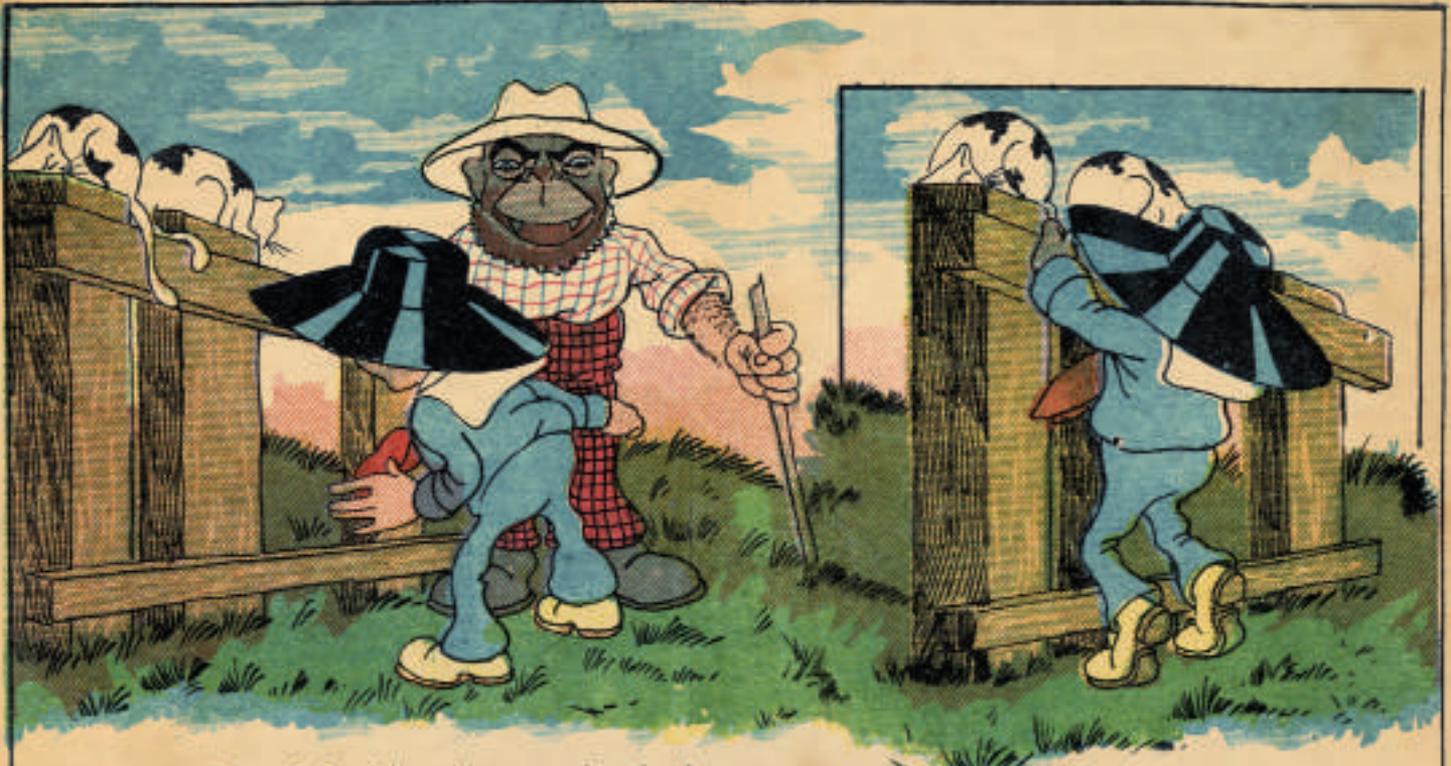
As aguas cresceram aterrorisadoramente e o Juquinha, embora muito corajosa, teve receio. Collocou o guarda-chuva sobre a agua...



e utilizando-se da correnteza, partiu para casa onde foi recebido por entre risadas dos seus papáis.

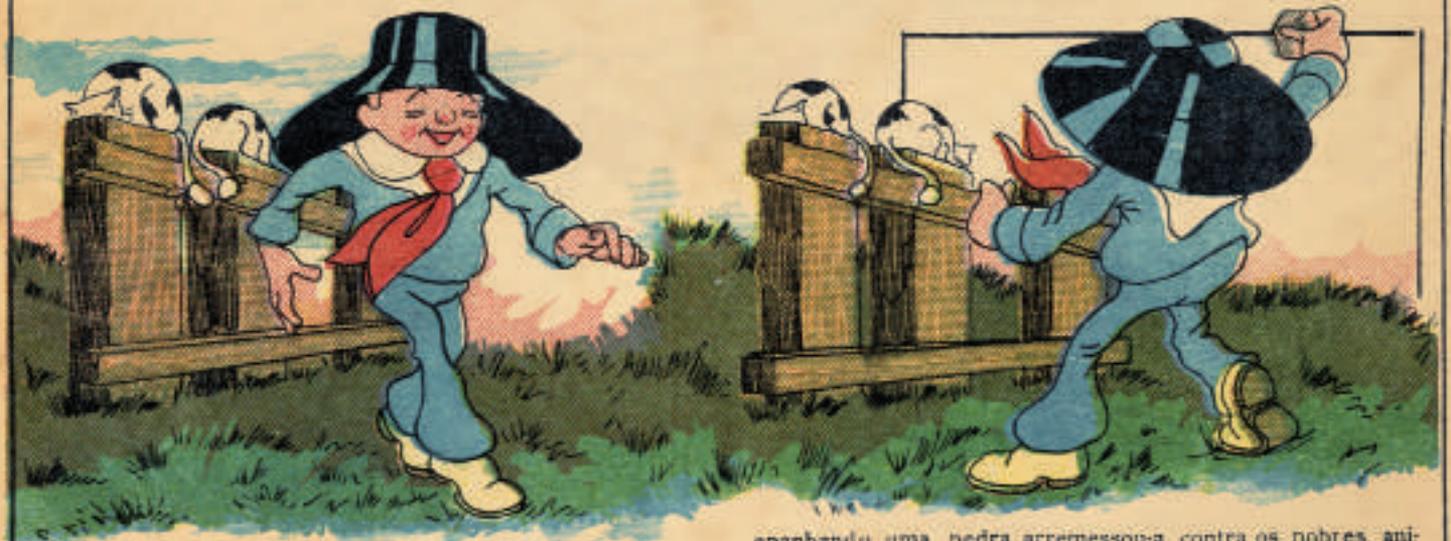
CP 105

O TALENTO DE JUQUINHA OS GATOS



Em um bello dia de sol Juquinha saiu a passeio pela chacara e encontrou dormindo sobre uma cerca dois bonitos gatos brancos.

Com muito cuidado aproximou-se da cerca e amarrô os rabos dos gatos com um barbante.



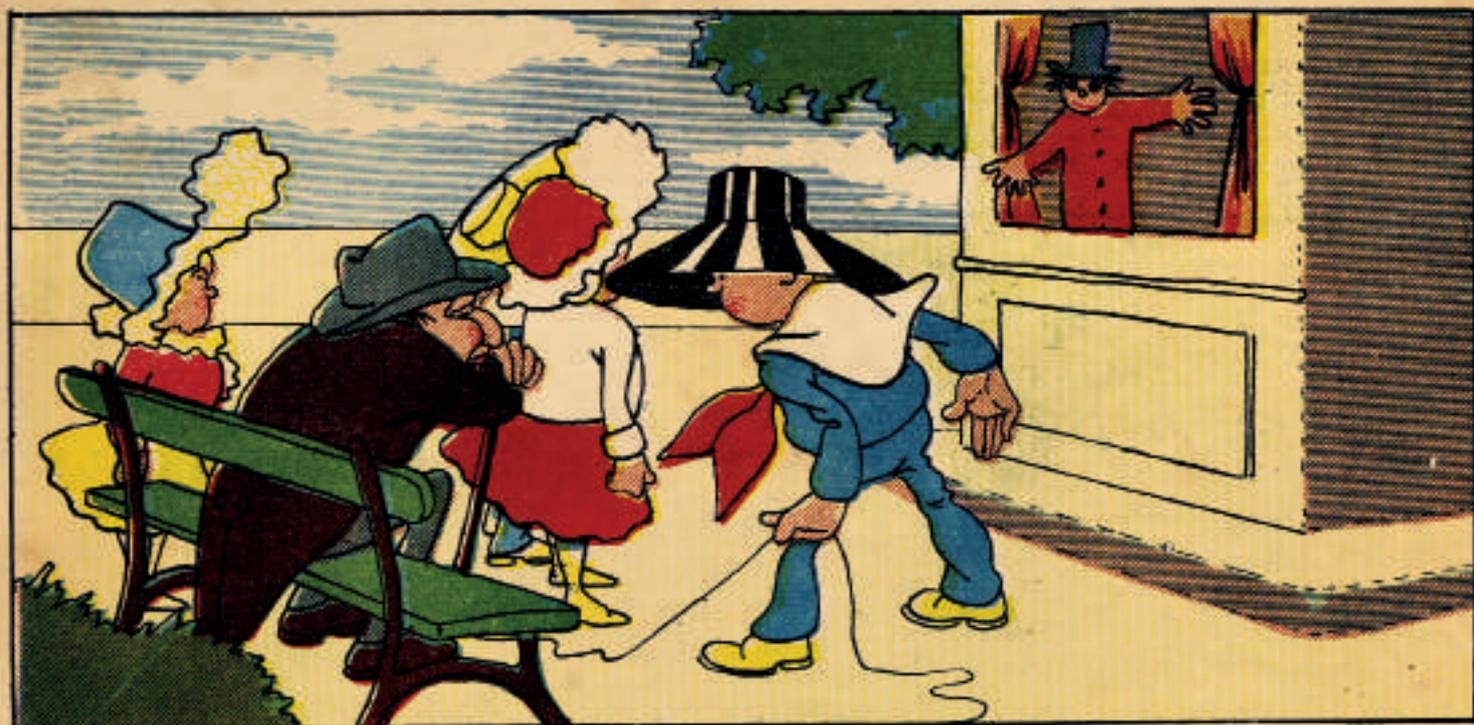
Depois de haver praticado essa maldade digna de algumas chinelladas, retirou-se e...

apanhando uma pedra arremessou-a contra os pobres animaesinhos.

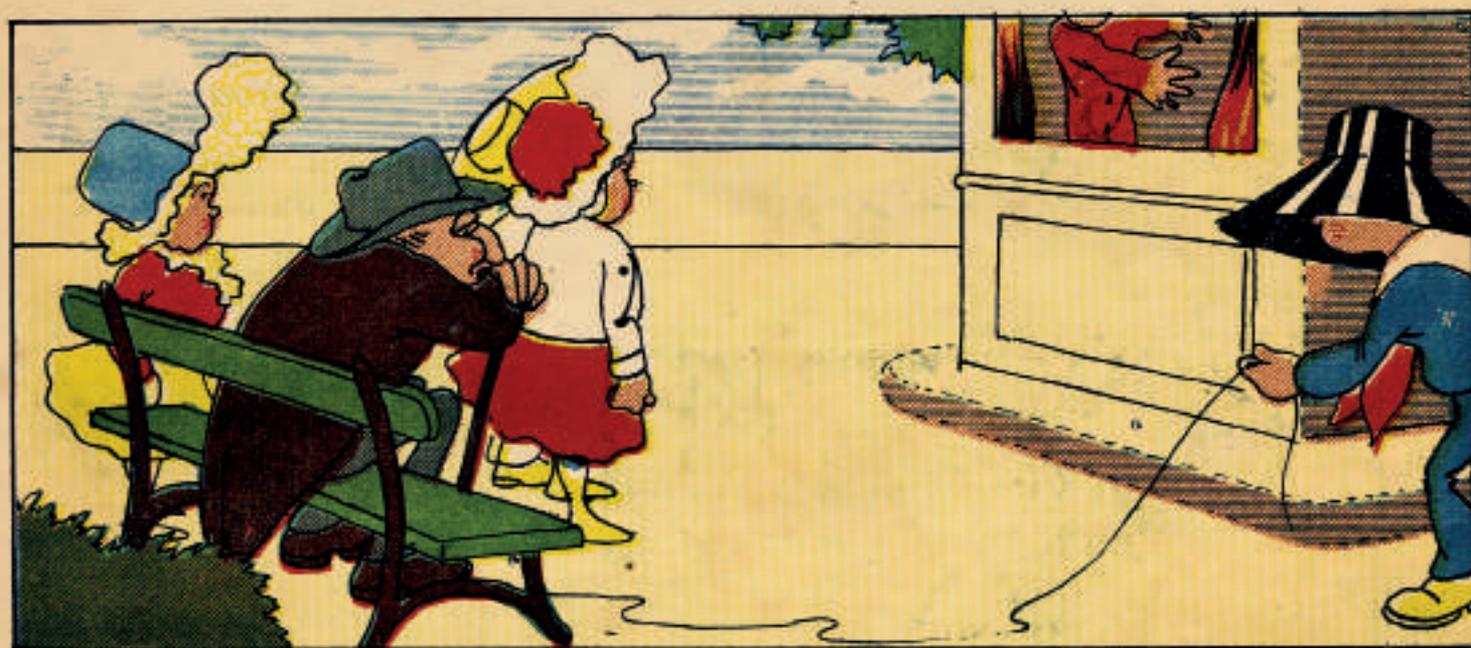


Os gatos amedrontados pularam um para cada lado, mas o resultado, já os meninos comprehendem! E enquanto os ouvia miar com desespero Juquinha ria-se a bandeira despregadas!

O TALENTO DO JUQUINHA



Juquinha vai todos os dias ao espectáculo no *gignol* de Botafogo. Outro dia lá estava elle e viu, com grande surpresa, um velho assistindo a função. Juquinha enraiveceu-se e arranjou meio de amarrar um barbante na bengala do velho.



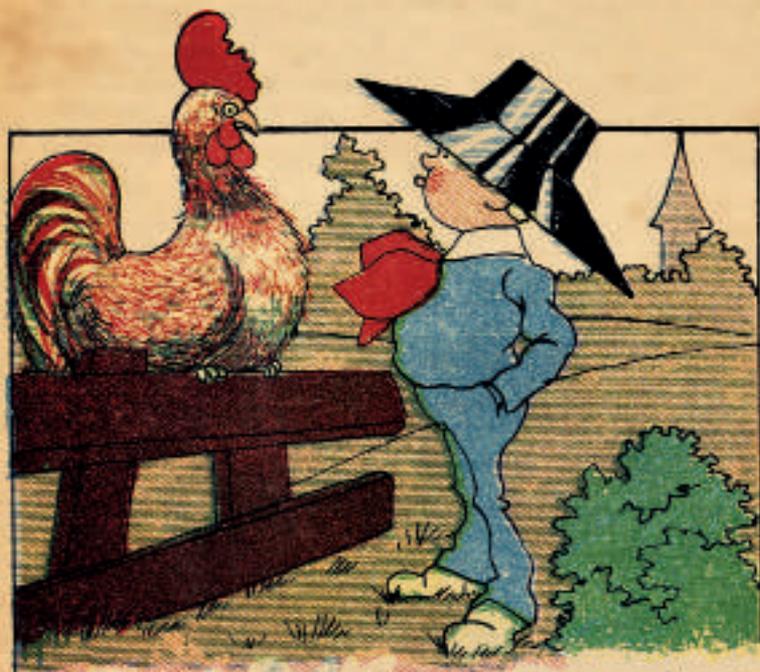
E algum tempo depois, aproveitando a distração do pobre homem, Juquinha puxou com força o cordão e o



velho, que estava com o queixo apoiado á bengala, cahiu por terra, quebrando o nariz. Mas também não imaginam que sapeca apanhou o Juquinha nesse dia. O proprio Chiquinho, que já está encouraçado, teve pena!

O TALENTO DE JUQUINHA

Um gallo arrolhado



Juquinha passeando pela chacara, encontrou pousado sobre a cerca do galinheiro um gallo convencido da sua autoridade no terreiro.



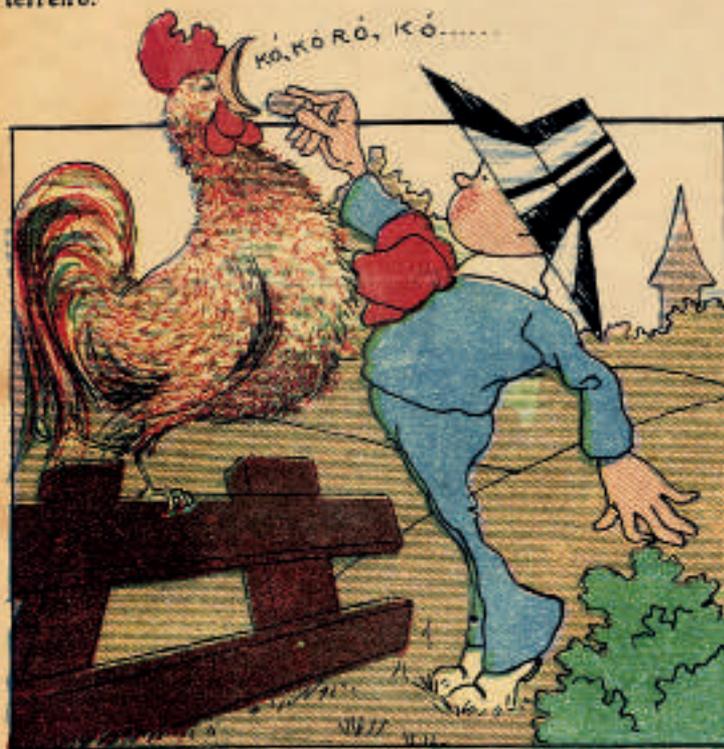
— Porque motivo você fecha os olhos quando canta? perguntou Juquinha.

O gallo sacudiu as penas e respondeu:

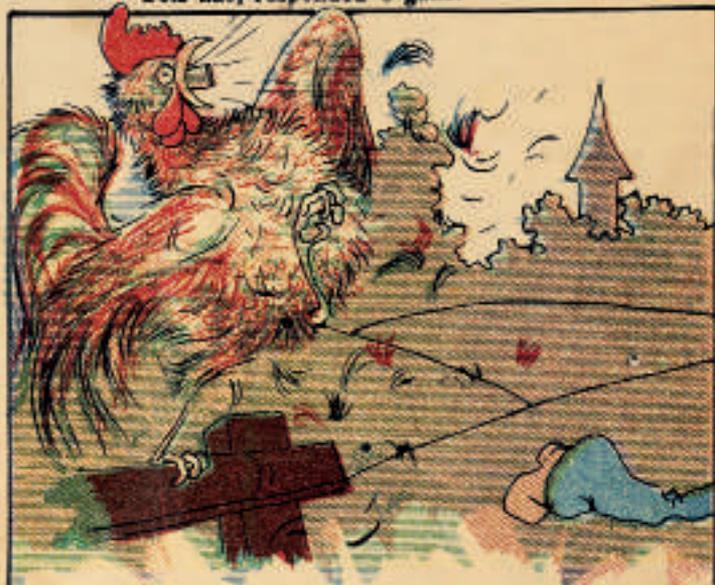
— É porque já sei a musica de cór.

— E você não podia cantar um pouco para eu ouvir?

— Pois não, respondeu o gallo.

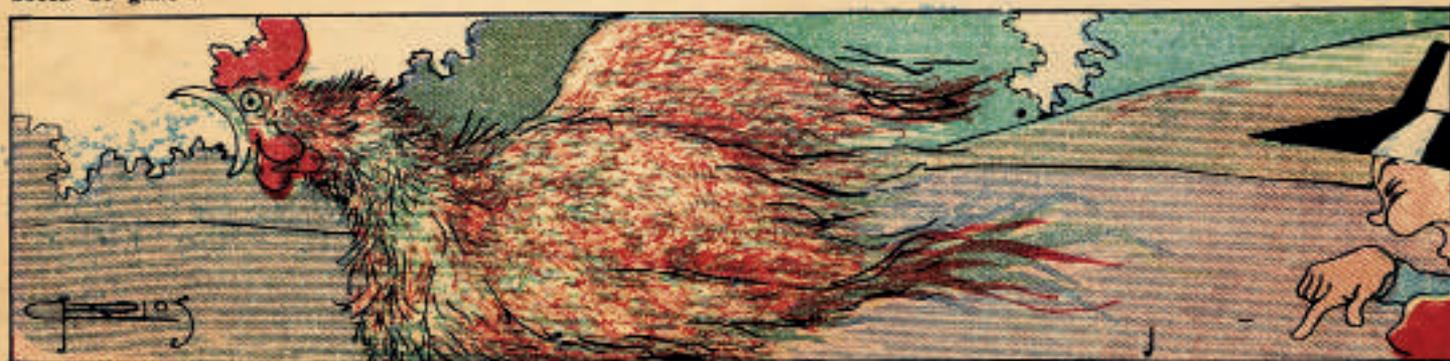


E, abrindo a bocca fechando os olhos, começou a cantar. Juquinha aproveitando o momento meteu uma rolha na bocca do gallo e



deitou a correr.

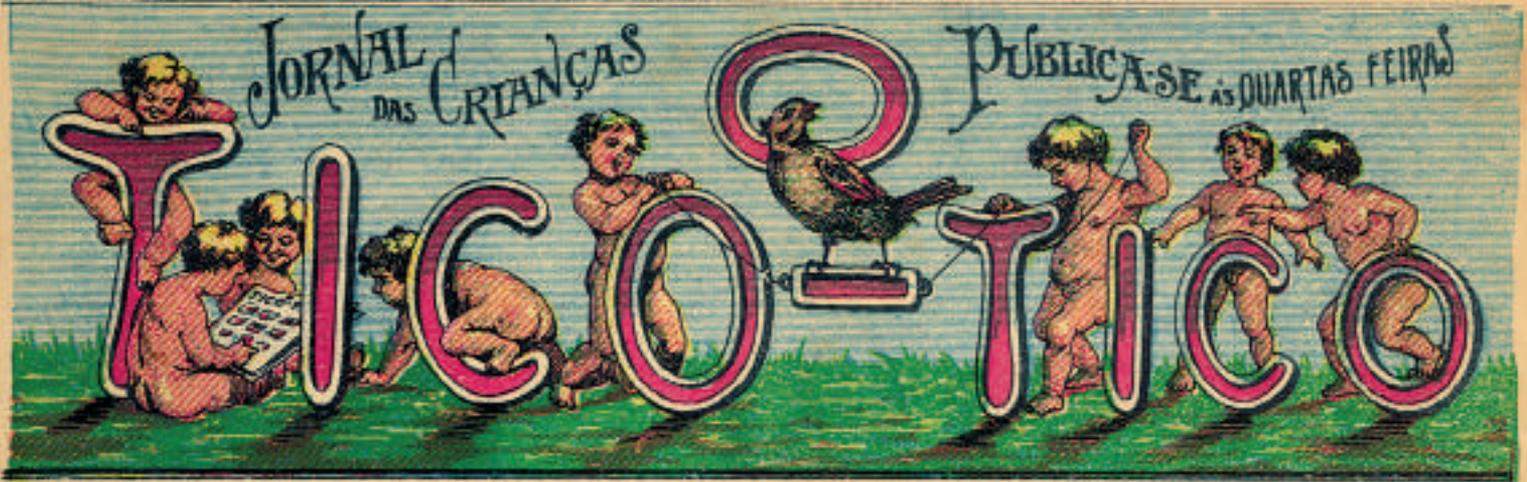
O pobre bicho engasgado bufava, fungava e



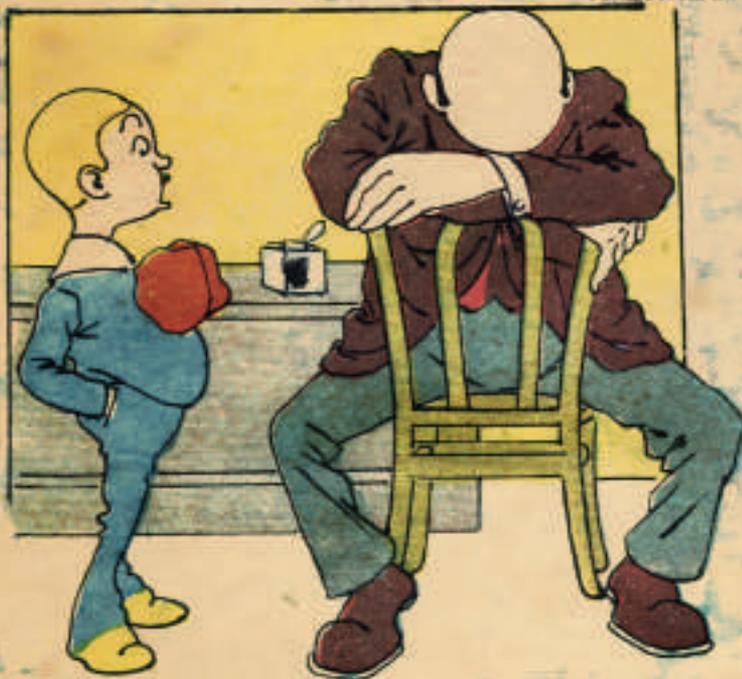
Juquinha gritava:

— Canta agora, canta!

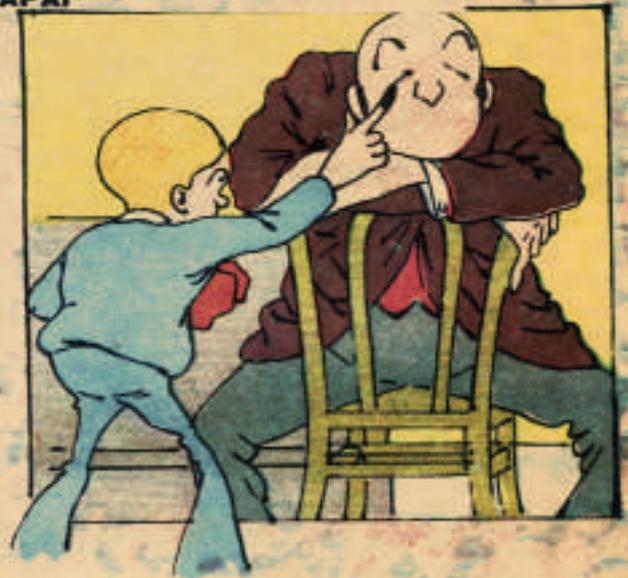
Desde esse dia o gallo não cantou mais com os olhos fechados, mas Juquinha também teve que abrir os seus para não apanhar uma surra, visto que o papae não quer dessas judiarias com os bichos.



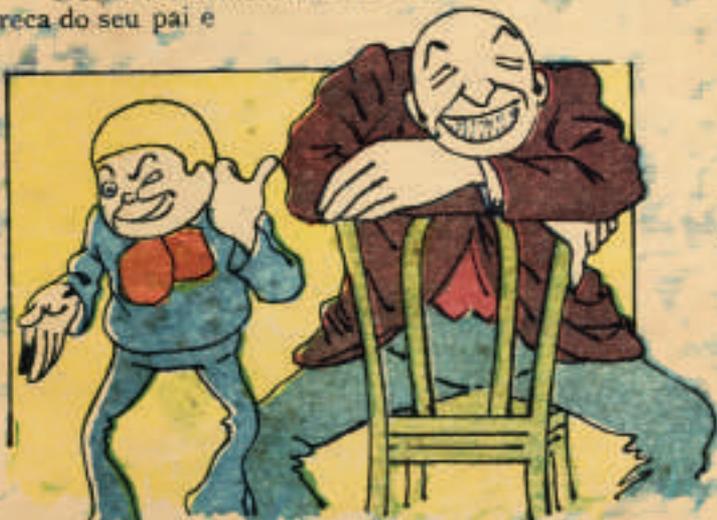
O TALENTO DO JUQUINHA
A CARECA DO PAI



(1) Outra travessura acaba de fazer o Juquinha. Desta vez lembrou-se de desenhar uma cara na careca do seu pai e



(2) Servindo-se de tinta de escrever, poz em execução a sinistra idéa.



(3) Quando terminou, o Juquinha disse lá consigo: - Mamãe agora não conhece mais papai. E realmente todos ficaram aterrados, pensando que era um ladrão que havia entrado em casa.



(4) E' excusado dizer que desta vez o Juquinha não escapou, apanhou mais que o proprio Chiquinho.



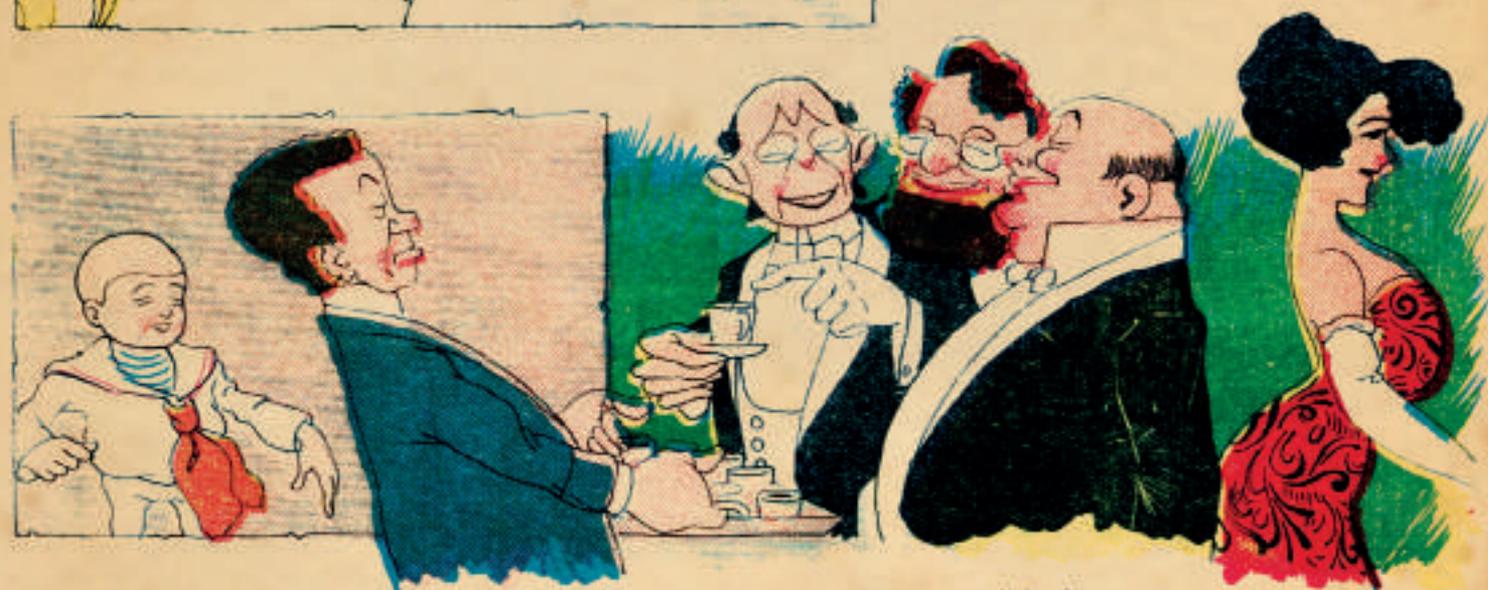
**O TALENTO DO JUQUINHA
TERRIVEL VINGANÇA**

Os leitores recordam-se ainda da ultima pilheria do Juquinha?
 O nosso heroi depois de ter pregado aquella peça de café gelado, apañou uma seiva tremenda.
 Todavia seu padrinho deu-lhe como presente de annos uma caixa de tintas e Juquinha vingou-se pintando na parede do quarto o magnifico painel que ali esta.

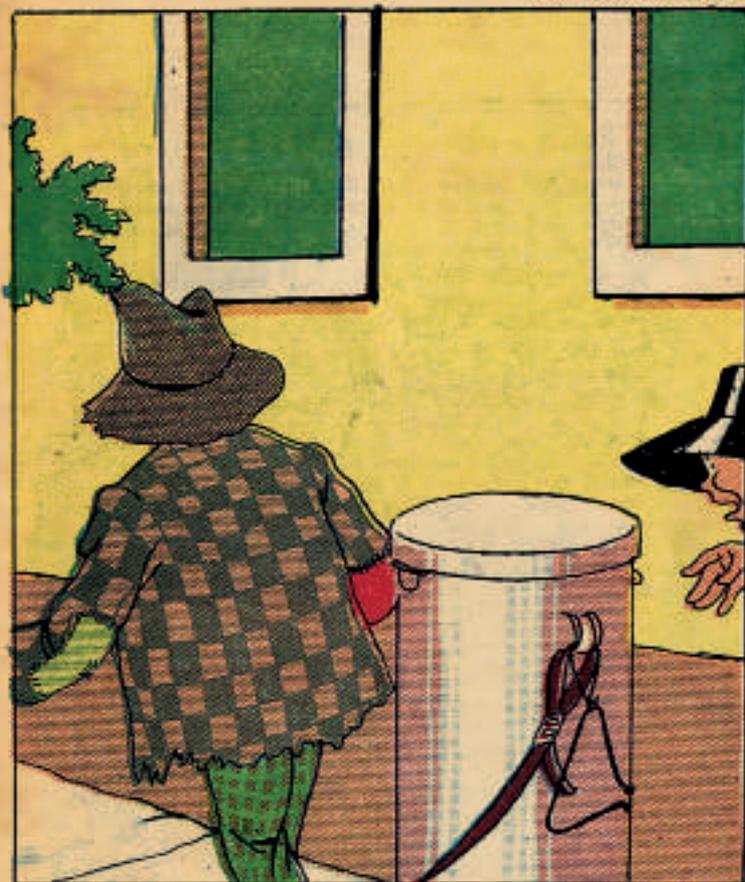


O TALENTO DO JUQUINHA

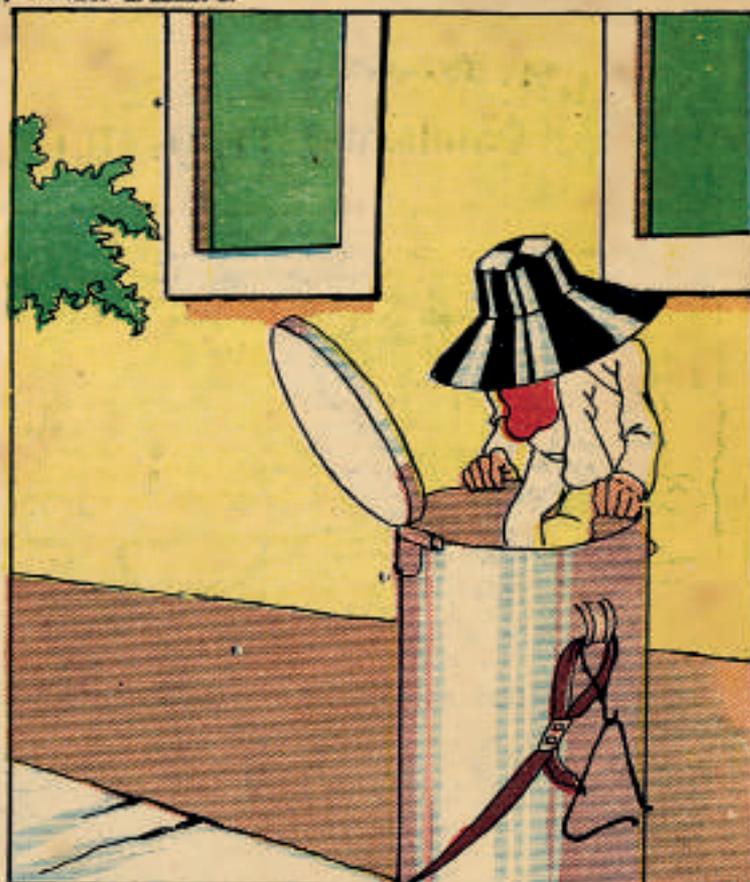
REFRESCO DE CAFÉ



O TALENTO DO JUQUINHA
O DLIN-DLING, DLIN-DLING



Um vendedor de cartuchos doces, sentindo muita sede, arriou a lata onde levava a sua mercadoria e dirigiu-se à venda mais próxima. Juquinha aproveitando a ocasião,



abriu a lata com grande cautela e meteu-se dentro.



Pouco tempo depois voltava o mercador e apesar de sentir carga mais pesada não se preocupou muito. Juquinha muito quietinho enchia o pandulho com os saborosos cartuchos.



De repente, ouviu-se um grande barulho: Era Juquinha que tendo já saciado a sua gulodice sacudiu a tampa da lata e pulou para fora. O pobre homem aterrorizado com a explosão, caiu desmaiado, enquanto Juquinha corria, gritando:
 — Foi um tiro de canhão!



O TALENTO DO JUQUINHA

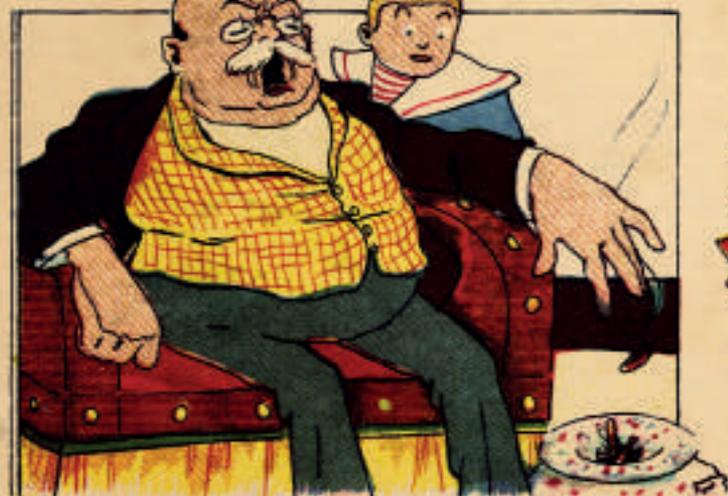
UMA EXPLOÇÃO



1 Após o jantar o pae de Juquinha accende um charuto, reostase no divan e ahi faz a sua digestão.



2 Juquinha, sempre travesso, encheu a escaradeira com bichas, bombas, gira-sões, buscapés, etc., e, cautelosamente,



3 afastou-se, esperando que a sua obra fosse coroada de bom exito. Pouco tempo depois o seu papae puxou mais uma fumaça do charuto e, n'um gesto somnovente, atirou-o á escaradeira.



4 O resultado não se fez esperar: o fogo communicou-se ás bichas e a explosão fez-se sentir, immediatamente. Por todos os lados corriam buscapés, rodinhas, saltamoleques, gira-sões e, enquanto Juquinha se raspava d'alli o seu papae pulava, gritava, e se debatia com o foguetorio!

O TALENTO DO JUQUINHA

INCENDIO NUMA VELHA



1 A ultima pilheira do Juquinha podia ter consequencias bem funestas.
Ha poucos dias o nosso heroe amarrou a saia de uma pobre velha um gira-sol.



2 Em seguida accendeu-o.



3 O effeito não se fez esperar. A terrivel composiçao pyrotechnica começou a girar ruidosamente em torno da velha, que aterrorizada, pedia que avisassem o corpo de bombeiros.
O proprio Juquinha ficou amedrontado e, receioso, fugiu para casa, onde, felizmente, levou uma sóva.

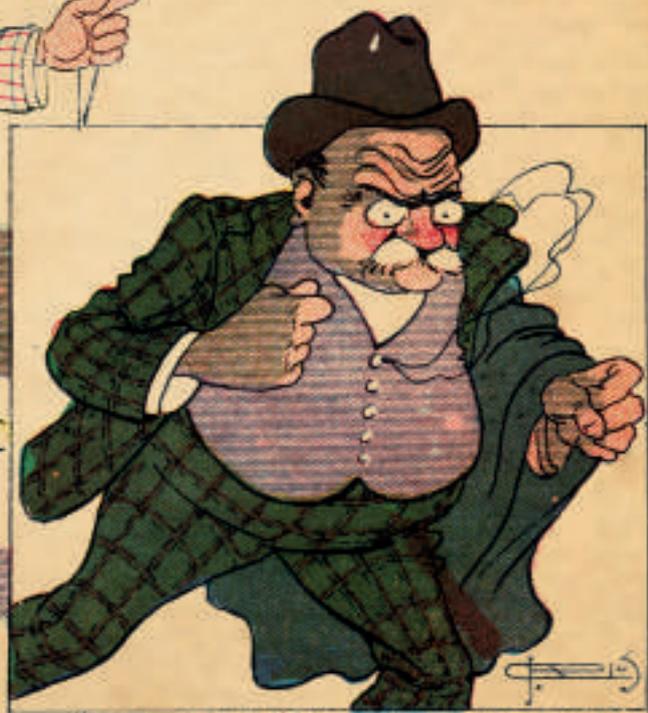
O TALENTO DO JUQUINHA

O Capote do Papai



1 Os meninos travessos não devem passear. E foi por isso que o papai do Juquinha não quis levá-lo ao *Guiguel* de Botafogo. Juquinha, aborrecido com isso, resolveu vingar-se. Muniu-se de um barbante e amarró valentemente as mangas do capote de Papai.

2 Poucos instantes depois Papai foi buscar o capote e saiu dizendo: — Enquanto fôres travesso não sahirás commigo.



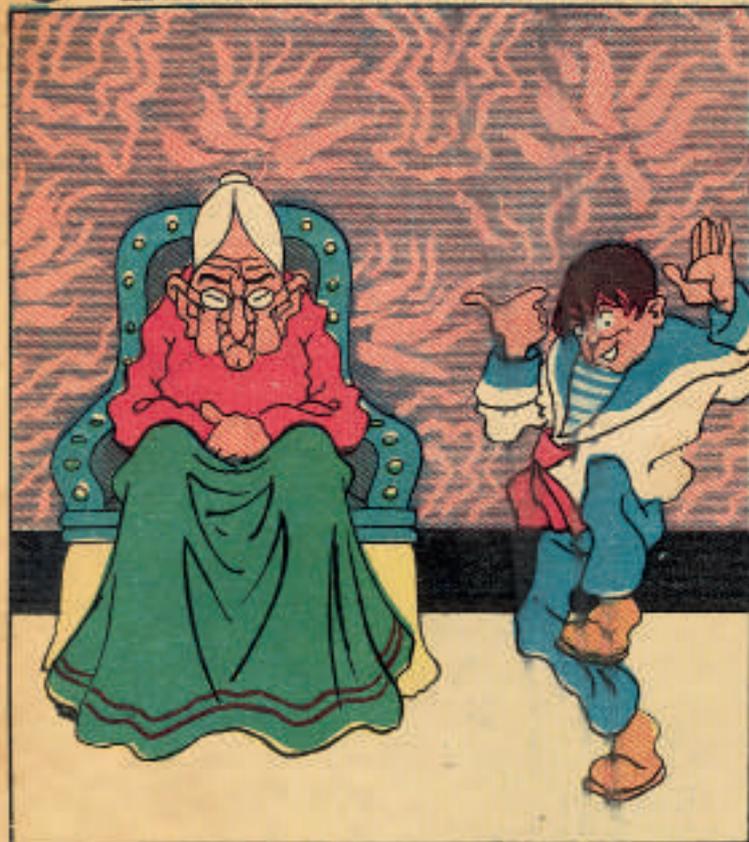
3 Na rua o pai do Juquinha sentiu frio e quiz vestir o capote, mas depois de grande luta, vendo que não conseguia enfiar as mangas, perguntou enraivecido a dois sujeitos:

— De que se tem os senhores?
— Do capote, responderam elles.

4 O pai do Juquinha ficou como um possesso. Voltou para casa indignado, e, ahi, não sabemos o que se passou, mas é possível que o Juquinha tivesse apanhado como um boi ladrão.

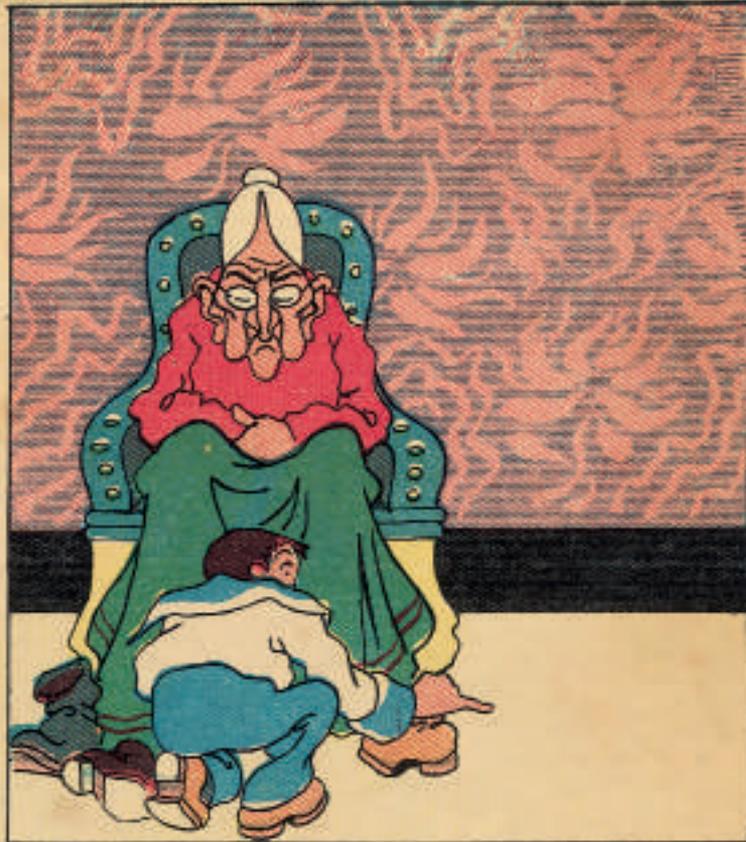
O TALENTO DO JUQUINHHA

Os pés da vóvó

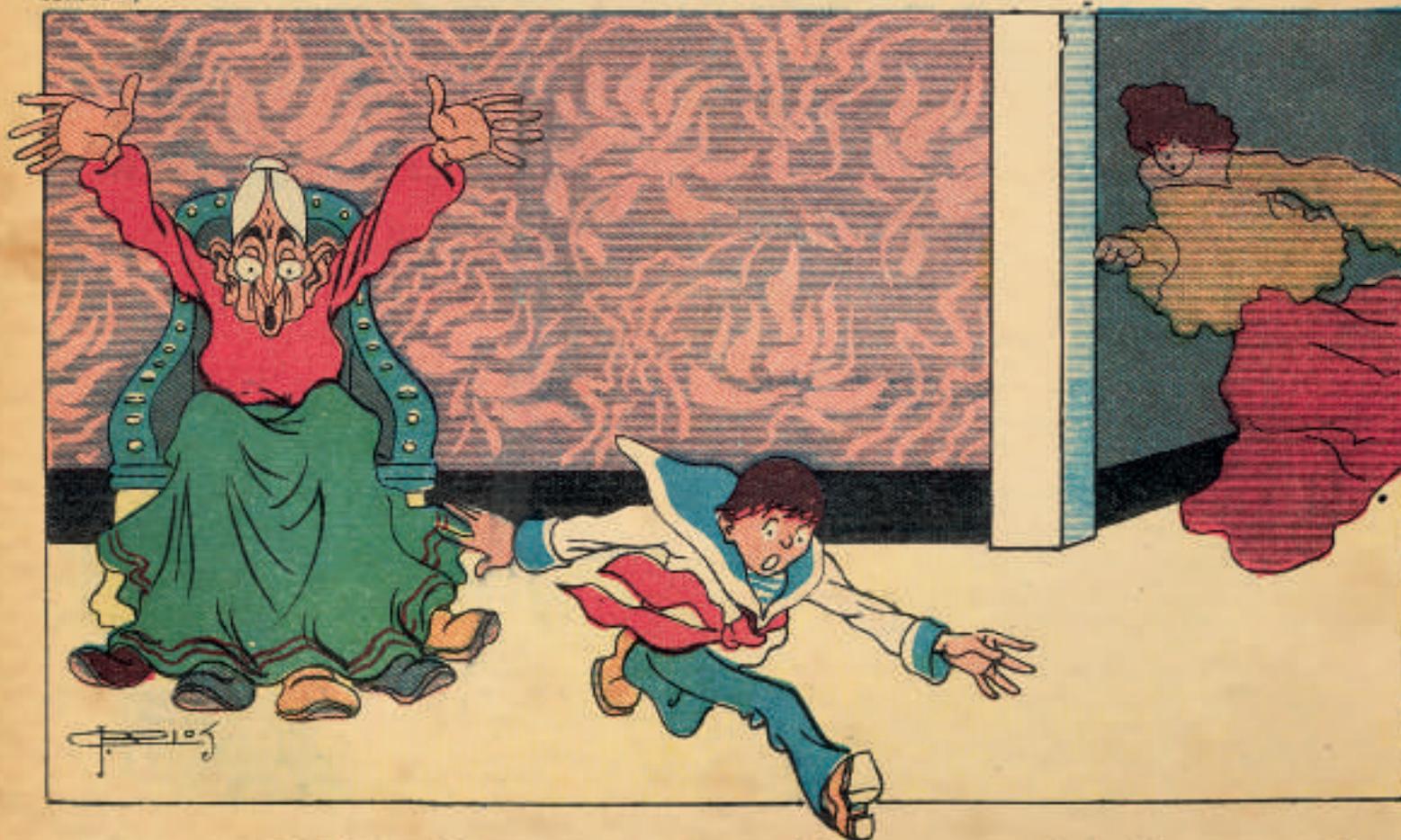


(1) Mais uma vez a *D. Eulália* foi vítima das travessuras de seu endiabrado neto.

Desta vez ainda o *Juquinha* a surpreendeu ferrada no somno e,....



(2) resolute como sempre, arranjou uma porção de botinas velhas e collocou-as cautelosamente em torno dos pés.

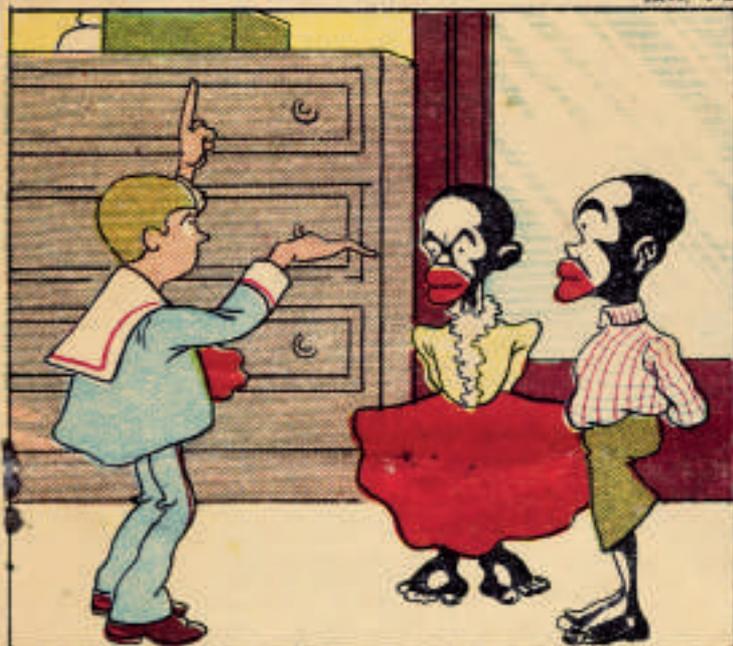


(3) Quando a *D. Eulália* acordou, passou um susto medonho. Não era para menos. A pobre Sra. pensou que durante o seu somno tinham-lhe nascido uma porção de pés.

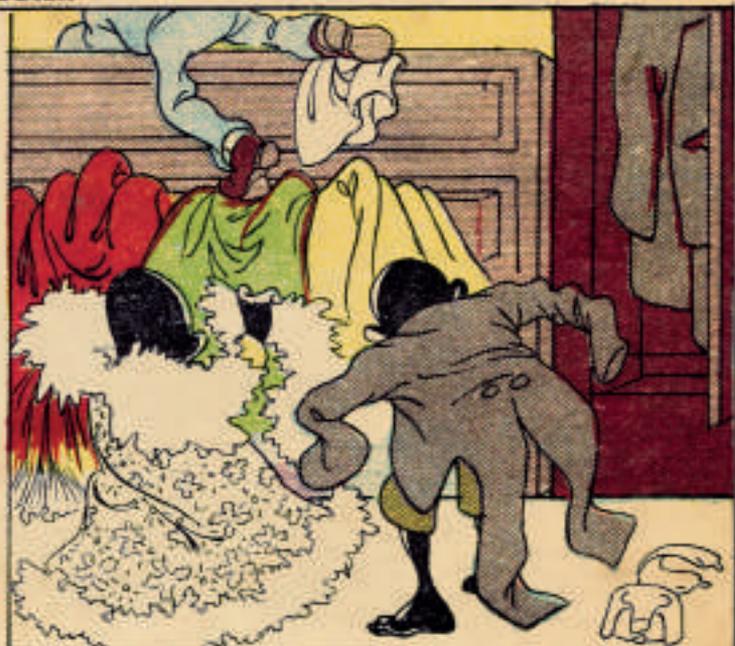
E *Juquinha*, prevendo o mau resultado de sua pilheria, poz-se em fuga, perseguido por *D. Luisa*.



O TALENTO DO JUQUINHA
AS VISITAS



1) A Florentina, cozinheira dos pais de Juquinha, tem dois filhos: a Sebastiana e Benedita.
O Juquinha chamou-as, um dia e lhes disse:
— Venham cá vamos fazer uma brincadeira. Vocês vão fingir que são visitas e, por consequente, é preciso que se preparem decentemente. Vou-lhes dar roupa.



2) E levando-as ao quarto de dormir, começou a distribuir as roupas de papa e da mamã. Os dois negritos, embora receiosos com o resultado da brincadeira, vestiram-se.



3) Estavam então preparados. A Sebastiana enfiada em uma riquíssima capa-de-bale e Benedita de casaca, cartola e um charuto na boca.
— Agora disse Juquinha, vocês vão se sentar ali na sala de visitas, na linha de fogo da casa, vou-las de dentro e começamos a conversar.
Os moleques agradeceram o favor especial.
Juquinha, porém, em lugar de assumir a presidência, foi chamar mamã e do zadda:
— Mãe e Sr. Charuto e a sua senhora.



4) D. Luiza ficou um tanto surpreendida, pois não conhecia semelhante família, entretanto, lá foi à sala e ali encontrou os dois moleques reponsivos ao café. A princípio teve vontade de rir, mas, compreendendo que Juquinha está ficando muito levado, puxou-lhe as orelhas.



ORA O JUQUINHA !



1) A ultima travessura do terrivel Juquinha inutilizou um bello retrato a oleo da bisavo de D. Luiza. O nosso traquinas teve de repente uma idea pasmosa.

2) E comprehendo de que é um grande artista, arranjou um pincel, tinta bem preta, e, trepando para uma cadeira, pintou bigodes, barba e «pincenez» no precioso retrato

3) Estava prompto esse bello trabalho quando, ouvindo rumor, pensou na colera de sua mãe e, precipitando-se da cadeira, tratou de fugir...

4) Mas não conseguiu escapar. D. Luiza, quasi chorando de raiva, segurou-o por uma orelha e fello lamentar deveras a sua brilhante estreia na arte da pintura.



O TALENTO DO JUQUINHA

Mamãe vai ao theatro



1 D'esta vez a travessura do Juquinha foi uma vingança por que seus pais não o quizeram levar ao theatro.



2 Juquinha chorou, pediu mas nada obteve. Seus pais resolvidos a castigá-lo, diziam-lhe vestindo-se:

— Enquanto fores matreiro e traquinas não sahirás connosco.



4 Pouco depois D. Luiza voltou ao quarto, calçou as luvas e quando já estava completamente prompta poz apressadamente pó de arroz no rosto.



3 A' vista da inabalavel resolução paterna, o nosso heróe foi ao quarto de toilette e resmungando:

— « Ah! eu não vou, mas deixa estar! »

E despejou no vaso de pó de arroz um pacote de pó de sapato.



5 E foi buscar a sua capa mas no meio do caminho encontrou seu marido que não ponde conter o riso ao vê-la com o rosto que até parecia o de um carvoeiro.

Juquinha, que não deve ser imitado por nenhum de nossos leitores, apanhou uma sova e por castigo, foi se deitar sem tomar leite.



O TALENTO DO JUQUINHA
NA SALA DE JANTAR



O relógio da sala de jantar parou. Juquinha, o terrível traquinas, em um momento em que sua mãe estava dando ordens na cozinha, preparou-se para dar corda ao relógio.



Com alguma dificuldade trepou sobre a *etagère*, mas presentindo os passos de alguém que se aproximava, quiz descer a toda a pressa mas com tanta precipitação o fez que...



... tudo quanto se achava na *etagère* desceu também com elle. Foi um barulho infernal. Quebraram-se nada menos de tres duzias de pratos, vasos, e até a cabeça do pobre Juquinha que jurou nunca mais dar corda em relógios.



O TALENTO DO JUQUINHA
(O aniversário de papai)



(1) O pai do Juquinha fez annos, e, para commemorar a grande data, resolveu dar uma festa para a qual convidou todos os seus amigos.



(2) Juquinha, que continua a ser terrivel, encontrou sobre um afovel uma luva e dirigiu-se immediatamente a sala de jantar. Ahi com a cautela habitual, encheu-a de doce de creme e, foi collocal-a no mesmo lugar em que a tinha encontrado.



(3) O dono da luva, que era o Dr. Carrapatoso, foi procural-a e voltando para a saia de visitas, começou a calçal-a conversando com o conselheiro Carvalhaes.

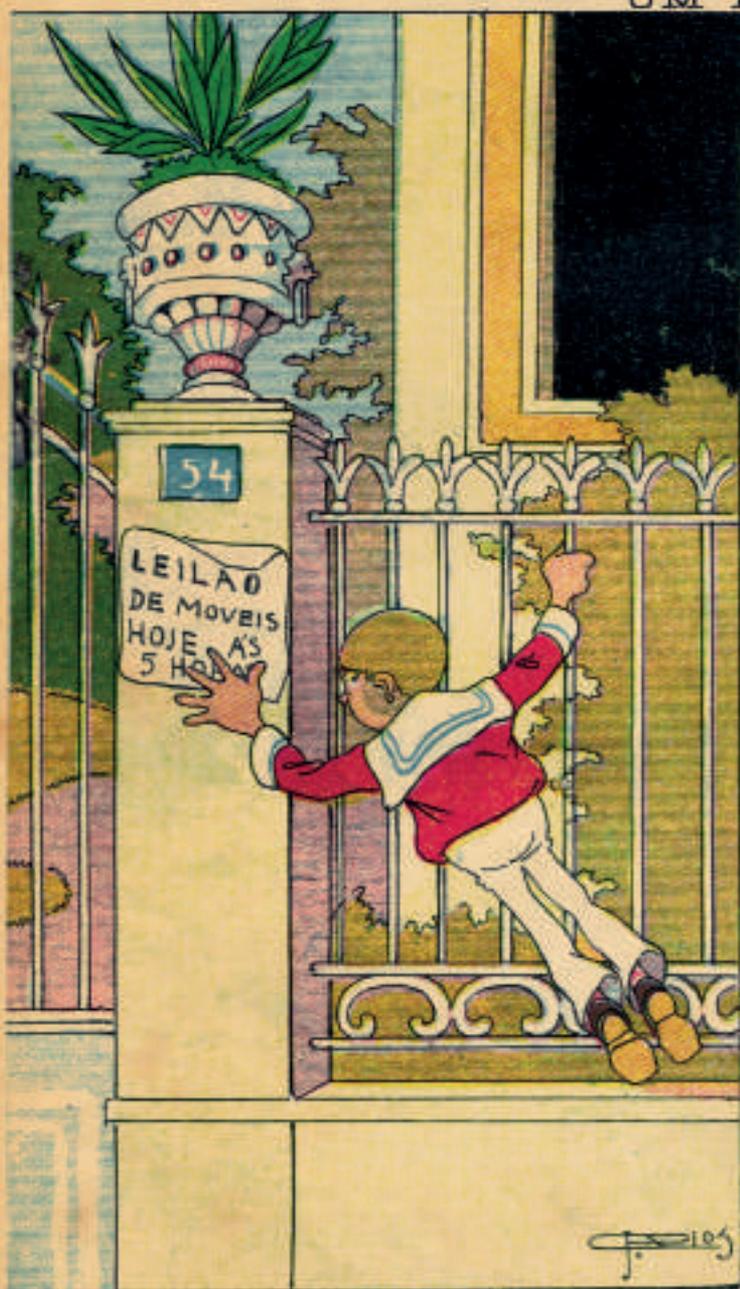


4) De repente o Dr. Carrapatoso sentiu que a luva estava toda molhada e descalçou-a immediatamente.

Estava com as mãos todas lambuzadas de doce. Juquinha escondeu-se, mas dona Luisa está á sua procura...



O TALENTO DO JUQUINHA
UM LEILÃO

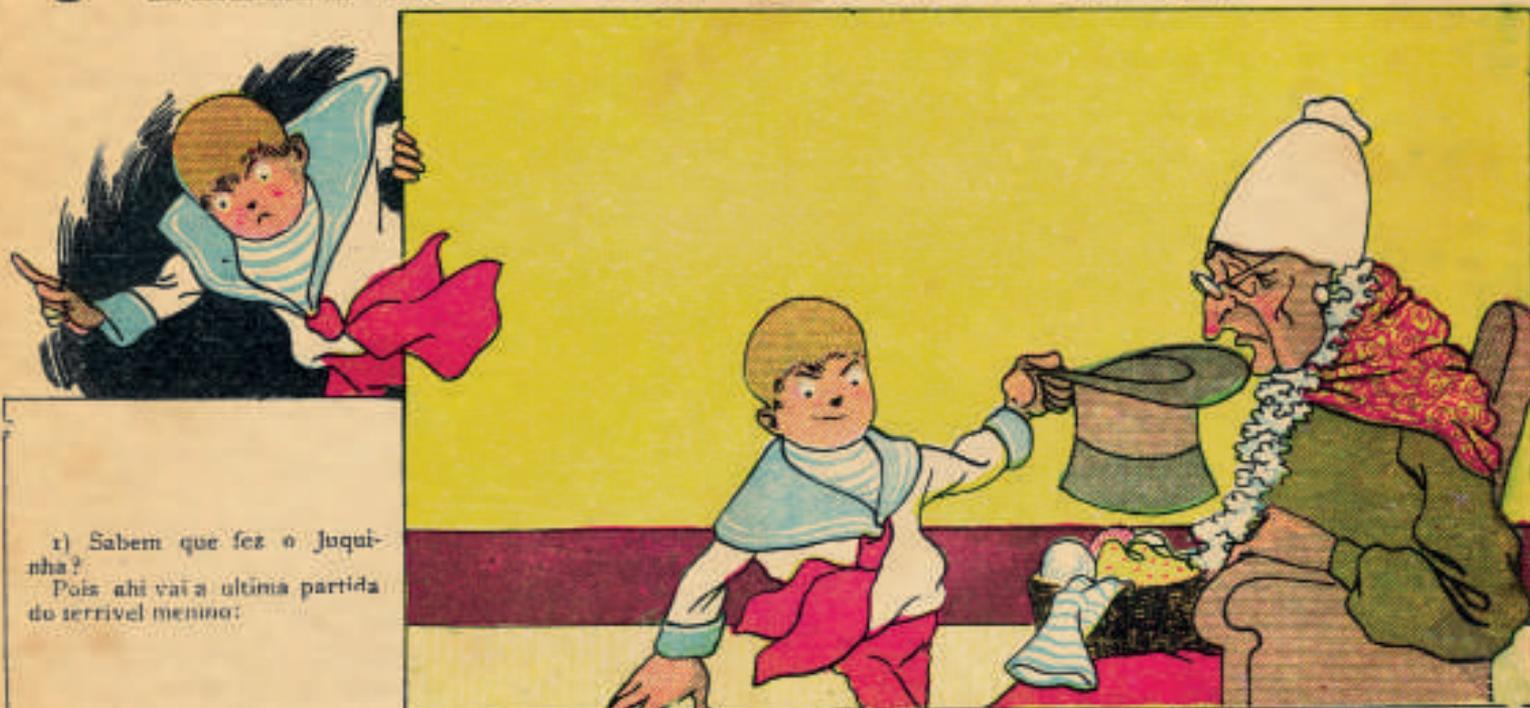


1) Decididamente o Juquinha está com o diabo no corpo. Outro dia teve a genial idéia de pregar no portão da casa do commendador Pestana um cartaz annunciando um leilão de moveis.

2) A' hora annunciada appareceu muita gente que pretendia adquirir moveis bons e baratos. A familia do commendador Pestana ao ver aquella multidão estacionada no portão de sua casa ficou surprehendida. E os freguezes riam do espanto das victimas do Juquinha que dessa vez se viu atrapalhado com Papae.



O TALENTO DO JUQUINHHA A VÓVÓ



1) Sabem que fez o Juquinha?
Pois ahí vai a última partida do terrível menino:

a) A sua avó estava fazendo meia quando adormeceu e, Juquinha, aproveitando o profundo somno a que ella se entregou, foi buscar a cartola de papai, um penacho, uma cenoura, etc., e, em pouco tempo, transformou a d. Eulalia.



3) Quando d. Luiza e a criada Maria entraram na sala ficaram amedrontadas deante da vóvó do Juquinha que até parecia um macaco de realajo. Desta vez a sova que Juquinha levou foi tremenda e está desde hontem fechado num quarto escuro. Ahí elle janta e almoça, mas não lhe dão doce.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 138 - RIO DE JANEIRO
 Número avulso 200 réis

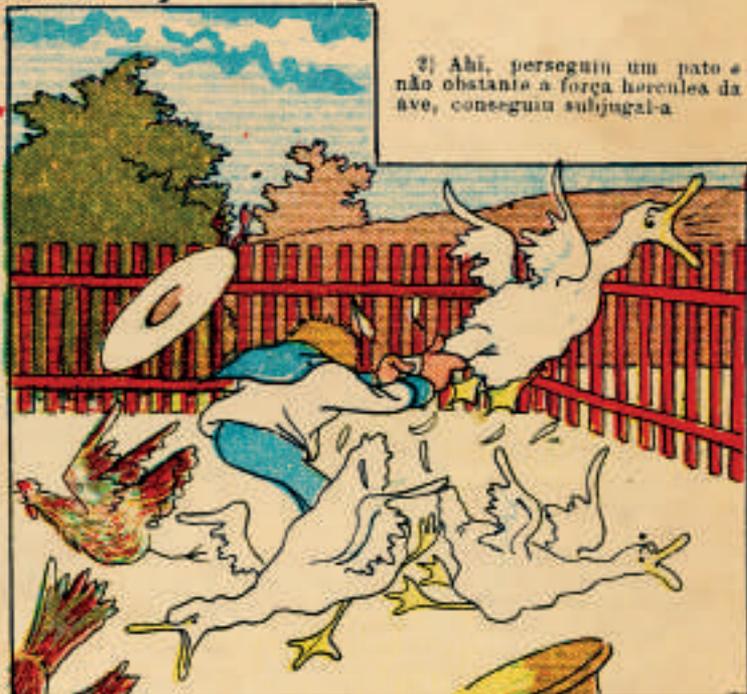


1) No quarto escuro onde foi encerrado o Juquinha, depois da traquinada com a vovó, ha um baú velho. Juquinha revolveu-o todo e, encontrando alguns chapéus velhos da mamãe, arrancou todas as plumas que ainda os adornavam.

Logo após, tendo obtido a sua liberdade, se dirigiu ao galinheiro.

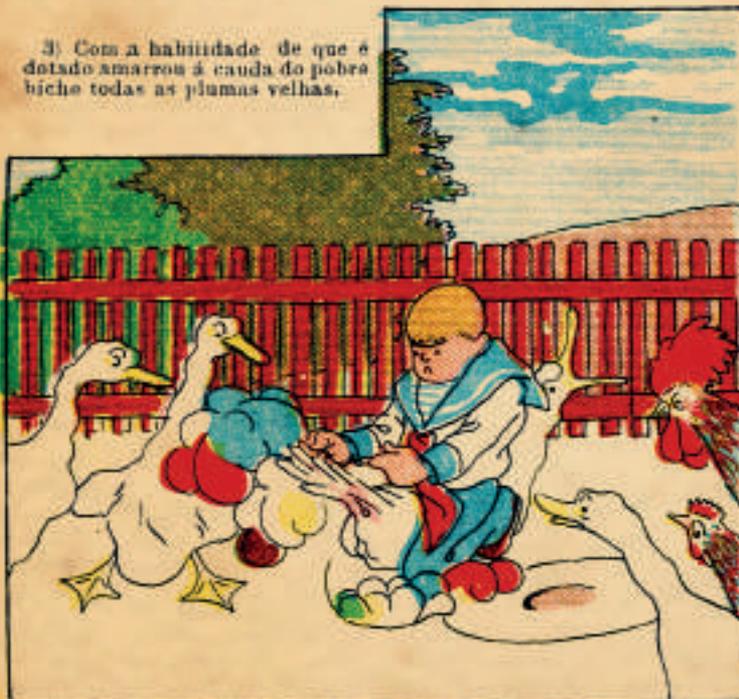
O TALENTO DO JUQUINHHA

Transformação de um pato



2) Ahí, perseguiu um pato e não obstante a força hercúlea da ave, conseguiu subjuga-la.

3) Com a habilidade de que é dotado amarró á cauda do pobre bicho todas as plumas velhas.

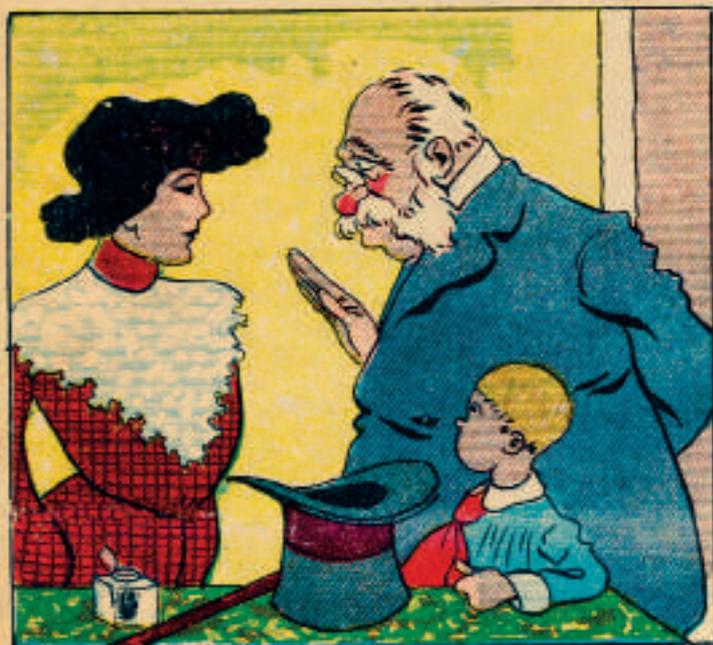


4) O pato, esperando livrou-se do domínio de Juquinha e, ainda aterrado, esticou o pescoço e começou a contemplar aquella estranha plumagem, enquanto Juquinha e os outros patos enchiam o galinheiro de gargalhadas estrondosas.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 - RIO DE JANEIRO
 Número avulso 200 réis



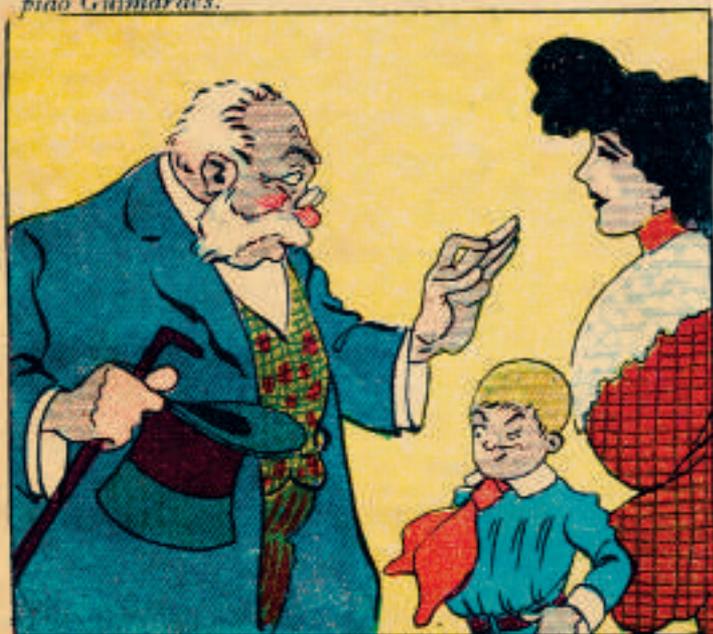
O TALENTO DE JUQUINHA - O Dr. Serapião



1) O pai de Juquinha resfriou-se e, como se acha com alguma febre, D. Luiza mandou chamar o Dr. Serapião Guimarães.



2) Juquinha, aproveitando o momento em que a mãe e o medico se dirigiam ao quarto do doente, entornou o tinteiro dentro da cartola do doutor.



3) Alguns minutos depois o Dr. Serapião, recomendando o modo de usar os medicamentos receitados, retirou-se e,



4) Juquinha, seguiu-o até à rua, onde teve terrível éxito a sua idéa. O Dr. Serapião, quando collocou a cartola na cabeça, sentiu os efeitos da chuva de tinta e ficou furioso. Felizmente para Juquinha D. Luiza ainda não soube deste caso.



O TALENTO DO JUQUINHA - Os bigodes do professor

1 O dr. Robicundo vai tres vezes por semana dar lições ao Juquinha. Ha poucos dias o professor explicava a lição de geographia e...



2 Juquinha, fingindo prestar grande attenção, apanhou a caneta em cima da mesa muito cautelosamente, sujou de tinta o lenço de rapé do dr. Robicundo.



3 Minutos depois, o respeitavel mestre fez uma pergunta e enquanto esperava a resposta apanhou o lenço e esfregou-o no nariz.



4 Continuando a lição com a cara toda suja.



Esperem pelo proximo numero e verão o resultado d'essa falta de respeito de Juquinha para com o dr. Robicundo!



O TALENTO DO JUQUINHA.

Os bigodes do professor.

(Continuação)



1) O dr. Rubicundo apenas percebeu a pilheria de Juquinha, interrompeu a lição e foi à procura de d. Luiza a quem se queixou.



2) D. Luiza, que não deixa Juquinha por o pé em ramo verde, saiu como uma furia e foi até o gabinete de estudo.



3) ...onde se passou uma scena terrivel! - Agarrou o Juquinha com toda a força e fez-lhe o mesmo que elle fizera do professor: pintou-o.



4) Juquinha, ao se ver livre das mãos maternas, estava em misero estado e, aterrado com o que se passara, monologou em voz baixa:
- Nunca mais me metto a pintar nem o dr. Rubicundo nem a manta. Que dirá Chiquinho?!

(Fim)



O TALENTO DO JUQUINHA.
Ainda o professor.

(Continuação)



Poucos dias depois da aventura que relatamos no ultimo numero o dr. Rubicundo foi á casa do Juquinha para dar a aula do costume. Mas, nesse momento, todos, em vão, procuraram o Juquinha pela casa toda. Não foi possivel encontrá-lo. Nada, que elle ainda estava escaldado da lição que tomara por causa da tinta.



O TALENTO DO JUQUINHA

Nova pilheria



Juquinha, já muito desconfiado com o mau êxito nas travessuras em casa, resolveu dar um passeio e fazer as suas tropelias sem que ninguém o possa atrapalhar.



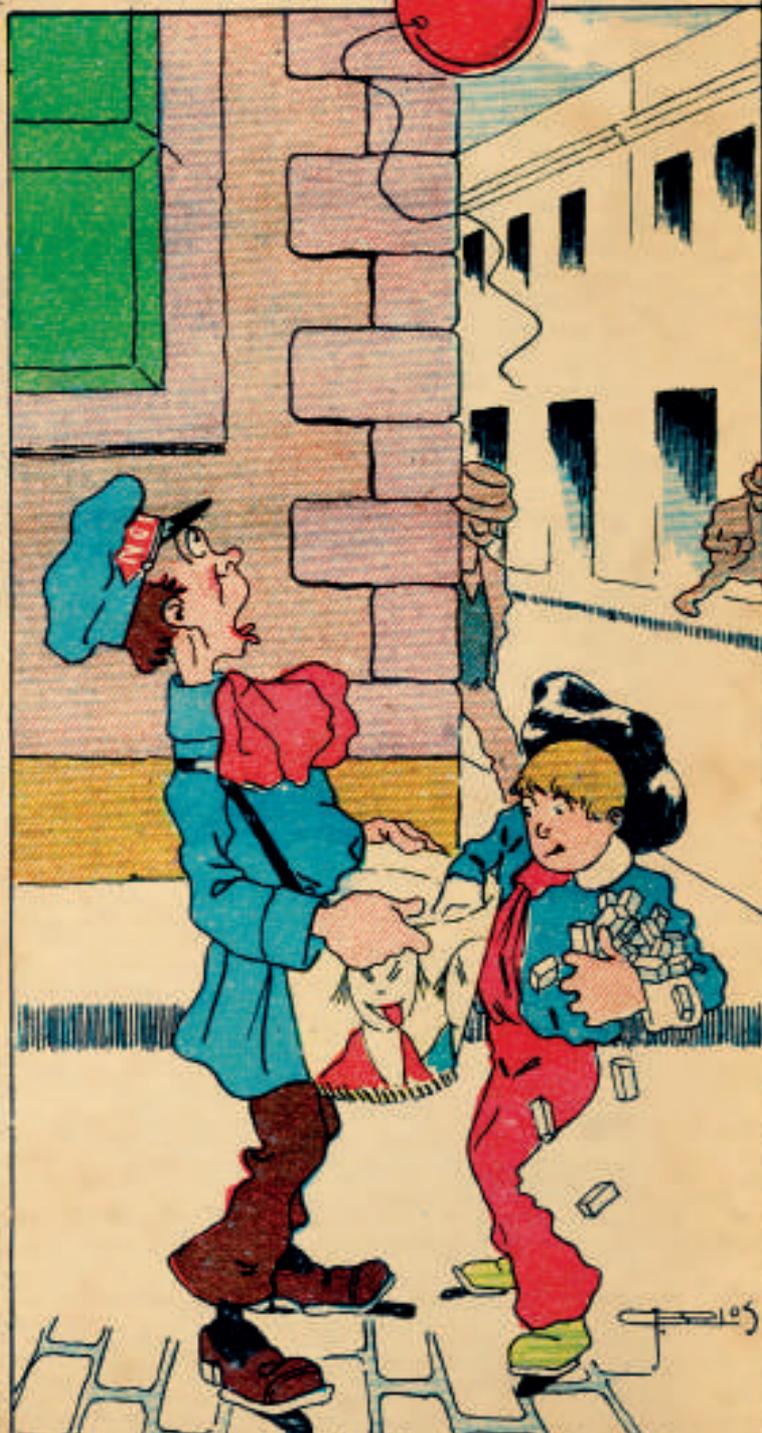
E assim fez. Depois de muito pensar, ocorreu-lhe uma ideia, e apressado, correu a comprar um balão destes que tanto divertem a meninada. Para que? Que quera fazer Juquinha com esse balão? Não o sabemos ainda, mas elle promette vir contar o caso na próxima quarta-feira.



O TALENTO DO JUQUINHA

Nova Pilheria

(Continuação)



(1) E a procura de alguém, que fosse a vítima de sua nova tropelia o Juquinha seguiu pela rua levando preso à mão o balão, que havia comprado.

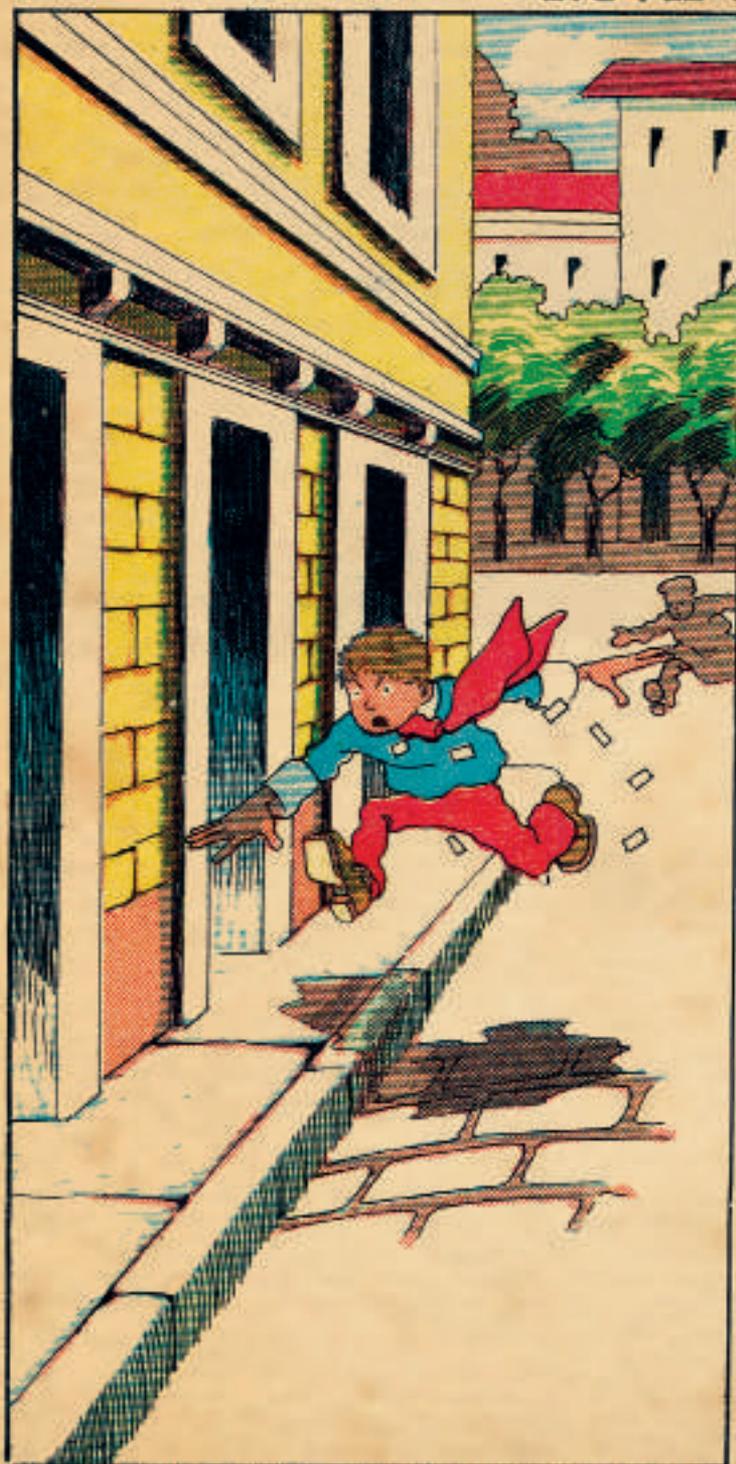
Desta vez o escolhido foi um vendedor de *nougat japonês*. Juquinha aproximando-se d'elle deixou escapar o balão propositalmente e...

(2) enquanto o vendedor de *nougat*, descuidado, seguia com o olhar a fuga do balão, Juquinha, mettendo as mãos na cesta, fazia uma provisão avantajada da saborosa gulodice.

(Continua)



O TALENTO DO JUQUINHA
NOVA PILHERIA (Continuação)



Logo que o vendedor de *Nougat* sentiu que estava sendo roubado em sua mercadoria saiu a correr atraz de Juquinha gritando:

—Péga, ladrão! Péga, ladrão!...



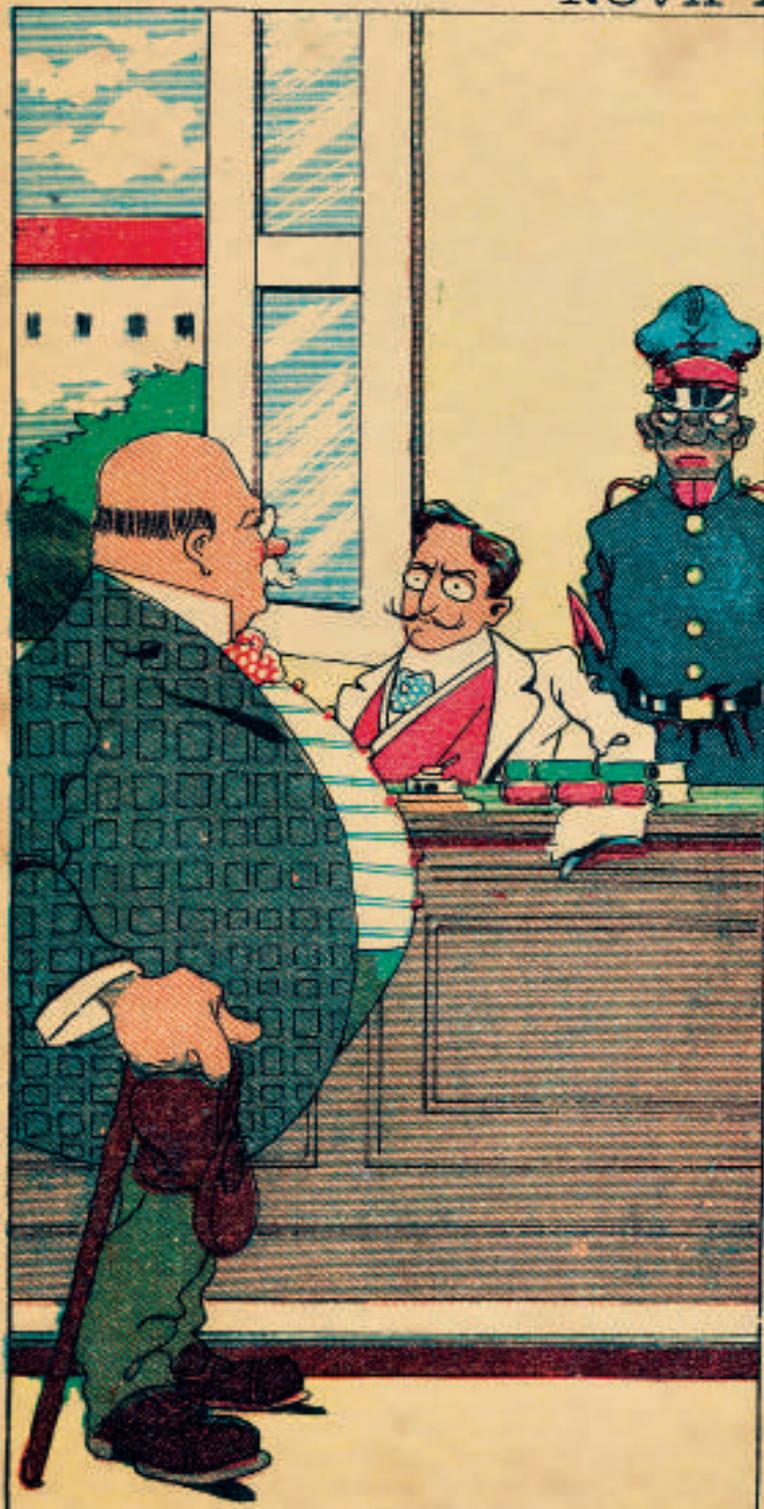
Logo adiante appareceu um guarda civil e segurou Juquinha. Depois sabendo o que o terrivel menino fizera, sendo causa de tão grande gritaria, levou-o preso para o xadrez.

(Continua)

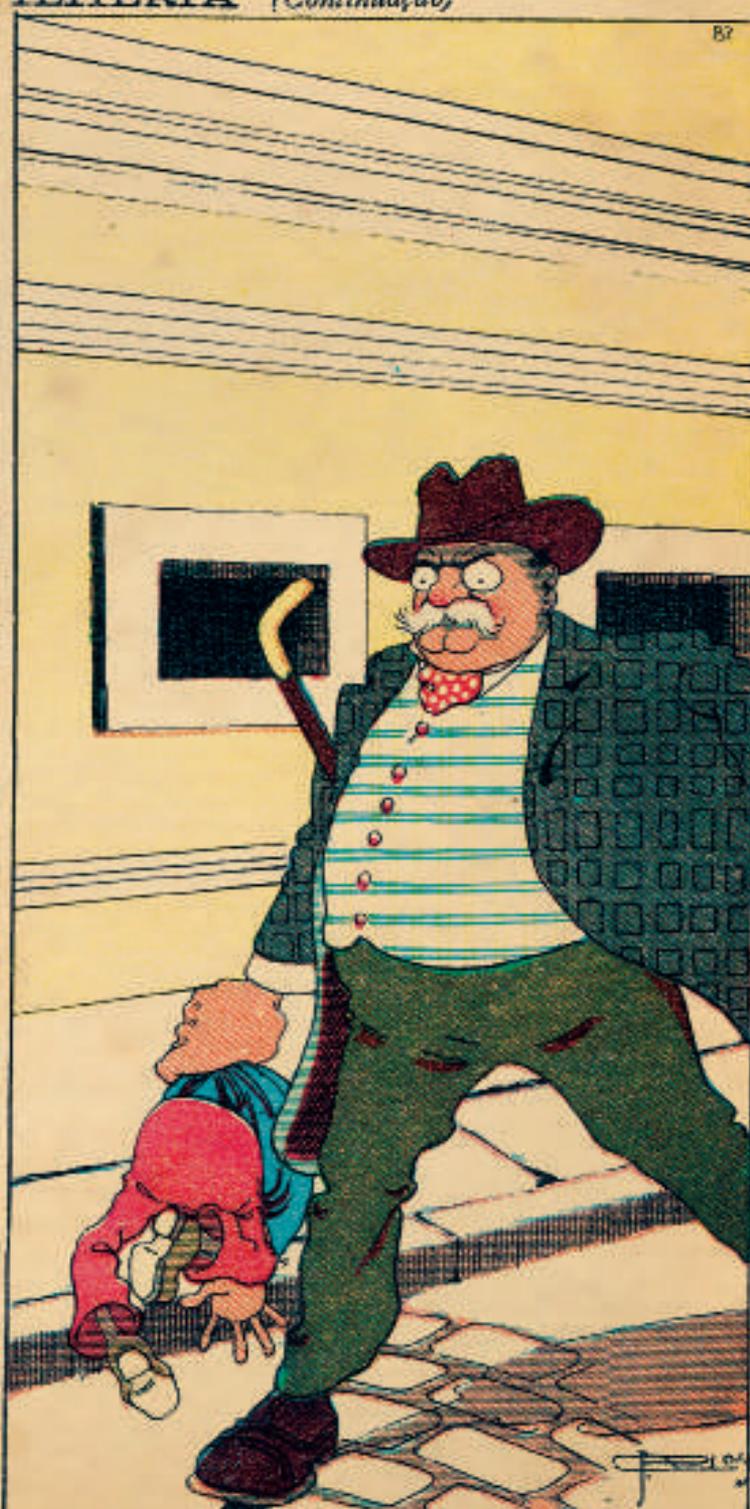


O TALENTO DO JUQUINHIA

NOVA PILHERIA (Continuação)



1) O pai de Juquinha logo que soube que seu filho fora preso dirigiu-se á delegacia. Ahí o delegado lhe disse que Juquinha tinha sido agarrado por ter illudido a attenção de um mercador, furtando-lhe a mercadoria.



2) Enfim a pedido de seu pai, sahio Juquinha do xadrez e foi levado para casa onde o seu castigo foi ainda mais tremendo! Bem feito! Um menino que pratica um acto tão degradante merece uma sova valente. FIM.



O TALENTO DO JUQUINHA

Consequencias



Depois da celebre travessura, da qual resultou aquelle ajuste de contas no xadrez, o Juquinha tornou-se mais conhecido do que nunca, e, quando sahe á rua, não o deixam em paz. Todos apontam para elle, dizendo:

— Aquelle é o tal menino que foi preso por ter furtado os doces de um doceiro !...

E o Juquinha, córado, envergonhado, arrepende-se a todo o instante da triste façanha. Livra! Nunca o travesso Juquinha se viu tão castigado.



O TALENTO DO JUQUINHA

Consequências

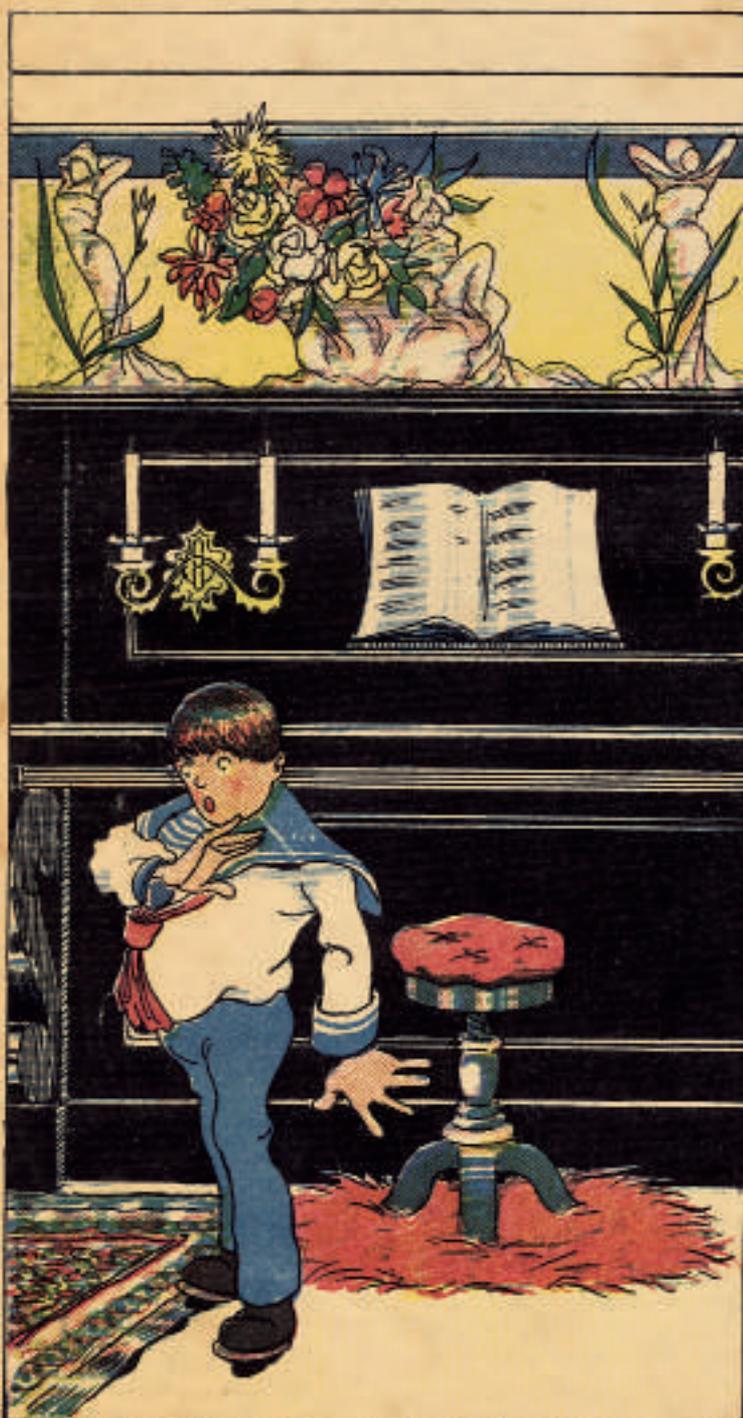


(a) D'esta vez porém saiu-se mal. O cesto virou e foi este o resultado. O homem ficou com as garrafas quebradas mas Juquinha machucou-se, que não foi graça.

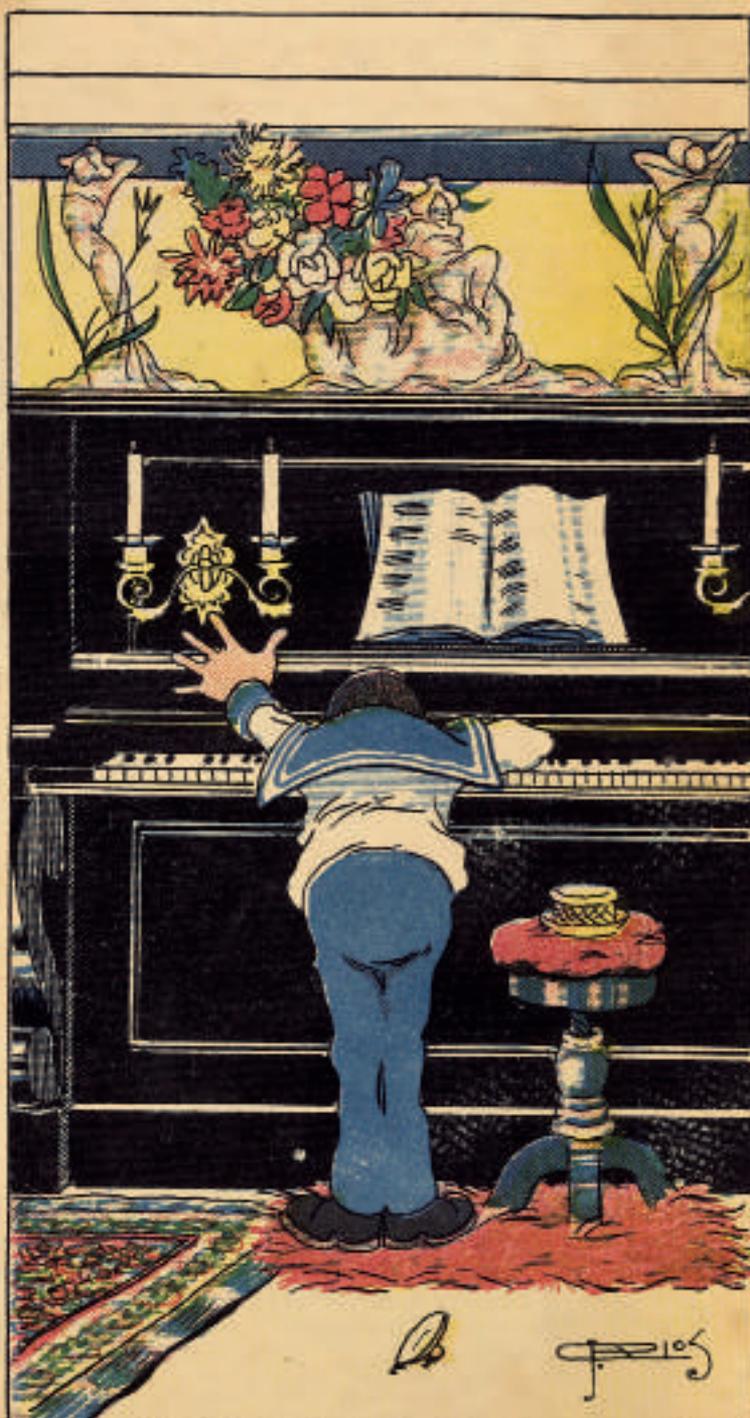
(1) No outro dia um garrafeira ia pelas ruas do bairro esganiçando-se na celebre phrase: — Eih, GUERRAFA VASIA P'RA VENDERE... Juquinha, nas suas tropelias desastradas pulava atraz do homem pretendendo tirar uma garrafa.



JUQUINHA E O PIANO



1) É costume do pai do Juquinha festejar a entrada do Anno Novo com um brilhante baile. Assim, este anno, preparou-se tudo para a festa que prometia ser esplendida sem uma só nota dissonante. Mas não tinham contado com Juquinha.



2) E o endiabrado menino tratou de preparar uma das suas. Antes que chegassem os primeiros convidados, apoderou-se de uma manteigueira e untou de manteiga todo o teclado do piano... Depois... Esperem pelo proximo numero e verão o que aconteceu.



O TALENTO DO JUQUINHA
A festa de Anno-Bom (Fim)



Como os leitores já sabem, o Juquinha lambusou de manteiga o teclado do piano. No melhor do baile, a pedido de varias pessoas que se achavam na residencia de D. Luisa, D. Hortencia sentou-se ao piano para executar alguns trechos musicaes e, ao comecar a tocar um nocturno de Chopin, levantou-se bruscamente.

Deante da attitude de D. Hortencia, o pai do Juquinha correu a seu encontro e, gentilmente, perguntou-lhe si acaso se sentia mal. A D. Hortencia um tanto corada, respondeu-lhe que não podia proseguir porque o piano não estava boim. Todos desconfiaram do Juquinha e no dia seguinte o traquinas entrou em ajuste de contas.



O TALENTO DO JUQUINHA

Considerações



1-1907!... Mais um anno que entra e que nos vem envelhecer.



2-Já é tempo de tomar juizo! Decididamente eu já sou um homem!



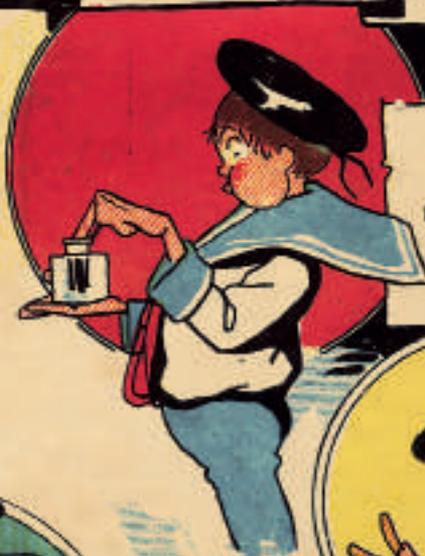
3-Mas um homem sem bigodes não é um homem... é uma criança...



4-...mas uma creança de talento pôde perfeitamente ser um homem; e...para isso...



5-Toma um tinteiro...



6-...mette o dedo na tinta...



7-e com a maxima facilidade pinta uns bigodes.



8-faz-se um homem bonito e elegante.



9-E o juizo? !... Ora adeus... Bonito, elegante e sem juizo... Mas que se ha de fazer? Não ha juizo nos tinteiros...



O TALENTO DO JUQUINHA

Um leitão oviparo



Juquinha, o terrível travesso, apareceu na cozinha onde encontrou um magnífico leitão assado.

A cozinha estava deserta. Juquinha, encarando o perfil lustroso do suíno, lembrou-se de uma nova pilheria.

Empunhou um facão, abriu as costas do porco e, retirando um pouco da farofa, encheu-o de ovos, prevendo um êxito sem consequências desastrosas. Terminada a operação, encobriu os vestígios da pilheria e foi aguardar o resultado que os nossos leitoresinhos conhecerão na próxima quarta-feira.

(Continua)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSICRANTES
O TALENTO DO JUQUINHA—Um leitão oviparo (Continuação)



Mais tarde, o leitão que desprendis um cheiro magnifico, foi levado pela *Maria* para a mesa do jantar onde *papai*, *mamãe*, *vóvó* e *Juquinha* esperavam ansiosos o saboroso petisco.

Mas, oh! desillusão!... Quando o *papai* começou a trinchar-o, recuou apavorado ao ver aquella profusão de ovos no interior do porco. *Mamãe*, o *vóvó* e a *Maria*, todos espantados, fitavam aquelle phenomeno inexplicavel, até que *Juquinha*, fazendo-se de santo, interrogou:—Este porco não teria comido alguma gallinha?

Fin.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA O TAVERNEIRO



1 Ha poucos dias o Juquinha passando pelas ruas do bairro onde reside, viu um taverneiro muito gordo e muito alto que assentado á porta de sua venda lia attentamente Tico Tico.



2 Juquinha, depois de se haver concentrado, disse com os seus botões.— Vou pregar-lhe uma peça. E foi buscar uma lata de tinta.
Sabem para que foi elle buscar a tinta?... Esperem pelo proximo numero e verão.
(Continúa).



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSICNANTES

O TALENTO DO JUQUINHIA O TAVERNEIRO

(Continuação)



1) Juquinha tinha visto alli perto uma caçamba de tinta, foi logo busca-la e com uma pericia admiravel, começou a escrever sobre o caixote em que o taverneiro se sentára.



2) E foi este o letreiro deixado pelo nosso heroe. Uma perfida allusão á calva e á gordura do taverneiro pacato que innocentemente se prestou a essa pilheria do Juquinha.

FIM



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA



NA SEMANA SANTA
NÃO SE ACABAR:
PAPAI, VIRA ROBALDO;

MAMÃ, VIRA TAINHA;

VÓVÓ, VIRA CARAPICU;

VÓVÓ, VIRA BACALHAO;

AMARIA, VIRA
MARIA DA TÓCA;

A BRIQUIDA,
VIRA MUSSUM;

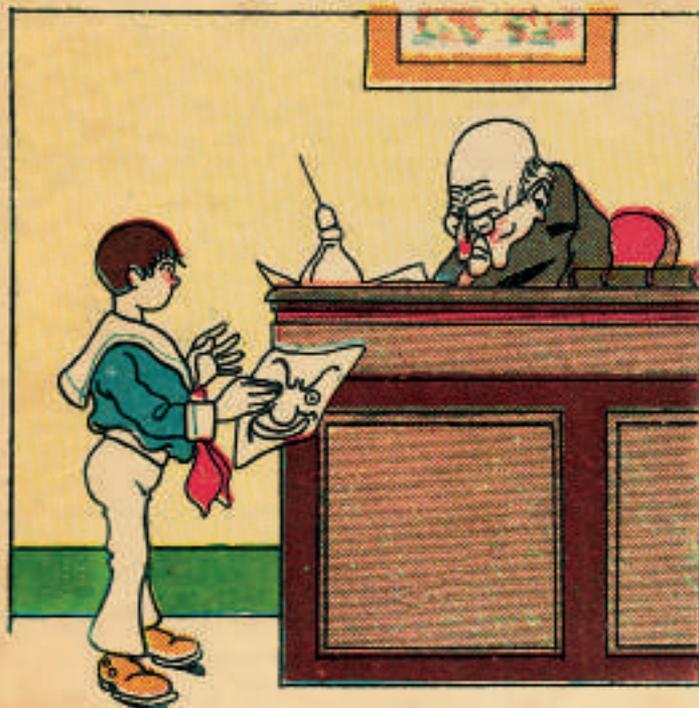
E SEU ANTONIO
VIRA BARRIGUDINHO.

Juquinha está farto de peixe; e, amollado com a semana santa, durante a qual não lhe dão nem um *tiquinho* de carne, resolveu lavar um protesto violento que nada mais é que este painel, desenhado por elle proprio, na parede do corredor...

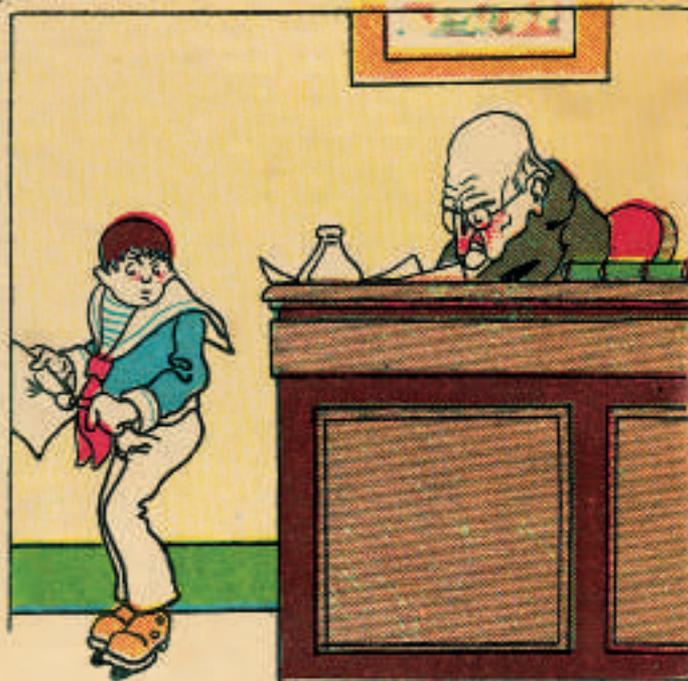


ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

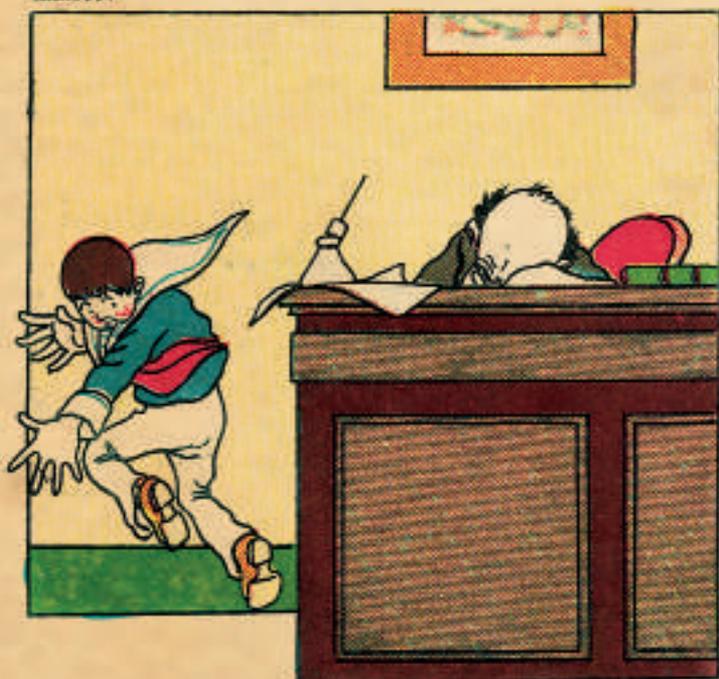
O TALENTO DO JUQUINHA O sonho do vovô



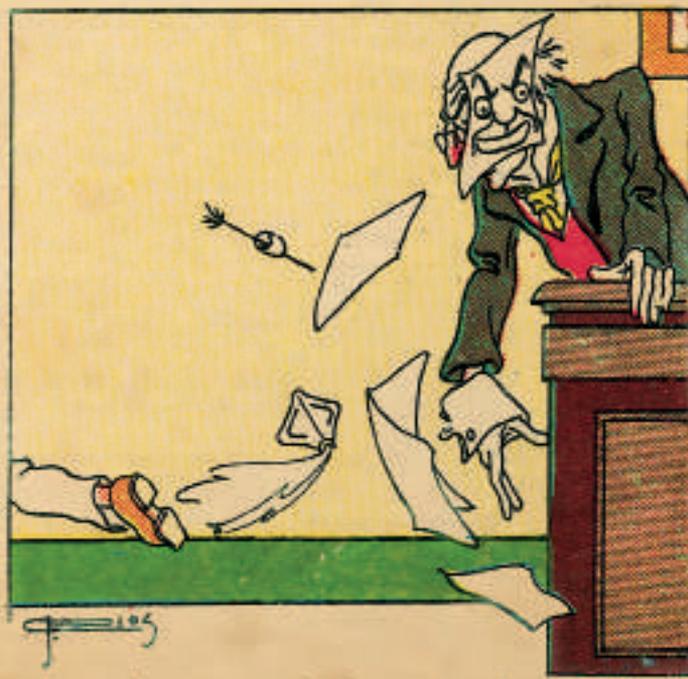
1 Juquinha, surpreendeu ha dias o vovô ferrado em profunda somneca e logo teve idéa de mais uma das suas façanhas...



2 Pegou numa folha de papel onde havia rabiscado uma careta, lambusou-a de gomma e collocou-a sobre a secretaria...



3 Vovô, que dormia a somno solto, deixava cahir a cabeça para todos os lados, até que, batendo em cheio com o rosto sobre a folha de papel...



4 ... despertou enraivecido com aquella cara ridicula grudada e jurou vingar-se. Queixou-se á filha e, d'esta vez, Juquinha levou mesmo umas palmadas puxadas á sustancia e perdeu a sobremesa...



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSINANTES

O TALENTO DO JUQUINHA As sapatranças do papai



1. Aproxima-se o dia em que o Juquinha completa o seu nono aniversário. Entretanto, o menino continua a não ter juízo e a pregar peças a todos aquelles que com ella residem na mesma casa. Outro dia, o nosso herói encerrou-se no quarto de dormir do papai e, com um cordão, amareou as botinas, os sapatos, os chinelos, emfim, tudo aquillo que encontrou em baixo da cama.

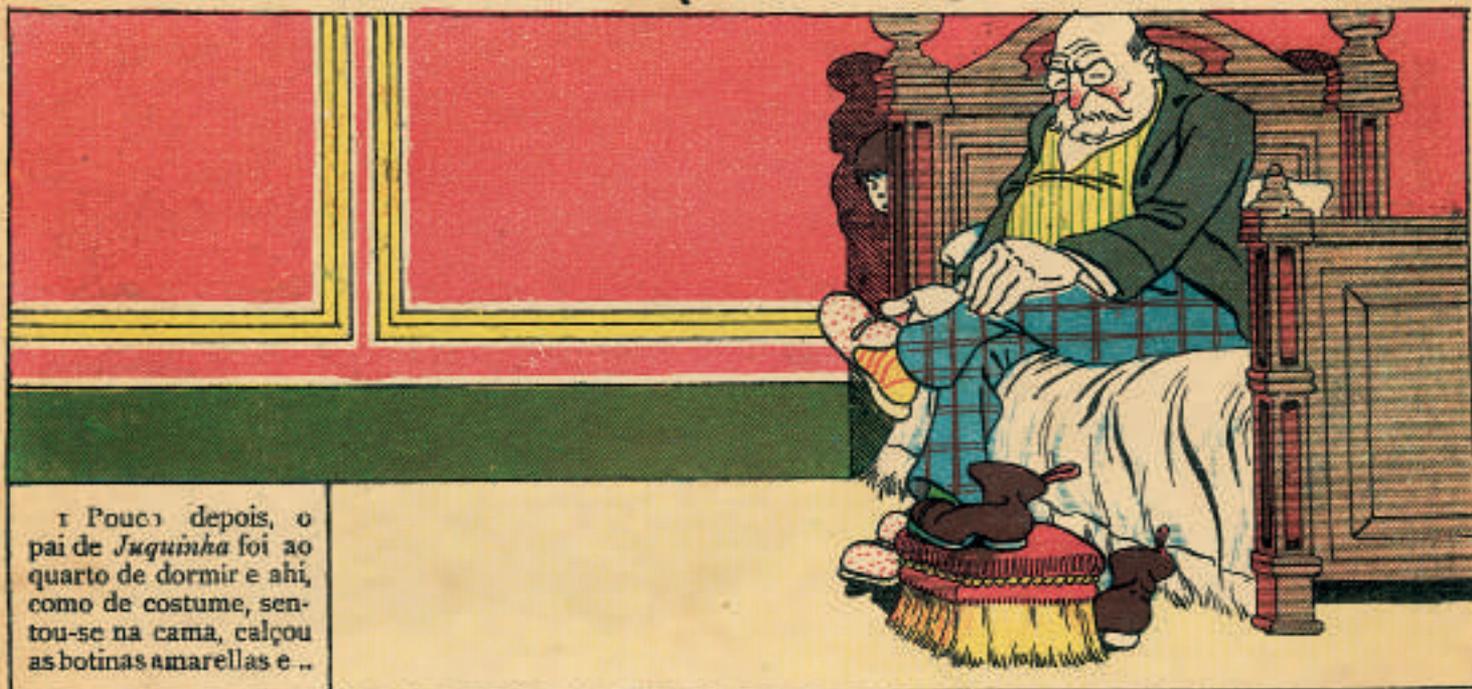


2. Depois da nova travessura, escondeu aquelle rosario original na franja da colcha, deixando somente apparecer as botinas amarellas com que o papai costumava sahír.

(Continua.)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES
O TALENTO DO JUQUINHA As sapatrancas do papai (Conclusão)



1 Pouco depois, o pai de Juquinha foi ao quarto de dormir e ali, como de costume, sentou-se na cama, calçou as botinas amarellas e ..



2 ... muito convencido, dirigiu-se ao corredor arrastando aquella penca de objectos diferentes, porque, além dos sapatos, Juquinha amarrou ao cordão tudo o que encontrou em baixo da cama.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSICHTANTES



Joquina, meus amiguinhos,
O brinquedo refaado,
Faz anos no dia agora
E foi muito festejado.

Gostou brinquedos, -Jo-quinha-
E tu estro, uma bicycleta
Recebeu muitas coisas
-Foi uma festa divertida!

Mas não houve um aniversário,
Uma livrinha toda a vida
De levar pra mim uma cartolina
Claro de... boças de sítio... [sic]

off do MALHO

[Signature]



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

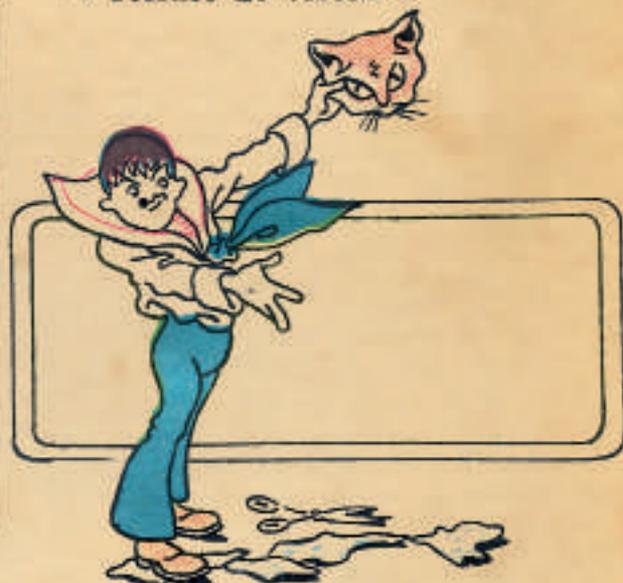
O retrato do visconde



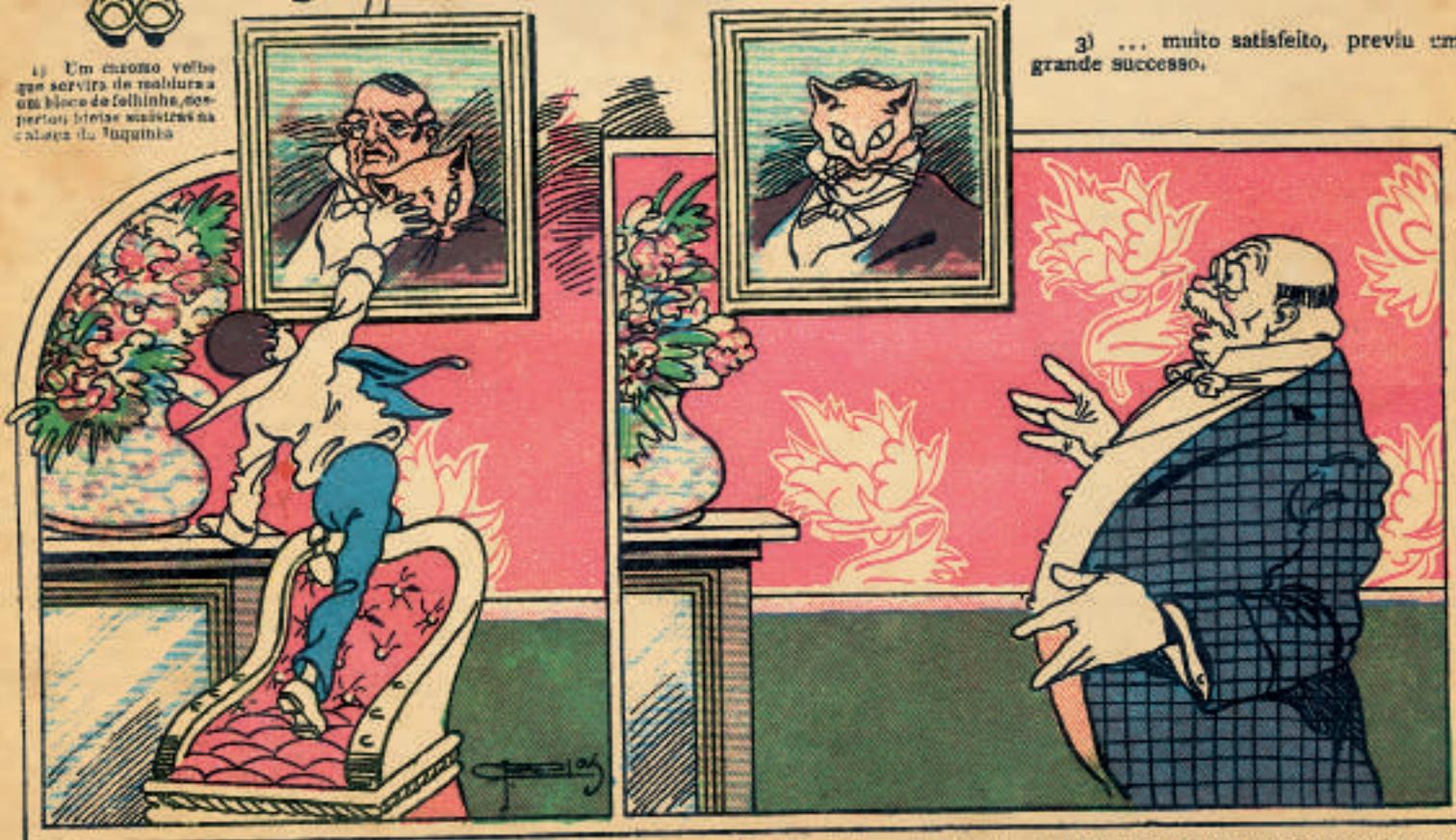
1) Um enredo velho que serviu de moldura a um bloco de folhinha, os pertos bichos sussurros na calça do Juquinha



2) Uma cara de gato, era a principal figura do chromo. O incorrigível traquinas recortou-a cuidadosamente e ..



3) ... muito satisfeito, previu um grande sucesso.



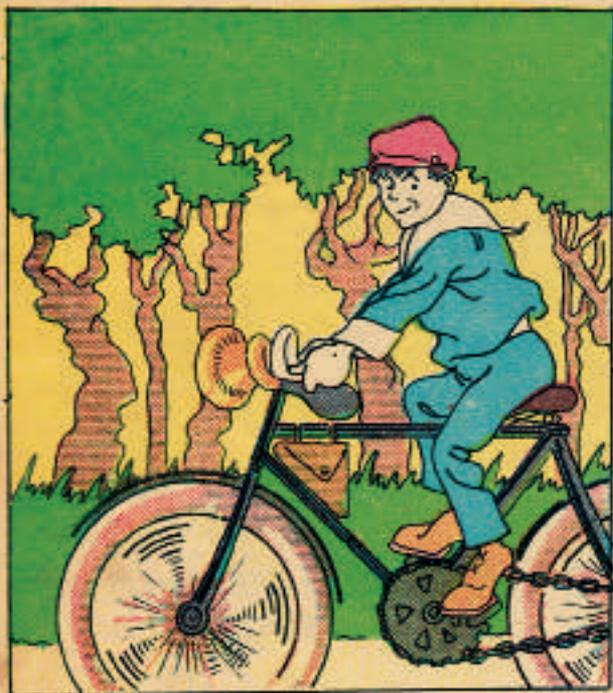
4) Foi á sala de visitas e, trepando n'uma cadeira, collocou a cara do bichano no rosto augusto do respeitavel avô do seu papá.

5) É facil calcular como ficou o papá do Juquinha, quando encontrou seu avô com cara de gato!



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA Proezas da bicycletta



O Juquinha (como os leitores já sabem) ganhou uma bicycletta no dia do seu anniversario natalicio e como é de prever não a deixa em paz.

Ha poucos dias sahi a passeio e... o resto da historia no proximo numero será contado.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSINANTES

O TALENTO DO JUQUINHA *Proezas da bicycletta* II (Continuação)



A bicycletta galgava o asfalto das ruas modernas em carreira vertiginosa.

Juquinha, desastrado em extremo, em certo ponto onde o movimento era maior, atropellou e virou de pernas para o ar um vendedor de ovos.

Estabeleceu-se a confusão e Juquinha, pedalando valentemente a bicycletta, poz-se em fuga, perseguido por guardas civis e populares.

(Continúa)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA Proezas da bicycletta III (Continuação)



Emquanto o desventurado vendedor de ovos lastimava a sua mercadoria perdida, Juquinha vôava, aterrori-
 sando todos aquelles que lhe ficavam mais proximos.
 Após a bicycletta infernal, uma multidão de guardas civis e populares perseguia o desastrado Juquinha, aos
 gritos de—péga!... péga!... (Continúa)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA Proezas da bicycletta IV (Continuação)



A massa de perseguidores avolumava-se cada vez mais.

Juquinha, vendo-se acossado por toda aquella gente, que parecia querer mata-lo, fugia, pondo os bofes pela bocca e, em procura de caminho livre, esbarra em uma quitandeira, atirando ao chão a pobre mulher e mais o cesto e todas as aboboras, pepinos, maxixes, etc.

(Continúa)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

Proezas da bicycletta V (Continuação)



Si não fosse a imprudencia de um cachorro desgraçado, que atropellou o Juquinha e a sua bicycletta, a estas horas o nosso herôe teria conseguido escapar da multidão que o perseguia.

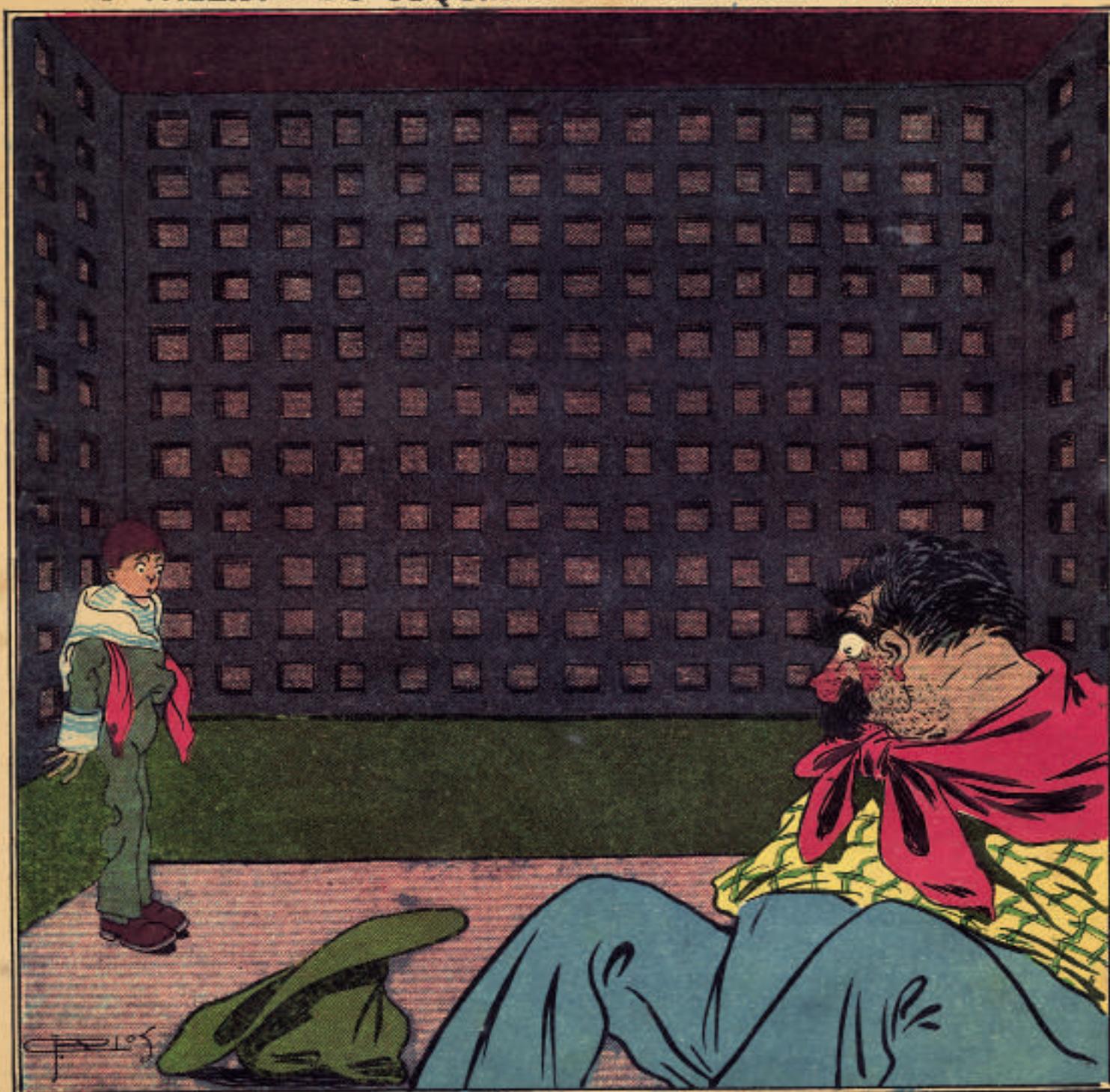
Mas, assim, Juquinha foi preso e, acompanhado pelos queixosos, testemunhas e curiosos, foi conduzido a delegacia.

(Continúa)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA Proezas da bicycletta VI (Continuação)



Ahi está, meus amiguinhos, em que deu o celebre passeio de bicycletta do terrivel Juquinha. Foi este o atterrador epilogo da série de peripecias. Sentenciado a passar duas horas fechado a cadeado, em um xadrez escuro, cheirando mal e, em companhia de um bebedor que tinha os cabellos arripiados, os olhos arregalados, enfim - até parecia a alma do boi *Tatá* incarnada naquelle corpo horripilante. (Continúa.)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

Proezas da bicycletta

VII



Só duas horas após, depois de um susto collossal, depois de procurar *Juquinha* por toda a cidade, soube do caso e fui á delegacia, onde consegui que o nosso terrivel heróe fosse posto em liberdade. Mas teve que pagar os prejuizos soffridos pelas victimas.

Voltando para casa envergonhado, ao passar deante de outras crianças naquella triste figura, *Juquinha* nem tinha coragem de olhar para papai.

De bicycletta... nunca mais. (FIM)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

Uma vingança



Os más momentos passados por Juquinha no xadrez, fizeram com que o nosso heróe alimonte indomavel antipathia por todos aquelles que representam a autoridade policial. Juquinha resolveu vingar-se e, ante-hontem, sahindo pela rua em carreira vertiginosa, dirigiu-se a um soldado, simulando grande agitação. — Que foi que lhe aconteceu? — perguntou, solícito, o policial. E Juquinha, fugido grande pavor, respondeu: Um grande rolo naquela rua. (Continua).



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA

Uma vingança II (Continuação)



Os policias seguiram o terrivel traquinas, preparando dizendo ao soldado e ao guarda

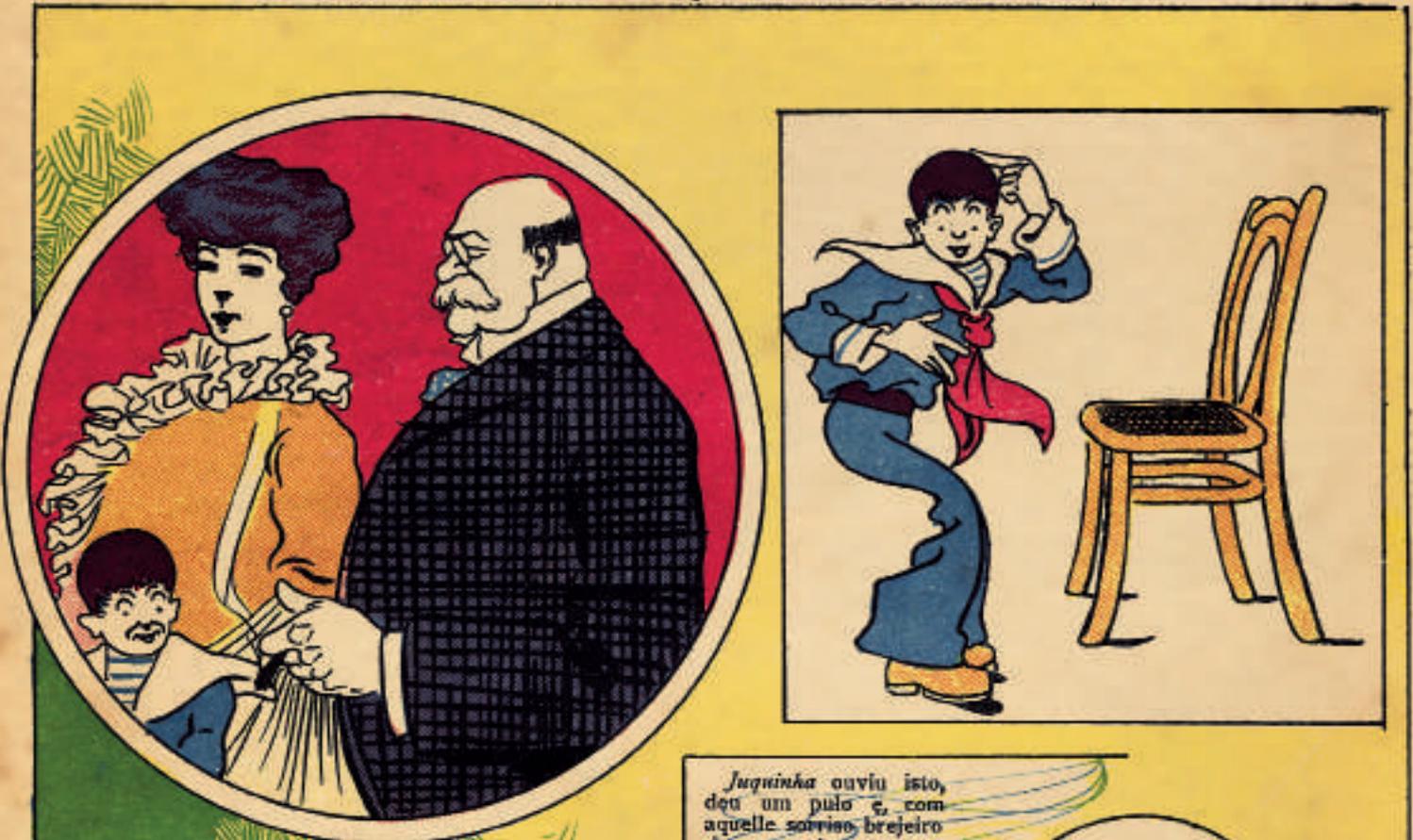
Juquinha com muito interesse e, ao chegarem á esquina, o as pernas para fugir, apontou para um rolo de fios electricos civil:— Prompto. Ahi está o rôlo!

FIM.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A chegada do peru



Juquinha ouviu isto, deu um pulo e, com aquelle sorriso brejeiro de sempre bateu na testa, dizendo: - Vou fazer uma nova partida.

Ha cerca de quatro dias, Juquinha ouviu o seu papai dizer que havia comprado um peru para engordar e enviar ao vovô, no dia de seu anniversario natalicio.



Rapido, sahiu para rua e, dirigiu-se a um bazar...



...onde comprou uma porção de cartolinhas d'aquellas que os palhaços usam nos dias de carnaval.

(Continua)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A chegada do peru (Continuação)



A chegada do peru devia ser festejada solennemente.

Juquinha mettu-se no gallinheiro e preparou os patos e as gallinhas para um baile de arromba que terminou com uma lauta ceia de milho.

Ao terminar a ceia, o gallo fez um brinde, alludindo ás virtudes do peru.

FIM.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA o Sapo



O repelente sapo que Juquinha encontrara quando passeiava pela vizinhança foi cautelosamente introduzido em uma moringa.



Mais tarde o papai do Juquinha, sentindo sede dirigiu se à moringa e, ao surver um bom gole do precioso liquido, quasi que engoliu o sapo.

Imaginem so, meus amiguinhos. Foi um sarilho pavoroso. Felizmente papai até agora ainda não sabe que foi Juquinha o autor desse desastre

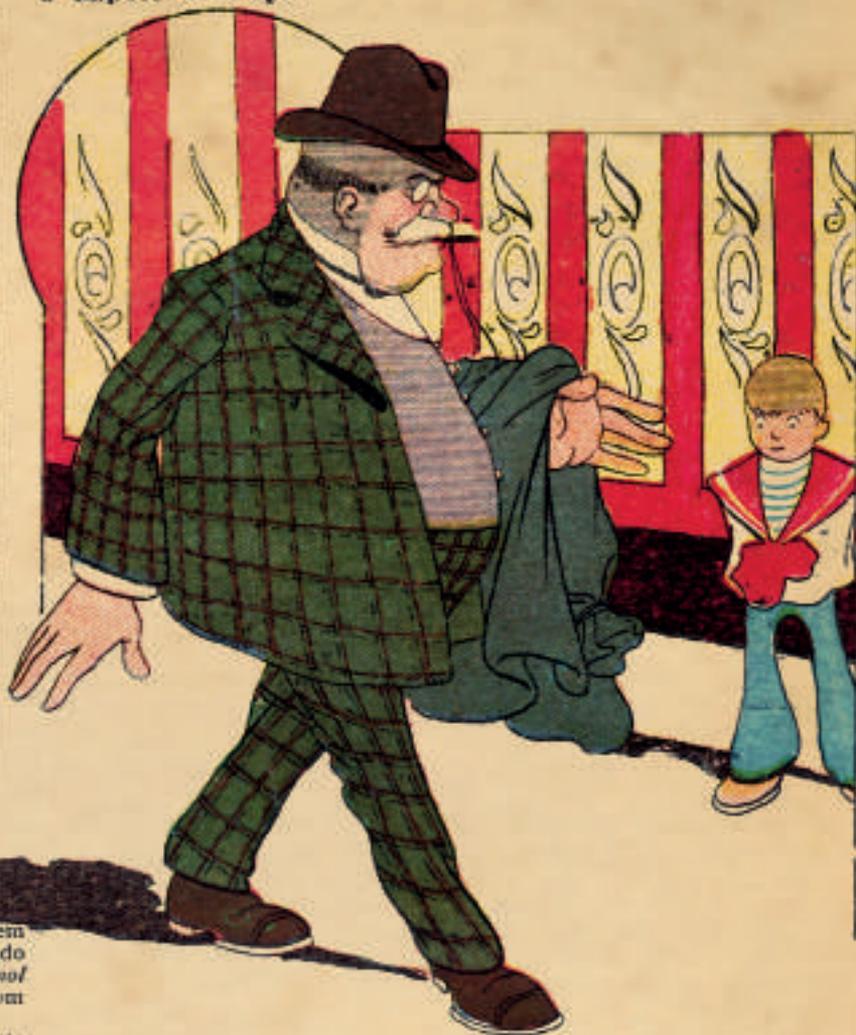
REDACÇÃO - ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 132 - RIO DE JANEIRO

(Publicação d' O MALHO)

(Numero avulso 200 réis. atrazado 500 réis)

O TALENTO DO JUQUINHA

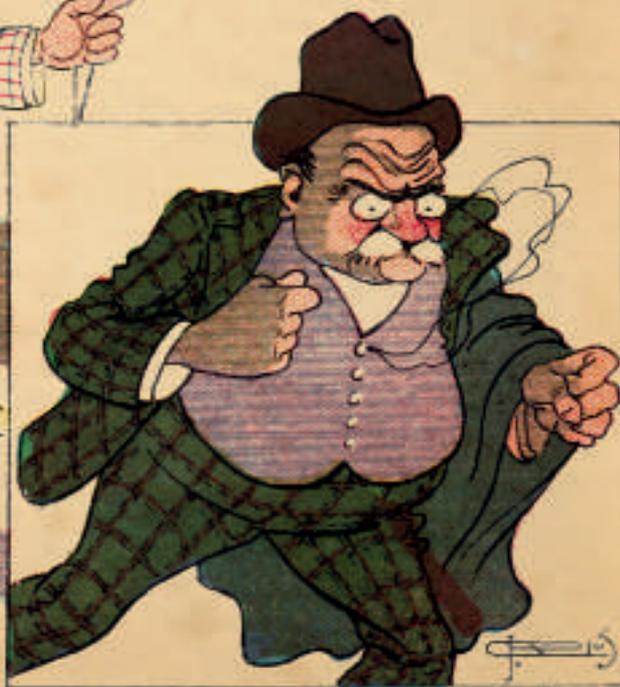
O Capote do Papai



1 Os meninos travessos não devem passear. E foi por isso que o papai do Juquinha não quis levá-lo ao *Guignol* de Botafogo. Juquinha, aborrecido com isso, resolveu vingar-se. Muniu-se de um barbante e amarrrou valentemente as mangas do capote de Papai.



2 Poucos instantes depois Papai foi buscar o capote e saiu dizendo: — Enquanto fôres travesso não sahirás conmigo.



3 Na rua o pai do Juquinha sentiu frio e quis vestir o capote, mas depois de grandeluta, vendo que não conseguia enfiar as mangas, perguntou enraivecido a dois sujeitos:

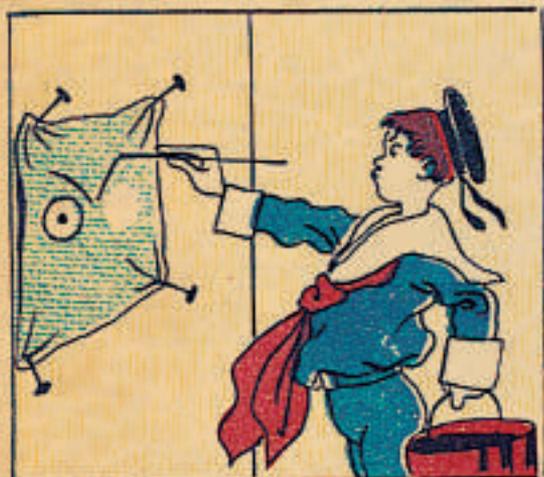
— De que se tem os senhores?
— Do capote, responderam elles.

4 O pai do Juquinha ficou como um possesso. Voltou para casa indignado, e, ahi, não sabemos o que se passou, mas é possível que o Juquinha tivesse apanhado como um boi ladrão.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

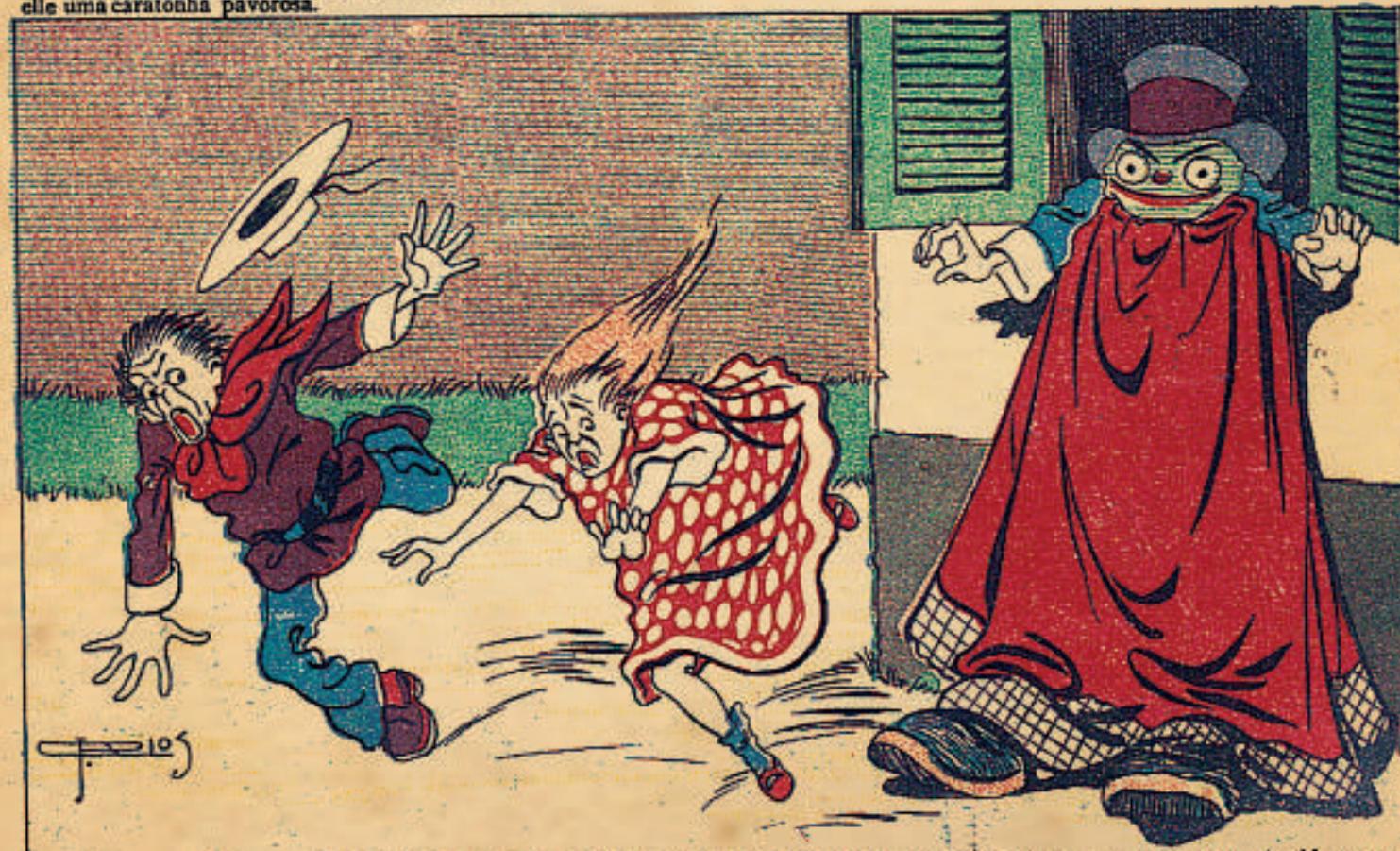
O TALENTO DO JUQUINHA o bicho papão



Enquanto Juquinha não apanhar uma sóva valente, não se corrigirá. A última travessura do endiabrado peralta foi a seguinte: Pegou em um sacco de papel e pintou sobre elle uma caratonha pavorosa.



Depois de prompta a improvisada mascara, enfiou-a pela cabeça e



entendeu uma saia de mamãe na janella e com uns sapatos e uma cartola do papai e roncando como um bicho desconhecido, assustou os filhos do visinho que, aterrorizados, correram como dois malucos.

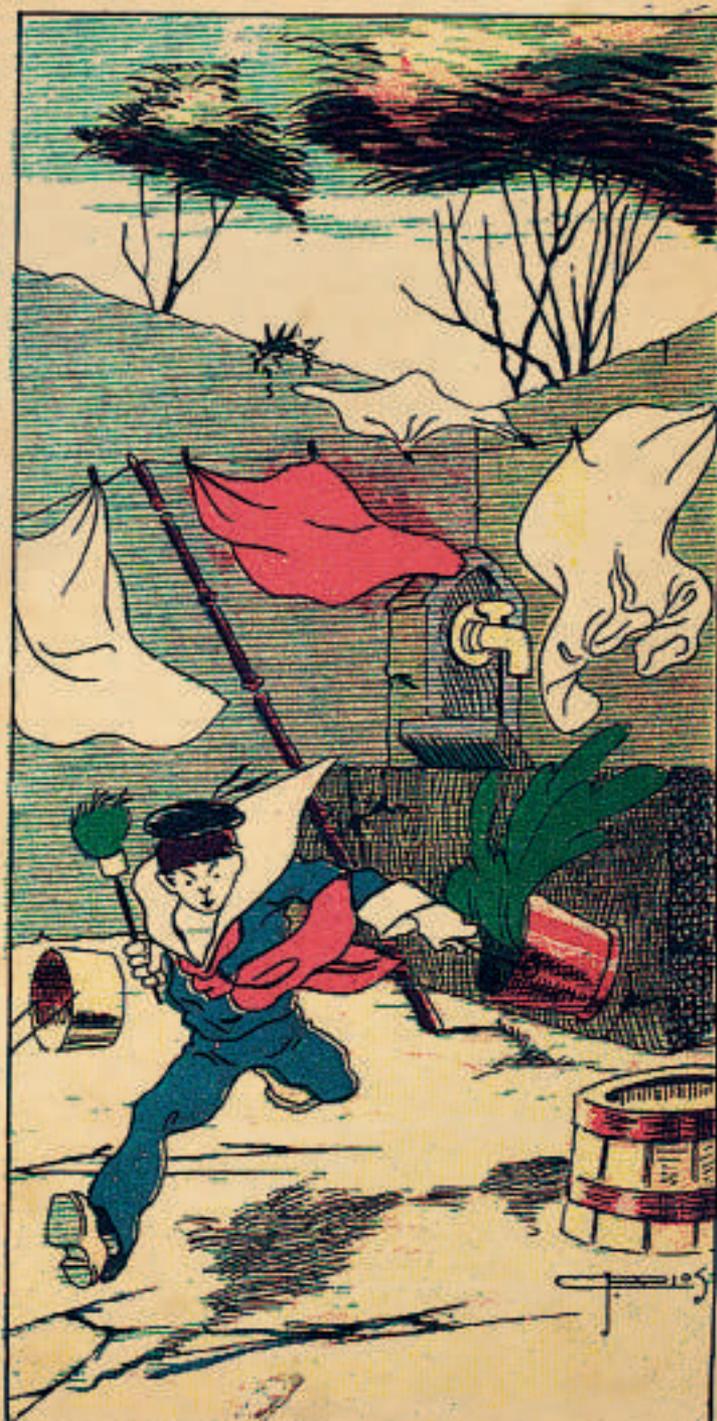


ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A laranjeira encantada



Uma laranjeira enormemente carregada de magníficos fructos despertou a atenção de Juquinha que, descabrestadamente, corria atrás das borboletas que, impellidas pelo vento, esvoaçavam sobre os canteiros da chácara.



Sentindo-se invadido por uma ideia nova, foi a correr até o poço onde havia uma lata de tinta verde e, apresado, dirigiu-se novamente à laranjeira.

(Continua.)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A laranjeira encantada

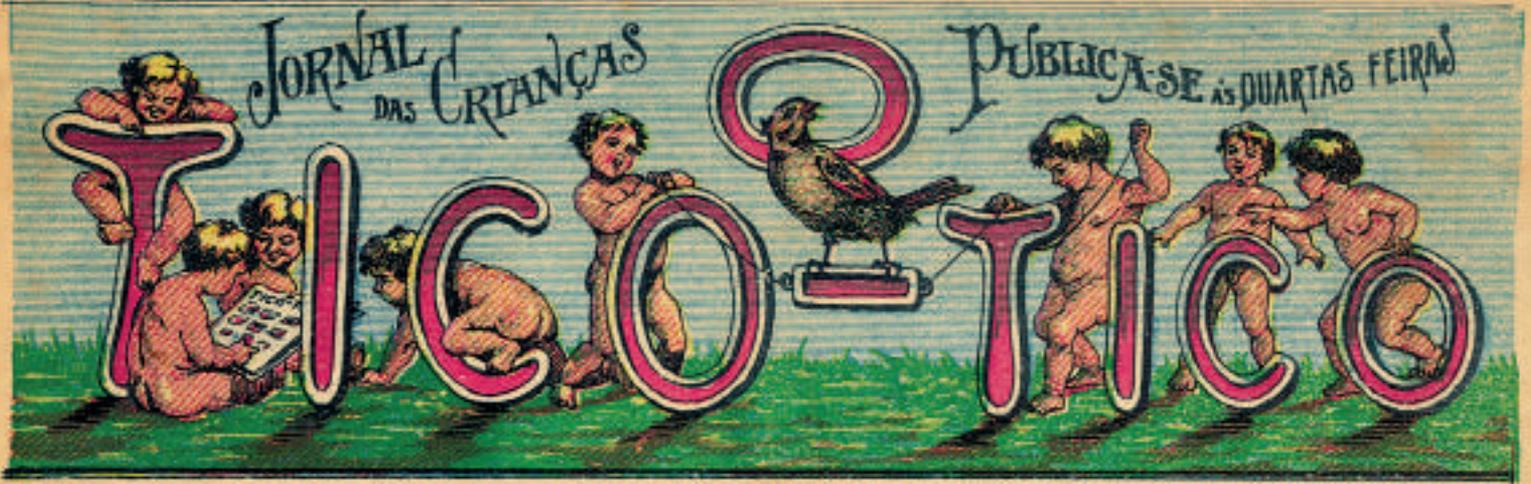


1 Mais que depressa Juquinha, ávido de pôr em pratica a sua ideia de uma nova travessura, subiu á arvore...



2 ... e sem hesitar, pintou da mais bella tinta verde todas as laranjas, que estavam deliciosamente maduras e luzindo ao sol como pamos de ouro.

(Continua).



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A laranjeira encantada (Conclusão)



Concluida a pintura das laranjas, Juquinha, fingindo-se aterrado, correu ao sen. Antonio (o jardineiro) e, com os olhos arregalados, disse:

Sen. Antonio, venha vêr.

As laranjas que estavam todas maduras ficaram verdes outra vez!

A principio o jardineiro duvidou, mas, aproximando-se da laranjeira, ficou apalermado e disse ao Juquinha:

— É verdade, sim, senhor!

Isto é castigo do céu, meu menino...

Si o seu papá não mandar cortar esta arvore amaldiçoada o mal pega e lá se vão todas as fructas da chacara!

E o caso é que o Antonio está muito convencido de que as laranjas têm feitiço.

FIM

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 133 - RIO DE JANEIRO
(Número avulso 200 réis, atrazado 500 réis)
[Publicação d' O MALHO]



O Giby





Para que Juquinha não ficasse sozinho nas suas aventuras J. Carlos criou o personagem Giby no dia 16 de outubro de 1907.

Giby é um negrinho que, 18 anos depois da abolição, torna-se o 2º herói dos nossos quadrinhos no século XX e o 1º afro-brasileiro do gênero.

Nas festividades dos 100 anos d'O *Tico-Tico* falou-se dele, ainda menos que de Juquinha.

Portanto, é fundamental resgatar com detalhes esse herói de cor pela sua importância para a história dos quadrinhos e da negritude no Brasil.

É preciso, antes de tudo, lembrar que Giby tem sobre os ombros carga atávica de mais de 300 anos de escravidão. Herdeiro das relações, para o bem ou para o mal, existentes entre a casa-grande e a senzala de que muito falaram tantos estudiosos. Das ilustrações incandescentes de Angelo Agostini na luta pela abolição da escravatura que perpassa os relatos verbais e as lendas como a do *Negrinho do Pastoreio* e os romances e contos que aparecem na nossa literatura.



É necessário colocar Giby no contexto da época.

É certo que, em todas as classes brasileiras, no passado e no presente, duplas de meninos brancos e negros foram constantes companheiros de pequenas aventuras, brincadeiras de todos os tipos, diversões que no passado iam das peladas de futebol com bola de meia, mocinho e bandido, até conversas animadas sentados em galho de árvore, em muros ou na beira das calçadas. Meninos, não só negros e brancos mas também multirraciais e de classes sociais distintas, que mantiveram na infância amizades em grau de igualdade que nunca acabaram com o passar dos anos.

Entre Juquinha e Giby, a bem da verdade, não existiu, na maior parte do tempo, um relacionamento ameno.

A apresentação de Giby, na série *O talento de Juquinha*, mereceu um painel na capa d'O Tico-Tico, número 106 de 16 de outubro de 1907. A história aí iniciada, *A ignorância de Giby*, continuou em dois capítulos nos números seguintes. Aparece ainda nos números, 110, 111, 113, 115 e 116, num total de oito aparições.

A leitura destes capítulos vai surpreender o leitor pelo laivo preconceituoso do tratamento que J. Carlos dá ao negro Giby.

Juquinha, já na apresentação de Giby, coloca-o no seu lugar e faz um trocadilho sobre o seu nome *Isidoro Carneiro*, ao qual acrescenta *Preto*.

Além de extremamente caricato, Giby é apresentado aos leitores como pouco inteligente, e, na primeira história, nivelado a um deficiente mental. Nas demais é submetido a outras situações humilhantes criadas pelo filho do dono da casa, onde trabalha como copeiro. Veste-se como tal; camisa amarela, jaqueta vermelha, calças xadrez vermelha e preta.

Juquinha, autor intelectual das situações ridículas ou trapalhadas



em que coloca o Giby, nunca é repreendido e sempre leva a melhor. Há uma única exceção na história *Um susto e uma corrida*.

Evidente que, vindos à luz hoje em dia, causam espanto as conotações ou mesmo claras leituras preconceituosas e racistas, chocantes, nos quadrinhos em que aparece Giby, desenhados em 1907. E posteriormente, quando ele torna a aparecer a partir de dezembro de 1912. Principalmente por terem sido concebidas pela imaginação e traço de um dos nossos artistas mais sensíveis, humanos e democratas como foi e sempre será a imagem que temos de J. Carlos. Todavia, é necessário remeter a leitura desses quadrinhos ao contexto da época do qual não pode ser deslocado.

O autoritarismo do menino da família burguesa e o servilismo de Giby, tanto na primeira fase da dupla como no início da segunda, é um comportamento socialmente inconsciente, decorrente da situação criada pelo sistema escravagista encerrado oficialmente 18 anos antes da primeira aparição de Giby.

Antes de se acusar J. Carlos de racista é preciso refletir sobre essa proximidade histórica, a juventude do autor, que contava 22 anos, e olhar de forma abrangente o conjunto de sua obra do mais alto valor humanista e democrata.

Lembrar que J. Carlos sempre foi um homem do seu tempo.

Roberto Marinho escolheu para batizar sua segunda revista em quadrinhos, formato tablóide – o nome *Gibi* – lançada numa quarta-feira, 12 de abril de 1939. Na revista, como logomarca, aparecia junto ao título, um negrinho, jornaleiro ambulante.

Foi tal o sucesso que o nome do Giby, hoje grafado com i, designa de modo genérico as revistas de histórias em quadrinhos no Brasil e certamente, na época, significava moleque, negrinho. Como consta nos dicionários atuais.



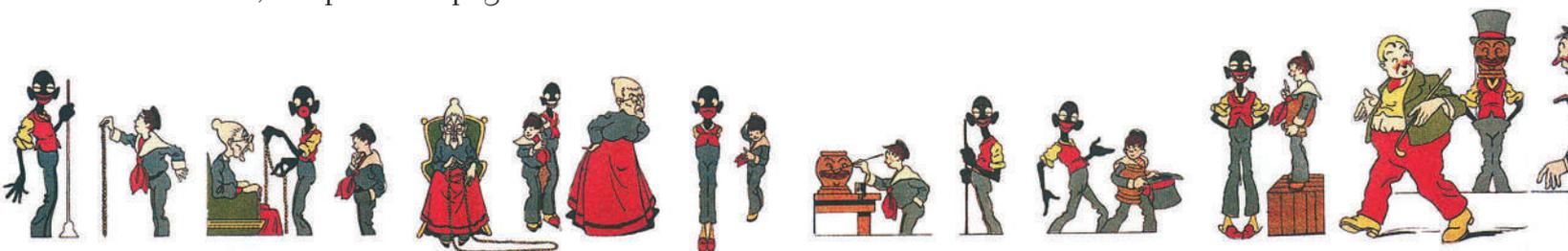
Antes de apresentar as páginas iniciais em que aparece essa personagem tão marcante quanto desconhecida até agora na historiografia das histórias em quadrinhos nacionais, seria interessante uma visão retrospectiva do que foi a presença do negro na caricatura e nas nossas primeiras histórias em quadrinhos a partir dos anos 60 do século XIX.

Henrique Fleiuss, um prussiano, nascido em 1823, fixou-se no Rio de Janeiro e no início de 1859, fundou um estabelecimento tipolitográfico, depois transformado no Imperial Instituto Artístico. Em 16 de dezembro de 1860, firmou as bases da revista humorística ilustrada no Brasil, lançando a *Semana Ilustrada*.

Fleiuss, baseado num homem, que aparecia no logotipo da revista operando uma lanterna mágica, criou uma personagem chamada *Dr. Semana*. Caracterizado pela longa cabeleira e nariz adunco, aparecia quase sempre na capa, num painel único no qual criticava a política e os costumes sociais. Para isso dialogava com o criado, um rapazinho negro que respondia pelo apelido de *Moleque*. O relacionamento entre ambos era muito cordial e o Moleque, sem dúvida, foi o principal personagem negro representado graficamente até o surgimento de Giby.

O Dr. Semana durou vários anos e o caricaturista Pinheiro Guimarães quando deixou a *Semana Ilustrada* para trabalhar no *Bazar Volante*, em 1863, começou a desenhar uma cópia dele com o nome de *Dr. Charlata*.

A segunda metade do século XIX trouxe grande discussão sobre a questão racial e encontrou em Angelo Agostini um grande combatente contra a escravidão. São antológicas suas críticas, muitas vezes em desenhos realistas, ocupando as páginas centrais da *Revista Ilustrada*.



Não se pode esquecer também Tutu, de Messias, participando de estripulias junto com os brancos Titi e Pão-Duro, na mesma publicação, entre setembro de 1933 e dezembro de 1934.

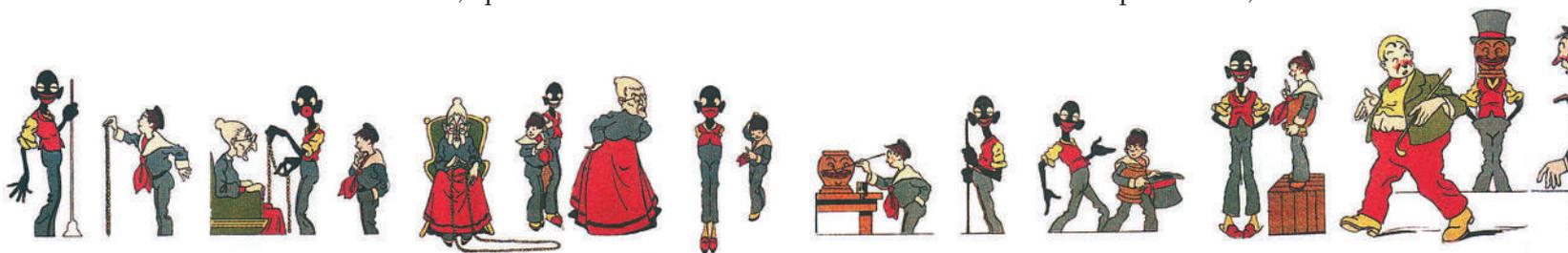
Inegavelmente, os dois mais famosos pela longevidade e consequente lembrança pelas gerações mais velhas que acompanharam suas aventuras n'O Tico-Tico até o fim da revista em 1958 foram Benjamim e Azeitona dos quais já falamos anteriormente.

O primeiro, criado por Loureiro, prolongou-se de 1916 até 1958 para acompanhar Chiquinho, sendo responsável pelo abasileiramento do herói branco, até então um decalque de Buster Brown. A mesma longevidade e renome alcançou o segundo, pertencente à trinca criada por Luís Sá, em 1932: Reco-Reco, Bolão e Azeitona. Mas a grande personagem negra dos quadros brasileiros e considerada a obra-prima de J. Carlos chama-se Lamparina. Ninguém se compara a ela no Brasil e internacionalmente só encontra rival no pequeno africano Bilbolbul, lançado por Attilio Mussino, no *Correio Dei Piccoli*, em dezembro de 1908.

Lamparina é a última personagem criada por J. Carlos e, provavelmente por ser menina e caçula, a favorita do autor.

A nacionalidade de Lamparina vai depender dos limites das nossas águas territoriais. Diferente dos demais personagens, criados a partir do retorno do artista para O Tico-Tico, em 1919: o viúvo Carrapicho e seu filho Jujuba, o vagabundo Cartola e seu amigo, Borboleta, o menino de rua, ou o gordo e inconsequente Goiabada, todos cariocas da gema.

Lamparina não nasceu no continente. Vivia numa ilha misteriosa habitada por uma tribo de negros selvagens em que Carrapicho, Jujuba e Goiabada caíram, quando sobrevoavam o Atlântico num avião improvisado,



se vê submetida é penoso porque não fala português, ainda vive chorando de saudade da ilha e tentando fugir. Isso, quando, frugívera inveterada, não está tentando roubar frutas, especialmente bananas do quintal dos vizinhos. Sofre castigos um tanto radicais por parte da família adotiva, como ser amarrada à perna de uma mesa, resultado do desespero dos responsáveis pela formação, controle do temperamento anarquista e educação da negrinha. *Missão* quase impossível.

Lamparina tem bom coração, é solidária. Porém, além de irresponsável e libertária é indomável, costuma fazer represálias quando contrariada.

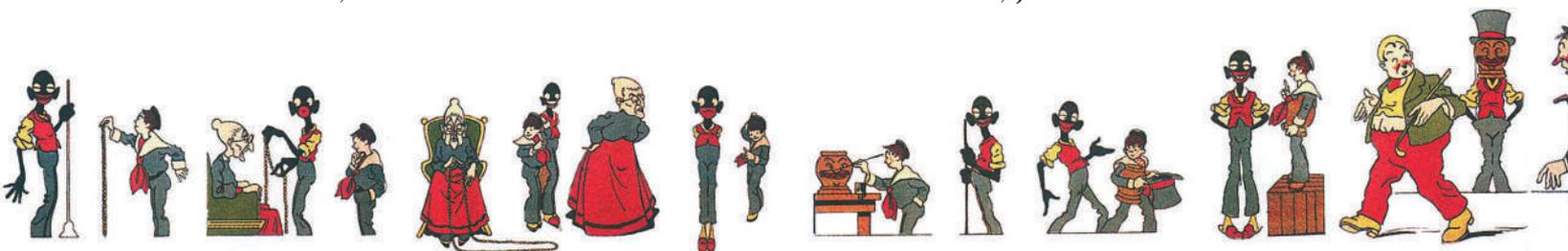
O leitor deve ser avisado que Lamparina é a antítese do Giby.

À medida que se civiliza, abandona o colar e brincos de concha que usava quando veio da ilha misteriosa, mas faça chuva ou faça sol passa todo o tempo de dorso nu e vestida unicamente com seu saiote amarelo. Personalidade multifacetada, menina temperamental, sujeita a risos e choro que resulta de maquinações planejadas por ela nem sempre bem-sucedidas.

O nome dado por J. Carlos a essa menina impúbere e de aparência andrógina é o de uma pequena lâmpada muito comum no Brasil de outrora. Popularmente, lamparina denomina uma bofetada na orelha.

Provavelmente, o desenhista experiente ao imaginar a sua silhueta delgada e maleável, facilmente capaz de plasmar expressões corporais as mais variadas, exuberantes e expressivas que a caracterizaram entre as outras personagens, já previa também o espírito rebelde e anarquista, a luminosidade e sobretudo o fogo que colocaria na sua personalidade.

Lamparina é rapidamente desenvolvida pelo autor e logo chega a dominar a cena como atesta a série clássica, intitulada *A fuga de Lamparina*. Nela, entre 27 de outubro e 26 de dezembro de 1928, J. Carlos desenha



a fuga épica da menina por entre mata e rio em uma sequência de nove páginas, na qual é engolida viva e inteira por um tigre. Faz tanto berreiro e contorções no estomago da fera que ela a vomita em um rio onde é atacada por patos selvagens. Os patos são abatidos por Goiabada e ela encarregada de depená-los para uma festa dada aos amigos de Carrapicho. Cumpre a *Missão* que lhe foi dada, porém, como vingança, coloca óleo de rícino na comida, provocando diarreia em todos os convivas. Mas, se J. Carlos a demoniza, também a santifica. Como é o caso do artístico painel em página dupla, intitulado *A Escada de Jacó*, em que Lamparina, ouvindo Carrapicho contar a história da escada de Jacó, adormece e sonha estar varrendo essa escada celestial cercada pelos anjos.

J. Carlos é o grande mago dos quadrinhos brasileiros numa outra época, em outro estilo. E Lamparina é a sua principal criatura. A mais encantadora, a de maior personalidade. Não se pode deixar de recordá-la ou mostrá-la todas as vezes que se fala na extraordinária obra lúdica de J. Carlos.

J. Carlos é Lamparina e Lamparina é J. Carlos. Sem ela a história dos quadrinhos nacionais jamais ficará completa e também este álbum não estaria inteiro sem um pouco da sua presença.

Para conhecimento dos leitores que nunca souberam da existência de Lamparina, veremos adiante uma de suas aventuras, de ação positiva, na história, *O rapto de Goiabada*, apresentada no Almanaque d'O Tico-Tico de 1934.



CORRIA pelas redondezas a notícia de que havia aparecido naquella remansa do littoral um cardume de robalos. Quando o sol havia rasgado então as brumas da manhã, Goiabada, Carrapicho, Jujuba e Lamparina, armados de longos canhões, esperavam, pacientes, os robalos invisíveis. Mas adiante, junto ás rochas esverdeadas, uma especie de piróga baloiçava á mercê das aguas e a figura exótica de um selvagem colhia mariscos entre as pedras es-corregadías.

Goiabada agitou com ruído a lata de is-cas. O selvagem mysterioso voltou-se e, quando percebeu que tinha sido descoberto, desandou a correr. Encorajados pela timí-

O RAPTO DE



dez do selvagem, Goiabada e Lamparina sa-hiram também a perseguil-o; e correram muito.

De repente o selvagem parou; alhou firme os seus perseguidores e deu um passo á frente. Goiabada, que também havia parado, recuou um passo, dois, tres; o selvagem avançou e partiu a correr em direcção a Goiabada que, apavorado, disparou a pular pedras com a rapidez de um gafanhoto.

Mas foi tudo em vão.

Pouco tempo depois, obrigados pelo selvagem estranho, Goiabada e Lamparina embarcaram na piróga que se fez ao largo, enquanto do lado de cá Carrapicho e Jujuba, com os olhos fóra das orbitas, acompanhavam tudo.

E a piróga desapareceu.

No dia seguinte, muito contra sua vontade, Goiabada e Lamparina desembarcavam numa ilha cheia de coqueiros, habitada

GOIABADA

por uma tribo que os recebeu com surpresa.

Havia um tronco de pau no meio das malocas. Lamparina chegou-se à Goiabada e falou:

— Fuja quando elles estiverem distrahi-dos. Eu irei pegar a canoa a nado. — E, tomando uns ares graves, apontou o pau no meio do terreiro e disse:

— Baturité boló!

Xambarity! Zetremelétucum debara-timbó zabarahatana.

Depois a negrinha trepou num pilão e, com um tição de fogueira, começou a desenhá-lo sobre o tronco de pau a carranca de um fetiche.

A tribo toda acompanhava o desenho sem caconder o seu espanto. Lamparina interrompia de vez emquanto o trabalho e brava-dava, erguendo os braços:



— Jaguarátirica !
— Jaguarátirica !
— Jaguarátirica !

A tribo não perdia um só dos movimen-tos da negrinha e, numa das vezes em que ella saltava o brado "Jaguarátirica", Goiabada mettu-se na canoa e foi se afastando em si-lencio.

O boneco estava quasi prompto. Lam-parina apanhou então um feixe de palhas, ac-cendeu-o com um pequeno accendedor de ci-garros que Goiabada lhe havia dado e com-pletou a obra curvando a cabeça, erguendo os braços e bradando: — Ale guá! guá! guá! Tupan!

Toda a tribo lançou-se ao chão, cheia de fervor. Ouvia-se agora um ruido de preces esquisitas parecendo o sussurro de um exa-mine de maribondos. E, enquanto aquella gente toda rezava, Lamparina foi sahindo com cautela e mettu-se n'agua para pegar a canoa que bordejava ao largo.





ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA I A ignorância do Giby



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 1.02 - RIO DE JANEIRO
(Número avulso 200 réis, tirazado 500 réis)
Publicação d' O MALHO

Ha poucos dias Juquinha entrando desencabrestadamente peia sala da copa, estacou surprehendido deante do moleque mais preto que até hoje tem se visto.

Era um copeiro novo, que entrára para o serviço da casa.

Juquinha não pôde deixar de rir. Fitou resolutu o moleque e, ainda em sorrisos, perguntou:

— O' Giby! como te chamas?

— Izidoro Carneiro, sim sinhô.

— Carneiro... preto... considerou Juquinha.

Ha de ser burro por força.

(Continua)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A ignorancia do Giby II (Continuação)



1) Nós vamos brincar, está ouvindo, Giby? Disse Juquinha com aquelle arzinho de quem manda muito. — Você vai trepar nesta cadeira com muita atenção e empunhando este canhão . . .



2) Vai fingir que está pescando. Eu venho lá de dentro, como si fosse um guarda e depois começamos a discutir. Fique ali bem quietinho. E Juquinha retirou-se. (Continua)



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA A ignorancia do Giby III (Continuação)



Enquanto Giby obedecia cegamente às ordens de Juquinha, este ia dizer a sua mãe que o moleque parecia pateta :
 D. Luiza pretendendo certificar-se surpreendeu o Giby solenemente repimpado sobre as costas de uma cadeira, esperando attento por algum peixe que Juquinha affirmára existir em uma tigella cheia d'agua.
 E Giby foi asperamente reprehendido.

Fim

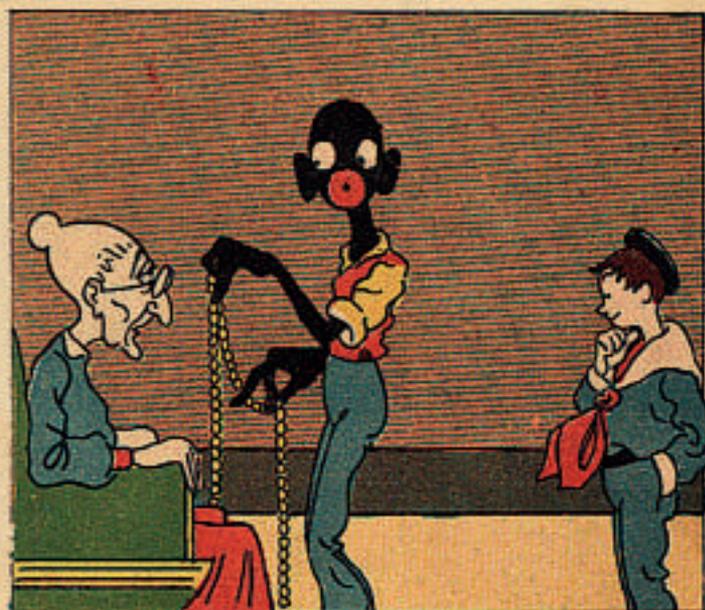


ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

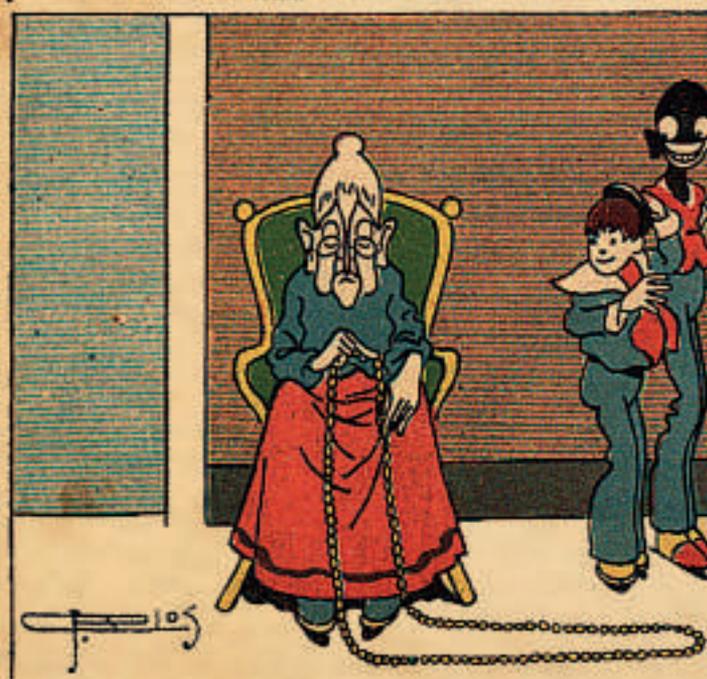
O TALENTO DO JUQUINHA Giby e Vóvó IV (Continuação)



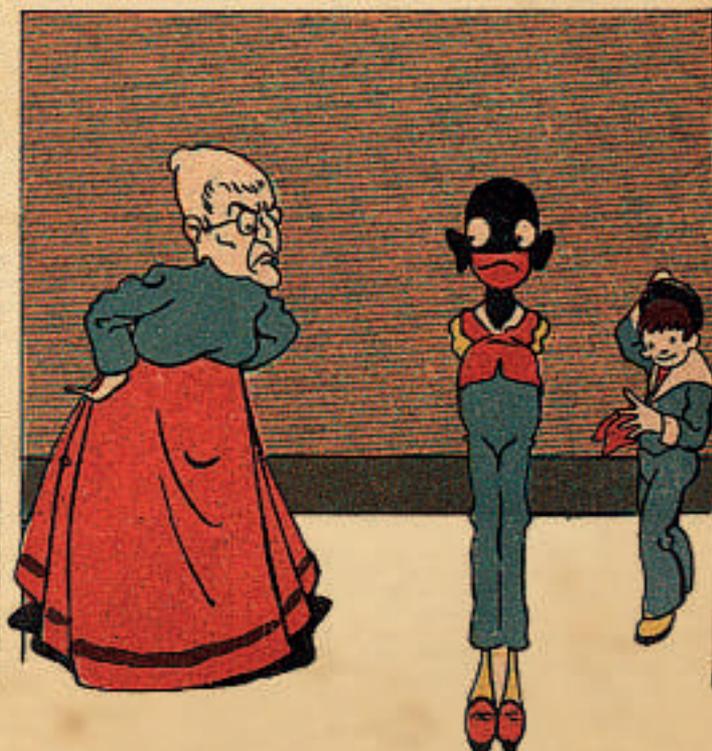
1 Outro dia Juquinha deu-se ao trabalho de enfiar uma porção de contas em um fio de linha grossa. Fez um rosário imenso e levou-o ao Giby, a quem ordenou: — Giby, tu vais entregar isto à Vóvó e dirás que é o rosário, que estava debaixo da cama.



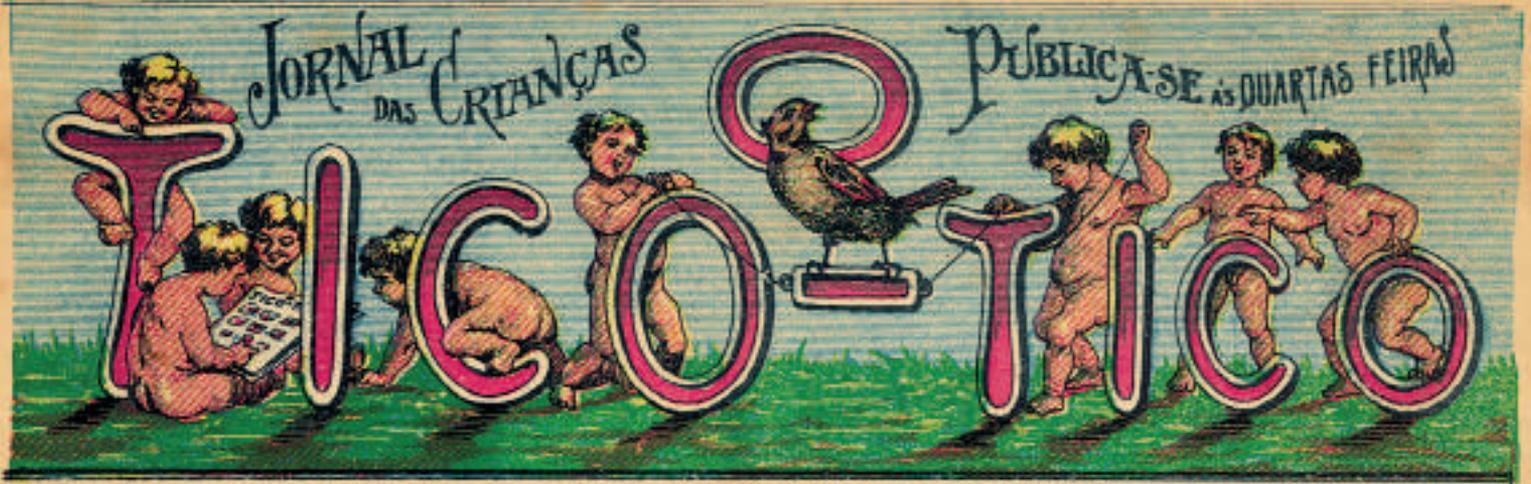
2 Giby, atendendo à ordem de Juquinha, desempenhou corretamente a sua missão.



3 Vóvó, myope e agradecida, tomou o supposto rosário e falando para dentro começou a rezar-o, enquanto o destemido Juquinha e o ousado Giby riam esperando o resultado.



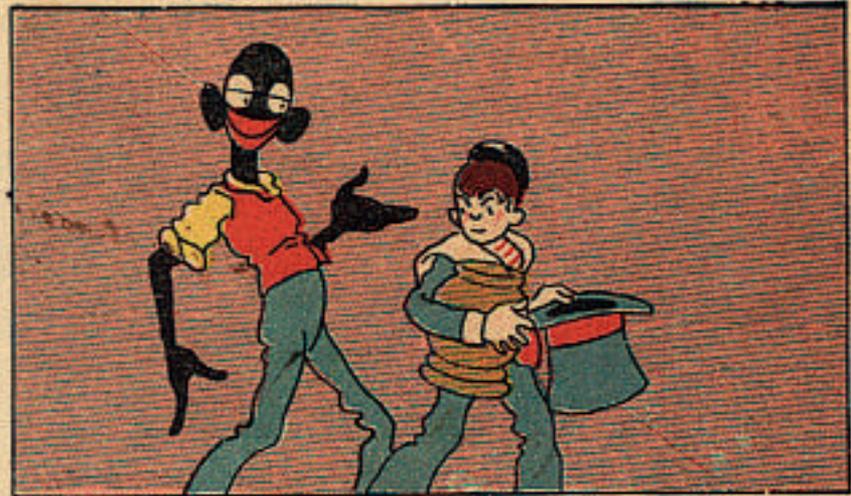
4 O rosário não acabava mais. A Vóvó intrigada passou a examiná-lo e quando descobriu a figura ridícula que fizera... Passou um sabonete d'este tamanho no Giby. Giby porém, fiel a seu patrãozinho, sujeitou-se a gritaria sem a menor desculpa.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

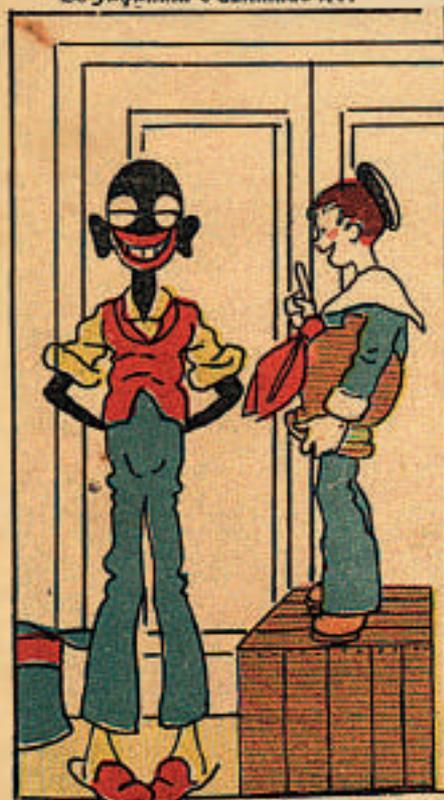
O TALENTO DO JUQUINHA

Cabeça de boião



1 Noutro dia Juquinha poz-se a desenhar uma carantonha muito feia em um boião, enquanto o Giby, admirado, dizia com seus botões:
- Só Juquinha é damnado l...

2 Acabada a pintura, Juquinha tomou uma cartola e, como quem manda muito, ordenou:
- Acompanhe-me, Giby!



3 E lá foram os dois até a porta da rua. Ahí, Juquinha repando sobre um caixote, levantou o dedinho e começou a lallar:
- Giby, tu vais ficar muito queto aqui nesta porta.
E enfiou pela cabeça do Giby o tal boião.

4 As ordens de Juquinha foram fielmente cumpridas. O moleque ficára imóvel, junto á porta, enquanto os transeuntes retrocediam, amedrontados.
E Juquinha, com aquelle palmosinho de cara travessa, espreitava, escondido, o successo da nova carranca do Giby.



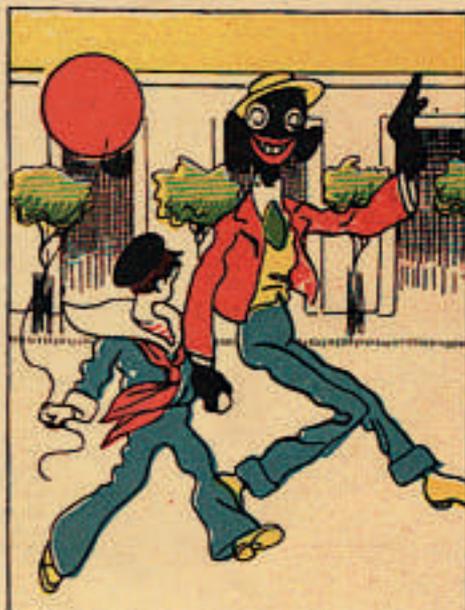
ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA O Cinematographo



1) Não ha quem não saiba que o divertimento da moda é o cinematographo.

Ha dias, Juquinha, em companhia de Giby, viu as fitas novas que annunciava um cartaz na Avenida Central.



2) O successo foi completo. Quando acabou a sessão, Juquinha, encantado, e Giby, entusiasmado, voltaram para casa trocando impressões:

- E a cartola do velho? dizia o Giby.
- Éo homem da rabeça? atalhava Juquinha.



3) Em casa, ainda Juquinha ria, descrevendo as peripecias e os desastres. De repente, levantou o dedinho e disse ao Giby:

- Nós vamos fazer um cinematographo.



4) E, desencabrestadamente, foi ao quarto da mamãe trouxe o lençol da cama, arrastando-o pelo chão.

Giby dizia com seus botões: Que menino danado!...



5) Em seguida, Juquinha subiu a uma escada e, enquanto Giby fornecia pregos, o grande traquinas esticou o lençol, pregando-o na parede.

Prompta a rapida instalação, preparou um lampião de kerozene...



6) e Giby, como um perfeito macaco, foi pular, gritar e cantar atrás do lençol.

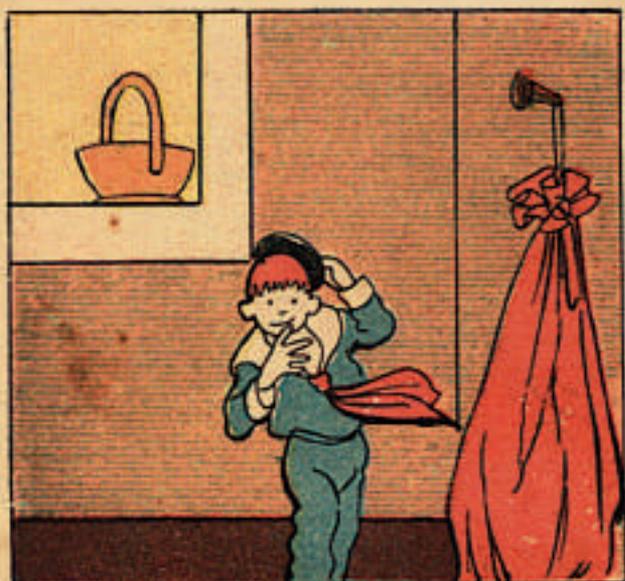
Juquinha encarapitado sobre uma mesa, ria a bandeiras despregadas.

E foi assim que se fez um cinematographo barato.

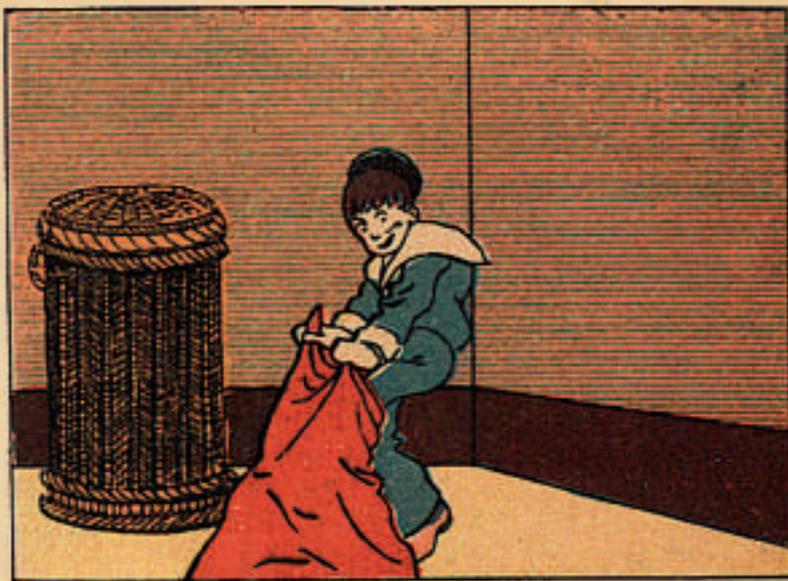


ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

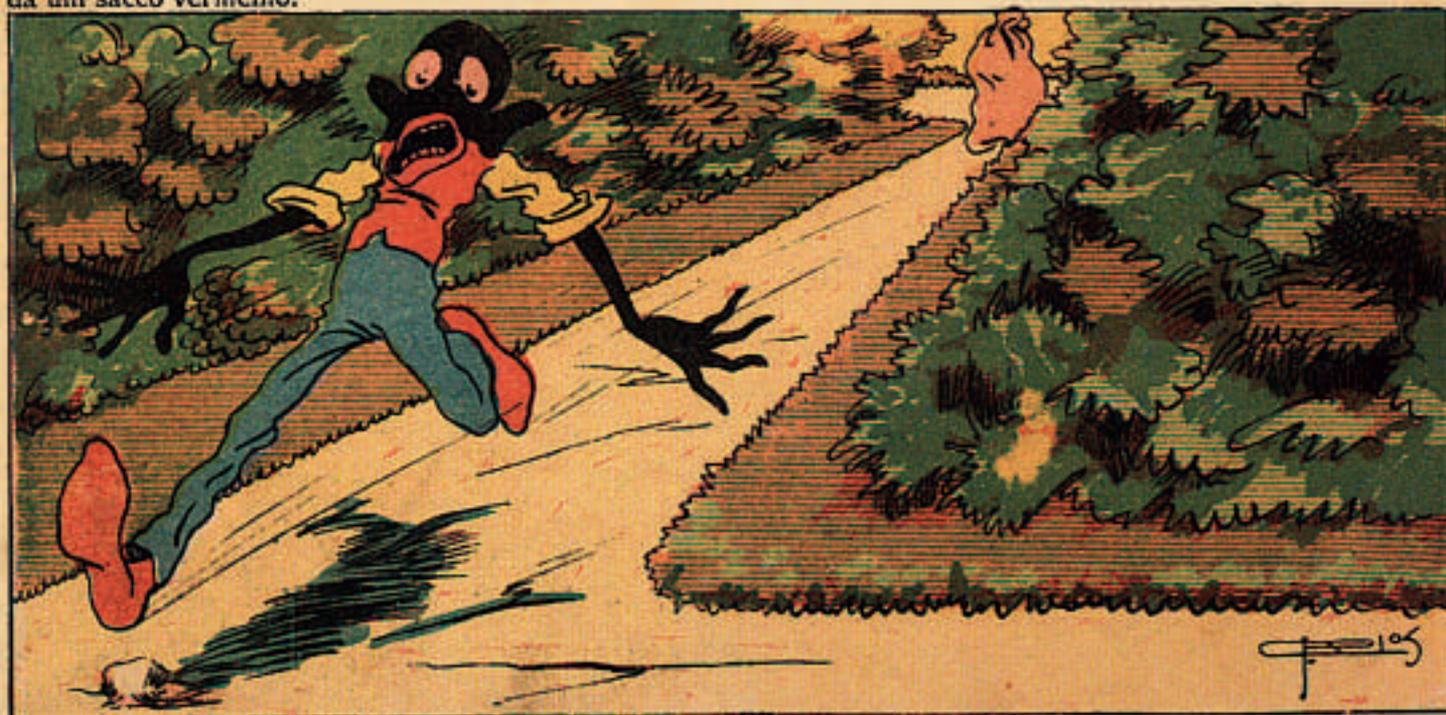
O TALENTO DO JUQUINHA Um susto e uma carreira



Foi, ha trez dias, mais ou menos. *Juquinha*, entre a lição de portuguez e a de Geographia, encontrou no quarto da roupa servi da um sacco vermelho.



—Mais uma ideia! bradou *Juquinha*.
E, como um rato que entra para um buraco, mettu-se dentro do sacco, correndo os cordões para fechal-o.



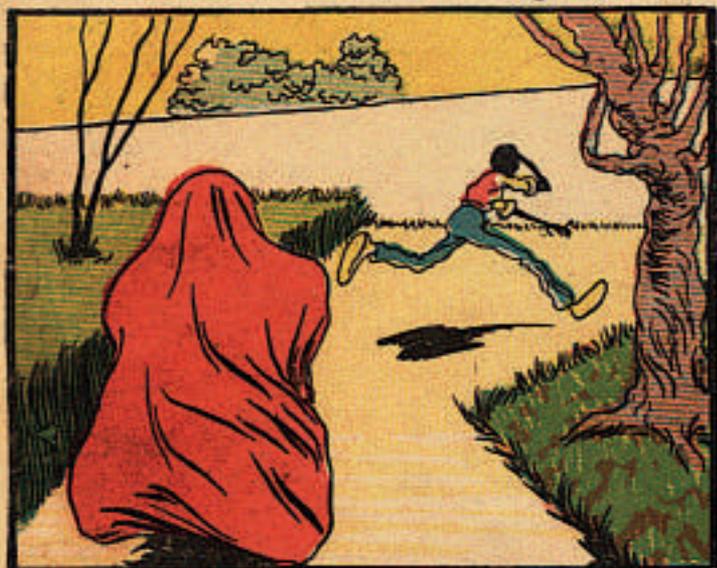
Lá dentro o grande travesso resolveu pregar um susto ao *Giby*.
Sahiu aos pulinhos, tal qual aquelle homem do cinematographo, e poz-se a perseguir o pobre moleque.
Giby corria como um louco pela chacara.

(Continúa)

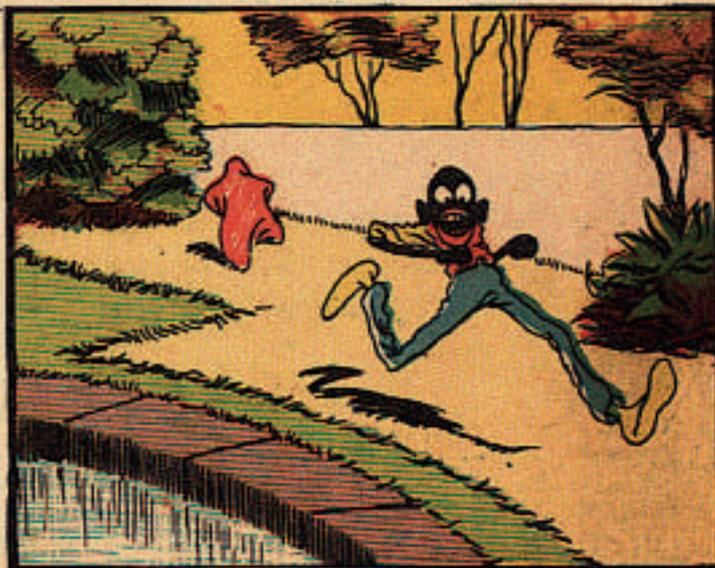


ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

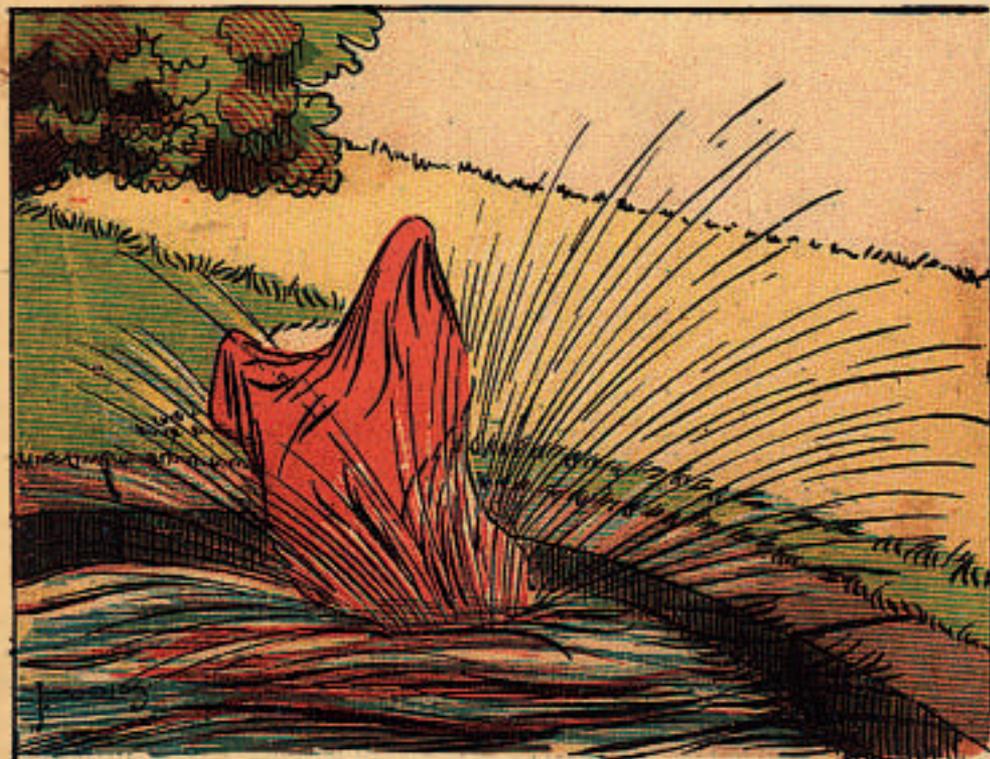
O TALENTO DO JUQUINHA Um susto e uma carreira II (Conclusão)



1 Juquinha, apesar do grande calor que sentia dentro do sacco, continuava...



2 ... a perseguir o pobre Giby que, correndo por toda a chacara, implorava a protecção de S. Benedicto, que tambem era preto.



3 Mas, na curva de uma das ruas da chacara, existe um lago. Juquinha, imprevidente e distrahido, tropeça e... tibatim!!!... Tomou um banho valente!



4 Apanhou uma constipação e, em quanto espirrava continuamente, Giby dizia: - O' gente! alma do outro mundo não espirra. Bem feito!

(Fim)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 192 - RIO DE JANEIRO
 (Número avulso 200 réis, atrizado 500 réis.)
 (Publicação d' O MALHO)



O Juquinha





Juquinha, Giby e Miss Shocking



o embalo do sucesso, do carisma e do impacto da personagem o Juquinha no imaginário do leitor foram criadas duas outras revistas com o mesmo nome: *O Juquinha* (fig. 29).

A primeira, fundada em 4 de dezembro de 1912, trouxe de volta o herói, acompanhado de Giby, e apresentou a terceira personagem criada por J. Carlos, a efêmera *Miss Shocking*.

A segunda revista publicada em 1922, só aproveitou o nome famoso e nada tinha a ver com J. Carlos e suas personagens.

O Juquinha (1912- 1913).

A personagem Juquinha, segundo editorial da revista homônima no seu segundo número, informava que o herói, entusiasmado por uma estada em Bruxelas, onde fora estudar com um professor francês, voltou com um novo visual no físico e figurino. O rosto e o corpo estavam mais delineados e, segundo os leitores, até mais bonito.

O antigo uniforme de marinheiro, uma tradição oriunda da moda lançada involuntariamente por Eduardo VII que, quando criança, fora pintado



Com as listras, intuitivo ou de propósito, J. Carlos emprestou a Juquinha esse comportamento “marginal” nas brincadeiras com os circunstantes, fosse o companheiro Giby, ou a professora *Miss Shocking*.

O traço de J. Carlos não é mais o da estreia n’*O Tico-Tico*. Diferente da *art nouveau* rebuscada, seu estilo tem mais simplicidade. Concentra-se num Juquinha de linhas bem definidas, leve, que vive num cenário de decoração sólida e regular, elegantemente despojado: paredes sem quadros, móveis retilíneos. Dir-se-ia que J. Carlos dá um passo para a difusa *art déco* que começaria por volta de 1920.

A série agora intitula-se *Juquinha e suas proezas*, e como acontecia n’*O Tico-Tico* é, na maioria das vezes, a história da capa. Nela, é destaque permanente pois sua figura dinâmica, chutando uma bola, faz parte e domina o logotipo.

Há outras histórias, cujos protagonistas aparecem retratados nas demais esferas do título que são, da esquerda para a direita: Chiquinho (Buster), Jagunço, Vovô e seus netos, Lili, outra não identificada, Joaquina, a dorminhoca, Tio Jacinto e Giby.

Giby volta com a mesma cara e o corpo desajeitado de sempre. Longilíneo e descalço, traja agora camisa branca, colete vermelho, calças verdes com linhas quadriculadas pretas. Para ser, infelizmente, submetido ao mesmo tratamento grosseiro por parte do menino branco.

Sintomático é seu reaparecimento no terceiro episódio. Juquinha como se Giby fosse um objeto, retira-o de um baú, local onde o alojaram na viagem da Bélgica para o Brasil. Na continuação do capítulo, Juquinha quase enforca numa brincadeira, como sempre de mau-gosto. Felizmente, depois de mais uma humilhação, Giby é reformulado, a partir de 27 de janeiro de 1913,



quando surge em cena *Miss Shocking*. Agora, mais confiante, aparece até garboso com uma jaqueta vermelha, ladeada de botões dourados num uniforme que pode ser de porteiro, mensageiro ou ascensorista. Juquinha trata-o com mais consideração e companheirismo, já que deixou de ser vítima e está mais para cúmplice nas peças que pregam, principalmente, em *Miss Shocking*.

Miss Shocking aumenta o valor da revista porque é a terceira, embora efêmera, personagem de J. Carlos e a terceira mulher da história em quadrinhos brasileira depois de Inaiá de Agostini e Faustina de Storni. Trata-se de uma súdita britânica, governanta vitoriana, já entrada em anos, contratada na Europa para prosseguir no Brasil com a educação do bem-nascido Juquinha.

Tal prestação de serviço era relativamente comum no Brasil desde o Império, quando se ajustavam preceptores.

O próprio diretor d'O *Malho*, segundo comentário num editorial d'O *Tico-Tico*, mantinha uma delas para acompanhar a educação dos filhos. Essa senhora inglesa recebia revistas em quadrinhos da terra natal e os filhos de *Luís Bartolomeu* divertiam-se muito com elas. Tal interesse das crianças pelo gênero das publicações não passou despercebido ao dono da casa.

Essa versão, só agora ressuscitada, informa também que foi dele – Luís Bartolomeu – face o que presenciava, a ideia de publicar O *Tico-Tico*.

J. Carlos, na sua longa trajetória pelos quadrinhos, desenhava painéis de páginas inteiras com alegorias referentes a datas ou acontecimentos do período em que participavam suas personagens. Na revista O *Juquinha*, das apresentadas, apenas a intitulada *Caraboo* necessita de explicação.

Caraboo (*Amores de uma princesa*), canção norte-americana de Sam Marshall, de 1913, foi adaptada para o carnaval naquele ano e gravada por Orestes de Matos na Casa Edson.



Marchinha de sucesso, foi homenageada pelo artista que aproveitou o tema da canção, as desventuras de uma princesa, para apresentá-lo com Juquinha e seus parceiros.

Ao lado de J. Carlos brilhava, com igual intensidade n'O *Juquinha*, Julião Machado (1863-1930) desenhista e caricaturista português que chegou ao Brasil em 1894 e trabalhou nos grandes jornais brasileiros como o *Jornal do Brasil* e *Gazeta de Notícias*, influenciando o próprio J. Carlos, Raul e K. Lixto.

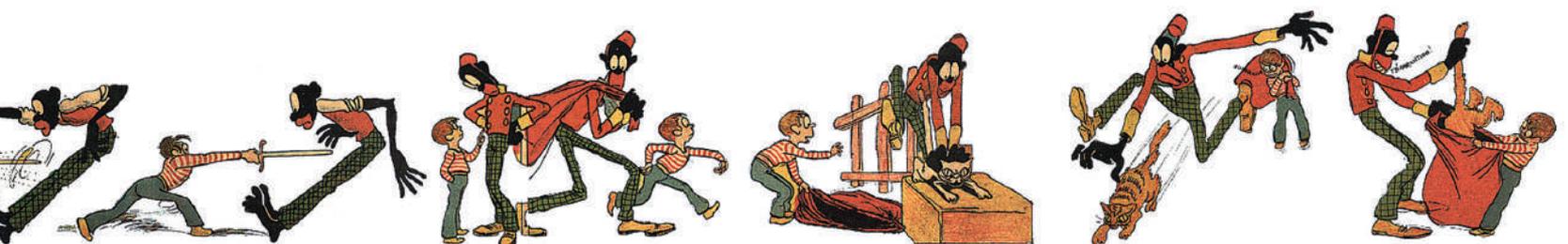
Ele publicou na revista com grande maestria o conto infantil *A princesa Kiki*, do qual uma de suas páginas coloridas, exemplo raro do seu trabalho, no Brasil, publicamos neste álbum (pág.178)

O segundo número d'O *Juquinha* apresentou os quadrinhos *Joaquinha, a dorminhoca, Beltran Duglesquin, Tio Jacinto e seus planos, O menino manhoso (The Newlyweds – Their baby), Viagem de Antonico ao País dos Sonhos (Little Nemo), As aventuras de Chiquinho (Buster Brown)* e os textos *Viagens e aventuras, O cão de Sherlock Holmes* e os antológicos quadrinhos de *A estalagem maldita* de Georges Omry.

A revista era uma rival à altura d'O *Tico-Tico*, de onde copiava o modelo e até o herói Chiquinho, calcado cuidadosamente do *Buster Brown*. Como ambas as revistas pirateavam o herói americano, não havia o que discutir.

Na parte recreativa cultural, apresentou entre outros *Álbum de selos*, uma página inteira com os espaços onde deveriam ser coladas as estampas dos países focados.

Histórias e bichos, Seção para meninas, Seção de concursos, Histórias e lendas, Palestra do Dr. Sabe-Tudo, folhetim Memórias de um galo, Dis-



A PRINCESA KI-KI

Depois dos primeiros momentos de admiração por tamanha maravilha e como a princesa continuava a deltar flôres pela bocca sem que lhe ouvissem a voz (porque a Rainha fez rigorosamente o que a Princesa desejava que era ver suas palavras transformadas em flôres), o rei começou a aborrecer-se com aquella novidade.

Demais, afflicta por se fazer comprehender, a Princesa, fallava cada vez mais e com isso as rosas cahiam em tal abundancia que era preciso varrel-as, para que não enchessem a sala.

Sua Alteza a Princesa Ki-Ki acha-se gravemente doente. A quem a curar, o Rei dará em recompensa: — dez carros carregados de ouro puro, em barras, e cinco de pedras preciosas.

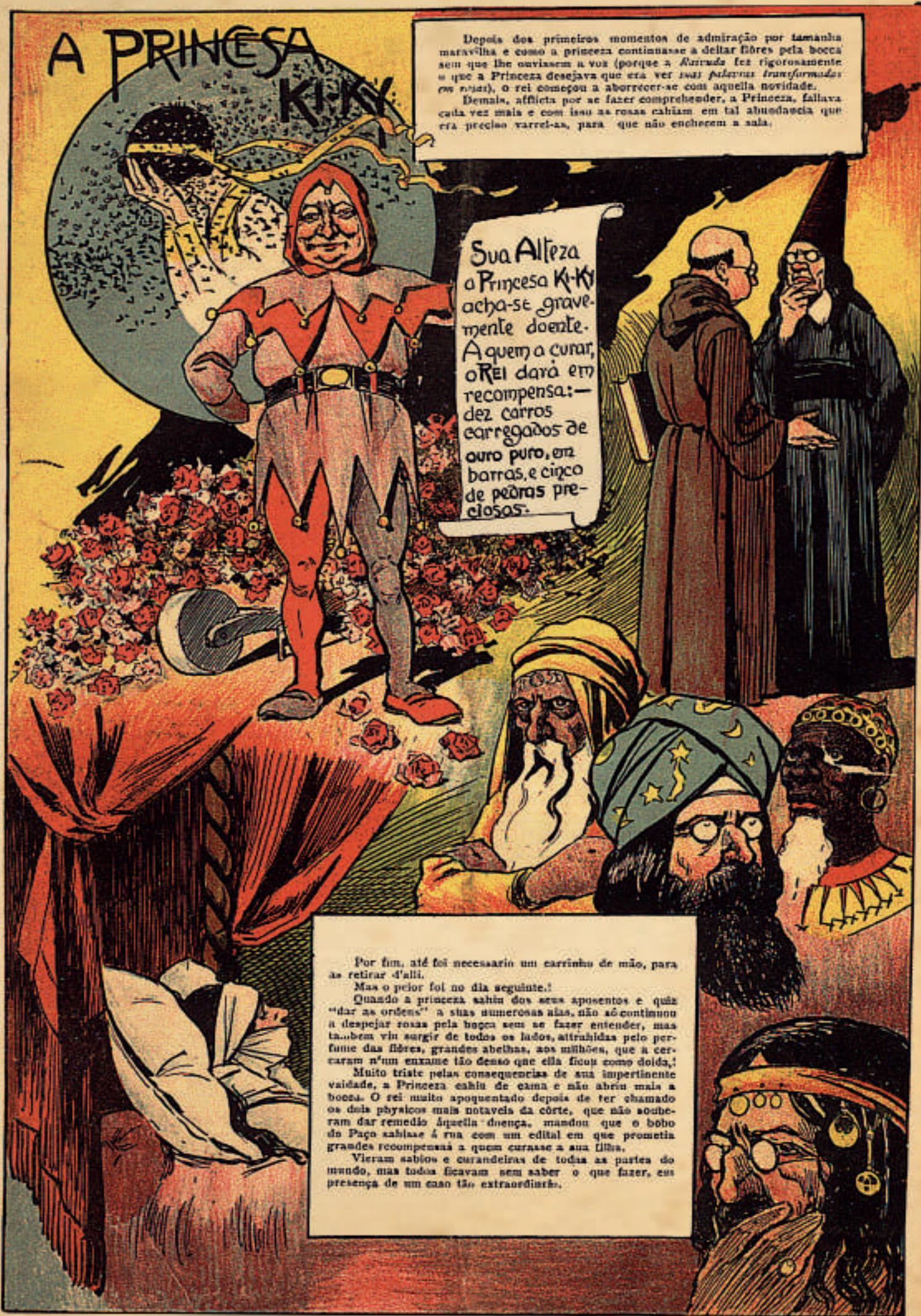
Por fim, até foi necessário um carrinho de mão, para as retirar d'alli.

Mas o peor foi no dia seguinte!

Quando a princesa sahira dos seus aposentos e quiz "dar as ordens" a suas numerosas aias, não acontinnou a despejar rosas pela bocca sem se fazer entender, mas tambem viu surgir de todos os lados, atrahidas pelo perfume das flôres, grandes abelhas, aos milhões, que a cercaram n'um enxame tão denso que ella ficou como doida!

Muito triste pelas consequencias de sua impertinente vaidade, a Princesa cahiu de cama e não abriu mais a bocca. O rei muito apouentado depois de ter chamado os dois physicos mais notaveis da côrte, que não souberam dar remedio aquella doença, mandou que o bobo do Paço sahisse á rua com um edital em que prometia grandes recompensas a quem curasse a sua filha.

Vieram sabios e curandeiros de todas as partes do mundo, mas todos ficavam sem saber o que fazer, em presenca de um caso tão extraordinario.



trações em casa, *Os esports do Juquinha*. Distribuição de entradas grátis para o cinema no Parque Fluminense e Cinematógrafo Chanteclair oferecidas pela Cia. Cinematográfica Brasileira.

A criação da revista *O Juquinha*, em 4 de dezembro de 1912, cercou-se de um certo mistério, devido ao registro com luva branca que dela fez Herman Lima na *História d'A Caricatura no Brasil*.

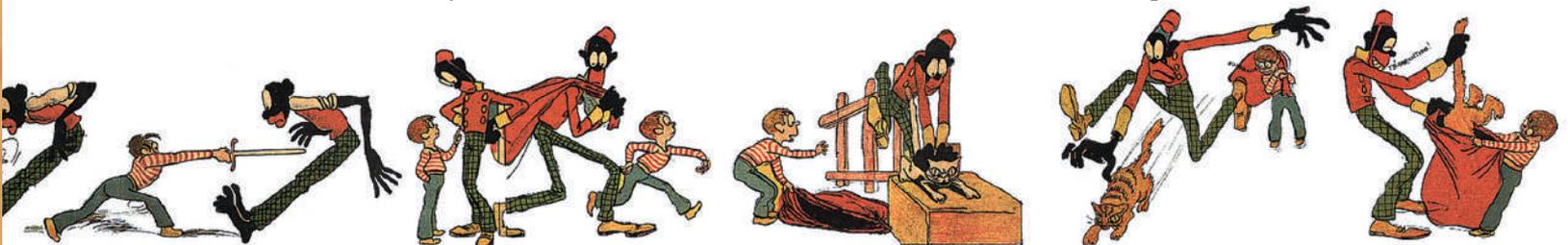
Alguém muito importante, que trabalhava n'O *Tico-Tico* e dele se afastou, foi o responsável pela sua fundação, junto com J. Carlos, diretor artístico da *Careta* fazia quatro anos.

A pessoa misteriosa, que veio d'O *Tico-Tico* para *O Juquinha*, trouxe o pseudônimo *Dr. Sabe-tudo* com que assinava uma seção de correspondência com os leitores, veiculando notas e mensagens. *O Tico-Tico* superou o afastamento, mantendo a seção com a mesma finalidade, assinada por um tal *Dr. Tudo-Sabe*.

O artigo, sem assinatura, *Caricaturistas do Rio de Janeiro*, que abordava os profissionais do gênero na Cidade Maravilhosa, publicado na página do número 29, da *Revista da Semana* de 10 de junho de 1939, quando fala de J. Carlos, desfaz o mistério criado por Herman Lima na *História da Caricatura no Brasil*, agora trazido ao conhecimento dos leitores.

“Sem deixar de ser o único redator artístico do semanário de Schmidt, em 1912, incumbe-se J. Carlos, com Julião de ilustrar *O Juquinha*, de Renato de Castro, publicação infantil com o nome do personagem que criara em *O Tico-Tico*.”

A personalidade que Herman Lima mantinha na penumbra com um certo pudor ético por ser editor importante da revista e ter desertado para fundar *O Juquinha*, era Renato de Castro, um dos ícones da empresa *O Ma-*



lho e indiscutível fundador d'O Tico-Tico.

O *Juquinha*, de Renato de Castro, não informava ligação com qualquer editora.

Apesar da categoria de Julião Machado, ilustrador do conto em série *A Princesa Kiki*, sem nada dever artisticamente à produção de qualidade francesa e do seu painel dobrado, do tamanho de 2 páginas e 1/4, comemorativo do Natal e Ano Novo de um lado e, do outro, *As Viagens de Antonico*, cópia de *Little Nemo*, O *Juquinha* foi obrigado a desistir.

O Brasil, com escolaridade e poder aquisitivo baixos, não tinha demanda de mercado suficiente para absorver duas revistas infantis ao mesmo tempo.

Em 16 de julho de 1913, num acordo certamente de cavalheiros, a revista *O Tico-Tico* passou a publicar, excetuando aquelas de J. Carlos, a continuação de histórias em quadrinhos e matéria de textos impressos n'O *Juquinha*.

O *Dr. Sabe-Tudo* voltou à sua coluna n'O *Tico-Tico*.

O *Tico-Tico*, número 407 de 23 de julho 1913, num gesto de gentileza e conciliação, publicou só a capa d'O *Juquinha*, que já não mais existia, na contracapa.

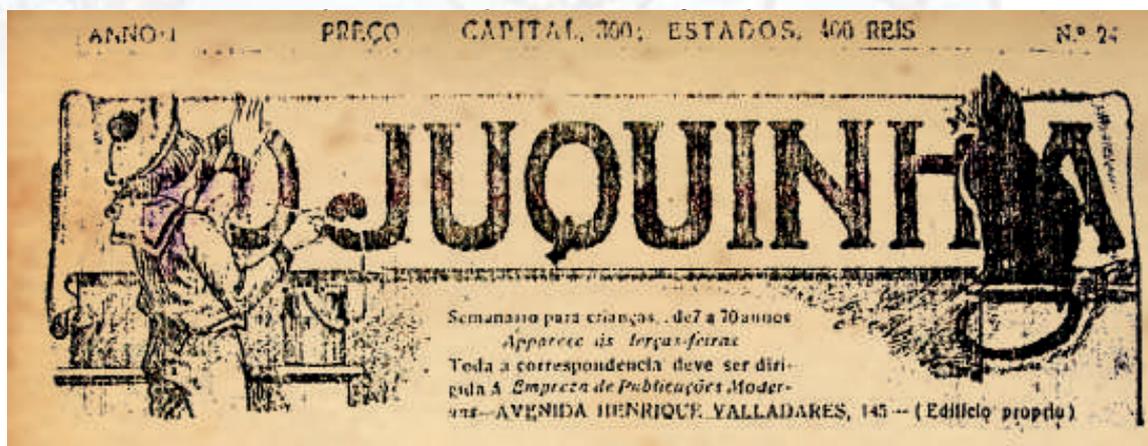
A série d'*As Aventuras do Conde de Cavagnac*, um dos grandes heróis da história em quadrinhos francesa, desenhada pelo mestre Georges Omry, obteve extraordinário sucesso tanto na França como no Brasil onde memorialistas costumam citá-lo.

Ela estava sendo editada pelo *O Juquinha*, e *O Tico-Tico* deu-lhe continuidade no número 408, de 30 de julho de 1913.

O *Tico-Tico* passou a incluir, também, outros heróis e seções im-



portantes do espólio: *Viagens e aventuras, História de bichos e Selos do mundo*. As três últimas, a bem da verdade, copiadas pelo *O Juquinha* do *Le Journal des Voyages*.



Tal a mística do nome que uma segunda revista *O Juquinha* apareceu no ano de 1922, editada pela Empresa de Publicações Modernas, situada na Avenida Henrique Valadares, 145, Rio. Além de fascículos de aventuras de ação e policiais, publicava duas conhecidas revistas populares: *Pelo Mundo...*, que seguia o modelo do *Eu sei tudo* e *Impéria*, uma das antecessoras da *Playboy*.

Essas revistas eram bem cuidadas, em papel couchê e páginas ilustradas em cores. As únicas informações disponíveis sobre *O Juquinha* devem-se ao estudioso dos quadrinhos Armando Sgarbi, que possuía um único exemplar, em péssimo estado, o número 24. Soube-se por ele que a revista publicava uma página colorida em quadrinhos de Carlitos.

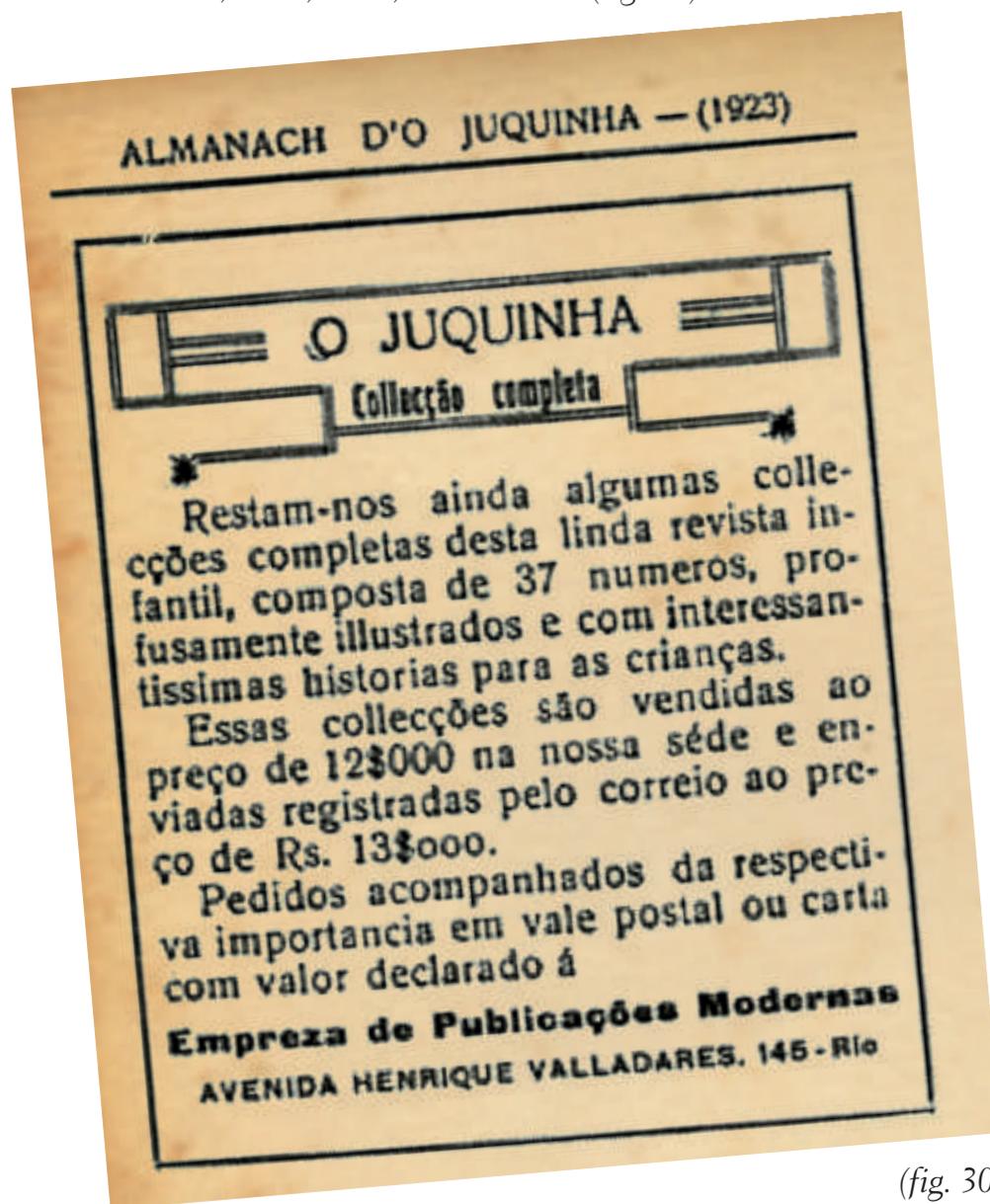
Acredita-se que, pelas outras revistas da Publicações Modernas, a apresentação gráfica fosse razoável. Contudo, os fascículos de aventuras da mesma editora, na mesma época, eram em papel jornal e a capa ilustrada,



pobrememente, na cor salmão.

O *Juquinha*, semanário que aparecia às terça-feiras, autointitulava-se *Semanário para Crianças, de 7 a 70 anos*, muito raro, teve, como outros, curta duração, cerca de nove meses e 37 números (fig. 30).

O *Almanaque do Juquinha* durou mais, comprovadamente editado para os anos 1923, 1924, 1925, 1926 e 1927 (fig. 31).



(fig. 30)



Um exemplar para 1923, em fac-símile, circula entre os aficionados. Dá algumas pistas do que *O Juquinha* poderia ter publicado. Lá encontramos, entre outras histórias em quadrinhos não identificadas, João Narigão, Carlitos, Mutt e Jeff, Pafúncio e Marocas e até um Juquinha que nada tem a ver com o de J. Carlos.

Publicou, com toda a certeza, um romance infantil em continuação, intitulado *Os “coco-boys” de Cascadura*, mais tarde, reunidos e publicados em álbum.

**Almanack
d'O JUQUINHA**

GRANDE SUCESSO ! O MAIOR ACONTECIMENTO DO ANNO PARA A PETIZADA

O Almanack d'O *Juquinha* ainda se acha á venda! O Almanack d'O *Juquinha* está sendo o maior successo do anno em almanacks!

Contendo 144 paginas em optimo papel, parte assetinado e parte *couché*, sendo quasi todo elle impresso a côres e tendo muitas paginas duplas a 2 e 3 côres; contendo paginas de armar, brinquedos, jogos, theatros, *guignol*, circos, etc., além de paginas com cartões postaes para crianças, paginas de cortar e de armar, historias sem conta profusamente illustradas, aneddotas, variedades, Mutt & Jeff, Carlitos, etc., — é certo que o Almanack d'O *Juquinha* se vae esgotar rapidamente, apesar da sua grande tiragem.

Um grande volume cartonado, com uma linda capa em trichromia.

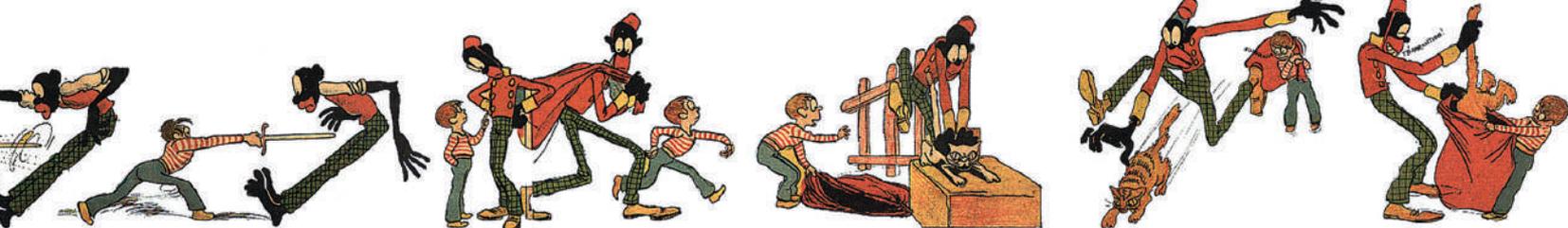
Na Capital . . . 3\$500 - Nos Estados . . . 4\$000

A' venda tambem na CASA A. MOURA, Assembléa, 79

Envia-se por 4\$000, que podem vir mesmo em sellos de 100 e 200 réis; a quem o pedir a esta Empresa.

* RESTAM POUCOS EXEMPLARES *
* DESTA NOVA TIRAGEM *

(fig. 31)



ALMANACH D'O JUQUINHA



1927

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNEIDERSCHNEIDERFABRIK DA CASA R. ROSENBERG & C.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrazado 400 réis

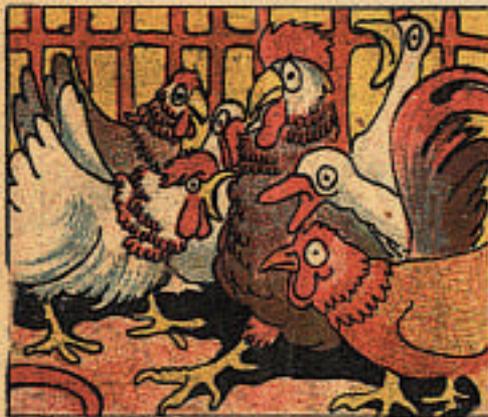
PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO—RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

O OVO MYSTERIOSO

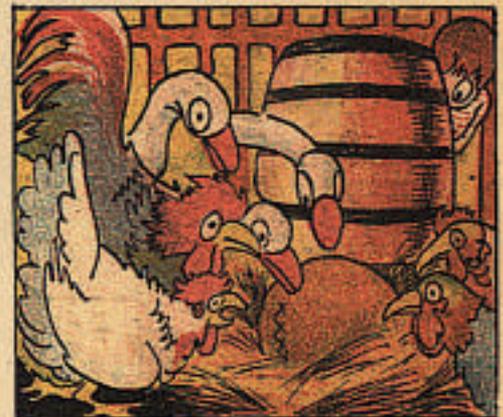
(Continuação)



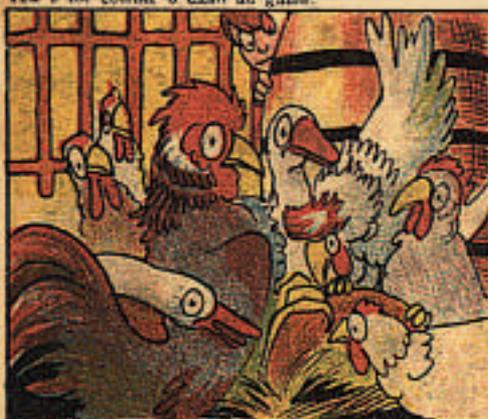
A gallinha topetuda, arripiada de medo, correu e foi contar o caso ao gallo.



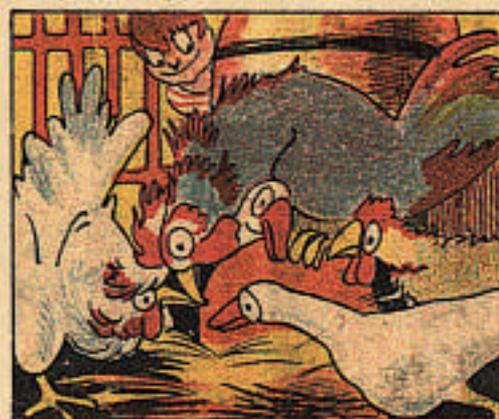
O gallo cacarejou e reuniu todo o gallyheiro.



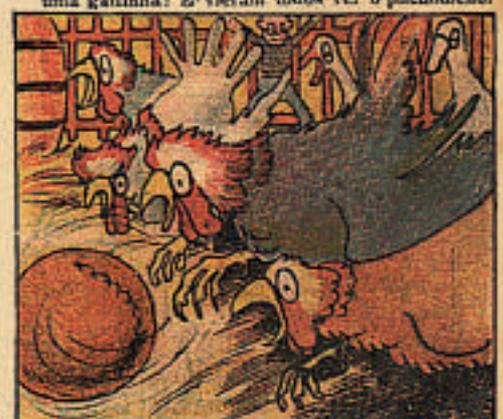
O caso era yastoso! Um ovo maior do que uma gallinha! E vieram todos ver o phenomeno.



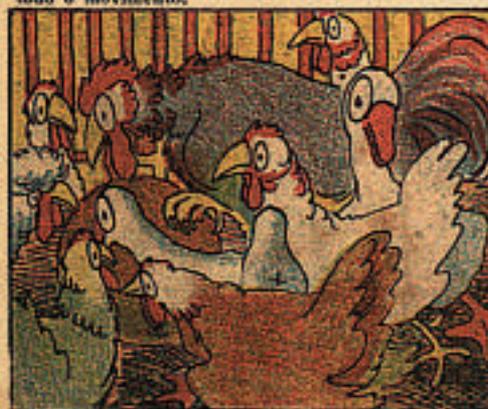
Juquinha, atraz da barreira, acompanhava todo o movimento.



Patos, marrecas e toda a gallinhada agançaram sobre a bola.



Era preciso saber que qualidade de plato havia dentro de um ovo tão grande.



E bicaram com toda a força de seus bicos.



Ja nem se via a bola. Era tudo um bolo de gallinhan.



E tanto bicaram que o couro, não resistiu e a bola estourou, virando de pernas para o ar toda a gallinhada.

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNEIDERSCHNEIDER & CO. BRONNBERG & C.



O JUQUINHA

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

O NATAL DO JUQUINHA



Juquinha, sempre fantazista e jovial, organizou uma festa de Natal, e, por modo, obrigando seu fiel moleque o Giby a fazer de Papá Noel, com barbas e sobrecelhas brancas.

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNEIDERS FABRIK DA CASA KROEMER & C.



O JUQUINHA

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO—RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

Juquinha e suas proezas O ENSOPADO DE MOCOTO

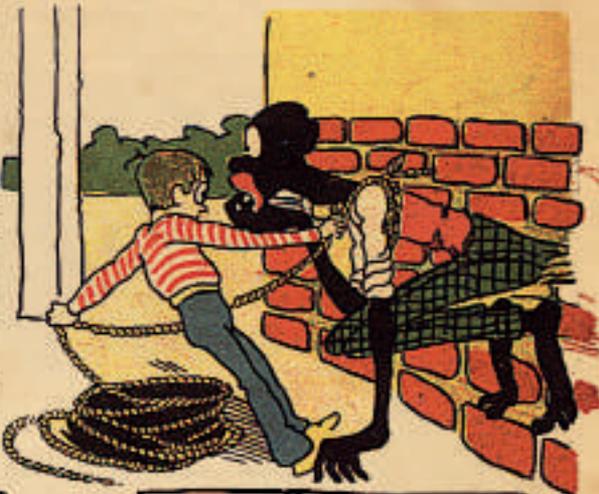
(continuação)



Vendo o Gily pegado, Juquinha compreendeu que a situação era grave



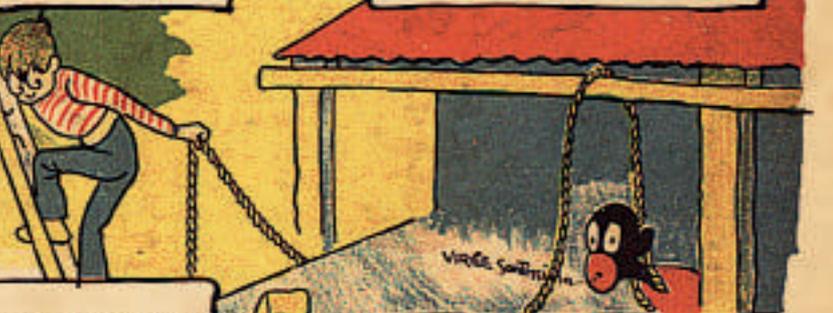
mas teve uma idéia. Foi buscar uma corda...



...passou-lhe uma ponta no pescoço do Gily



Foi buscar uma escada e com ella



E foi passala ainda por um arizante da casa vizinha.



...passou a outra ponta da corda por cima da trave do telheiro.

Ammarrou então a ponta da corda a uma barreira de cimento

...e, dando um abalo na barreira, atirou-a em balço

E como a barreira pesava mais do que Gily, está Gily despedido.

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNELL-PRESSENFABRIK da CASA RÖHMERIC & C.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrazado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO—RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS



Foi no domingo passado. Juquinha e o inseparável Giby passeavam pela chacara.

De repente Juquinha parte a correr como um cabrito...

e se atira ao chão gritando, com todos os seus pulmões: —Corre Giby!.. Apanhei um colieiro pardinho.



Giby correu tambem para o lugar.

Depois curvou-se e cuidadosamente meteu a mão debaixo do chapéu...

mas que desengano! Não era um colieiro pardinho, era... era... porcata de gato!

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MÁQUINAS
SCHNEIDERSCHMIDT & CO. RUA GONÇALVES DIAS, 73



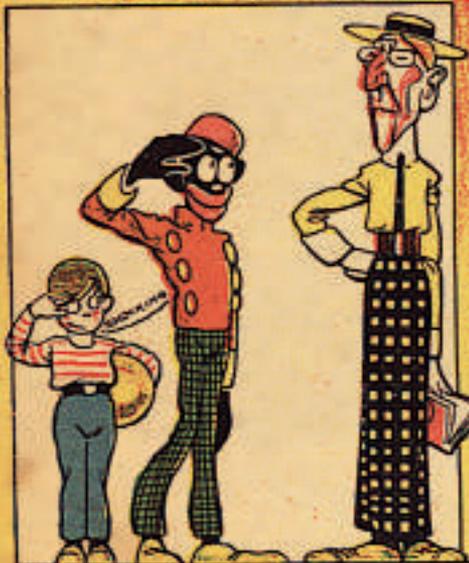
ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO—RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

Juquinha e suas proezas—MISS SHOCKING



Juquinha, meu amigo, apesar de ter deixado a internet de Brasília, não se preocupou por isso. Miss Shocking que não costuma por lá.



A hora da lição chegou e Juquinha com a vontade necessária colocou uma régua sobre um livro e na extremidade da régua um fósforo.



Miss Shocking começou a falar com a paixão própria de quem não é qualquer coisa.



Miss Juquinha é talhe: Miss não precisa começar a se exaltar nem a por fim assim.

...além disso sobre a mesa. E a efeito de sua. A não distância de Miss Shocking falou sobre a extremidade da régua, levantando o fósforo que ele caiu sobre o livro.

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS
SCHNEIDERSCHNEIDER & CASA BROMBERG & C.



O JUQUINHA

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

CARNAVAL!



O Carnaval já vem perto
Está por menos de oito dias,
Juquinha que é cabra esperto
E gosta d'essas foliás.

Vai tratando de ensaiar
Um coro forte e burlesco
Porque conta organizar
Um coedão carnavalesco.

O Giby, cantor *Admirer*
Faz da musica um embrolho,
Chiquinho fez-se *bonafecor*
Para fazer mais barulho

E a festa de que se trata
Tua prodigiosa conseguiu
Que a professora aderiu
Cantando o "Vem cá Mulata!"

O JUQUINHIA É IMPRESSO EM MACHINAS
SCHNEIDPRESSENFABRIK DI CASA BROMBERG & C.



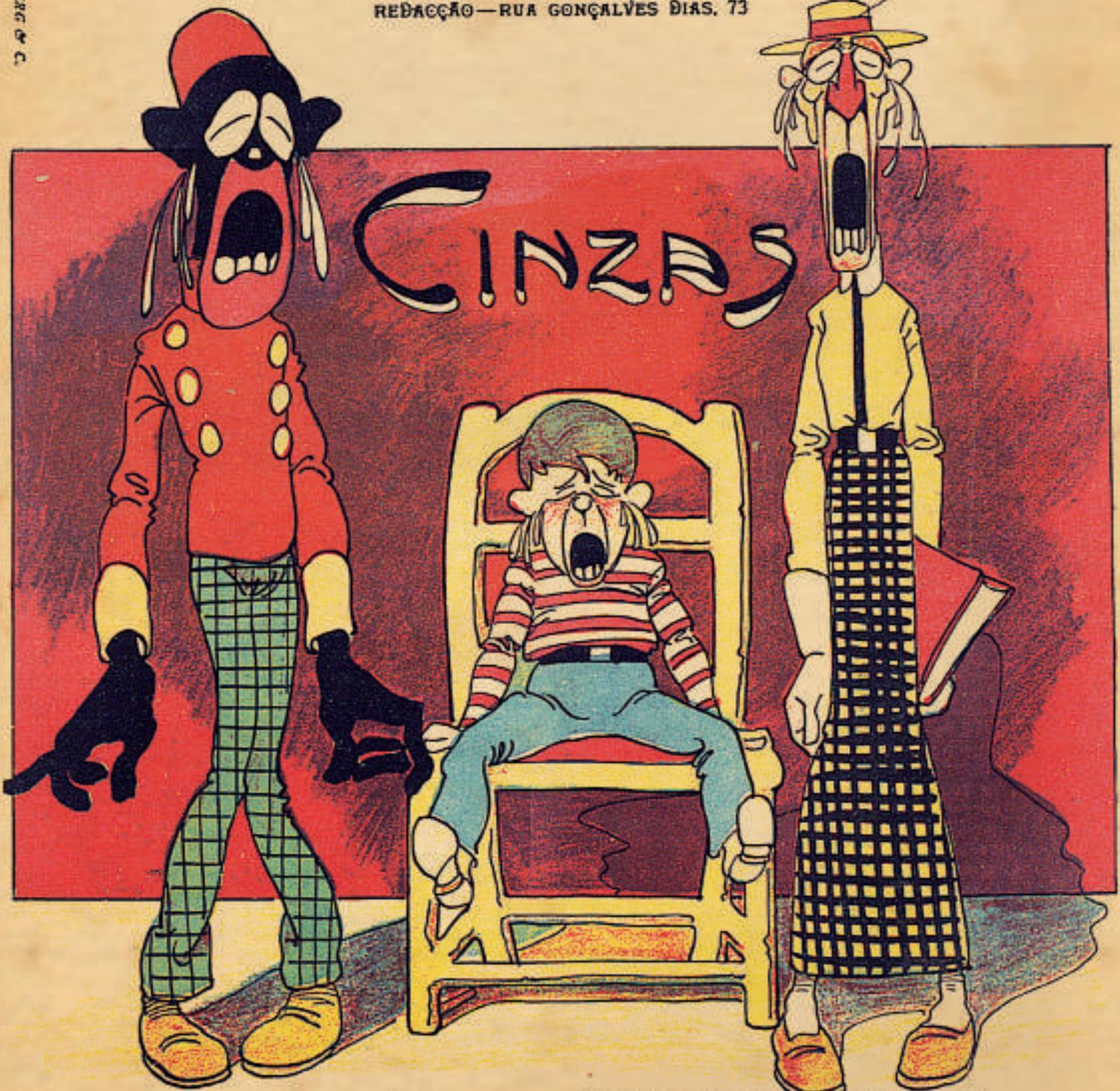
O JUQUINHIA

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrazado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO—RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS



Acabou-se o Carnaval!
O folguedo jornal,
Que toda a gente alucina

Outro, agora, só pára o anno
Como é triste o fado humano
Que tudo que é bom termina!

O Juquinha, ao que parece,
Queria talvez que houvesse
Uns quatorze carnavaes.

Por isso veio-o aqui
Com a professora e o Giby,
Todos... chorando por máis.

O JUQUINHA E IMPRESSO EM MACHINAS
SCHNELL-PRESSENFABRIK DA CASA HROMBERG & C.



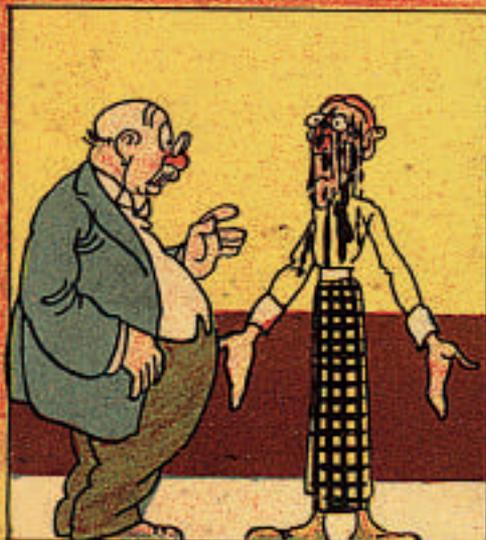
ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrazado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

JUQUINHA E SUAS PROEZAS — Miss Shocking



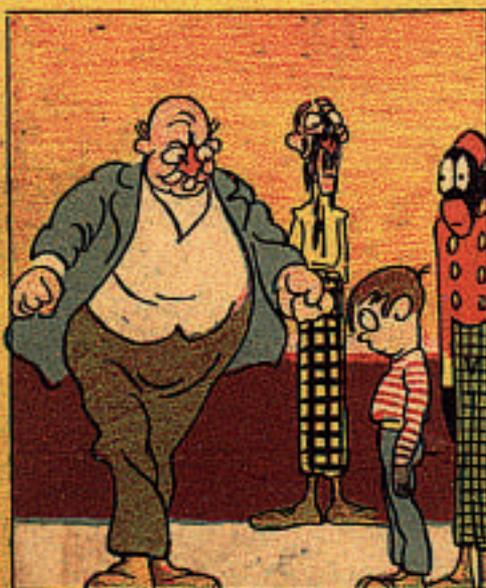
Miss Shocking, - mesa amigáveis, depois d'aquella pavorosa lição, foi se queixar ao papai do Juquinha.



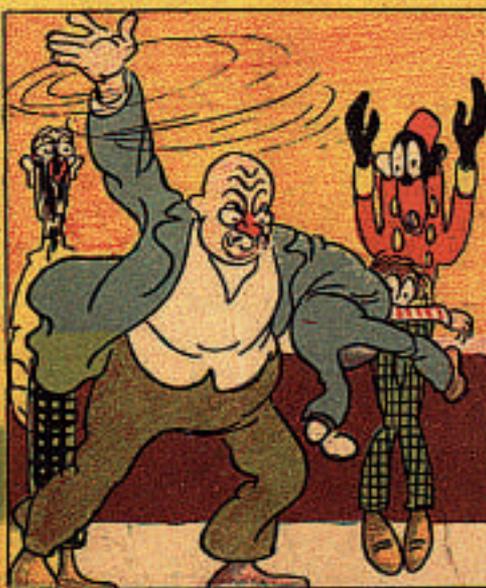
Enquanto isso, o terrível diabrete, prevenido as consequências de sua pilheria, arranjou um prego



e depois de convenientemente preparado



esperou paciente o correctivo paterno.



O papai do Juquinha é severo e com toda a sua força assentou-lhe um valente palmada...



Mas sahín-se mal porque espetou-se no prego agudíssimo, que Juquinha collocára no furo das calças.

O JUQUINHA E IMPRESSO EM MACHINAS
SCHNELL PRESSEFABRIK DA CASA BROMBERG & C.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

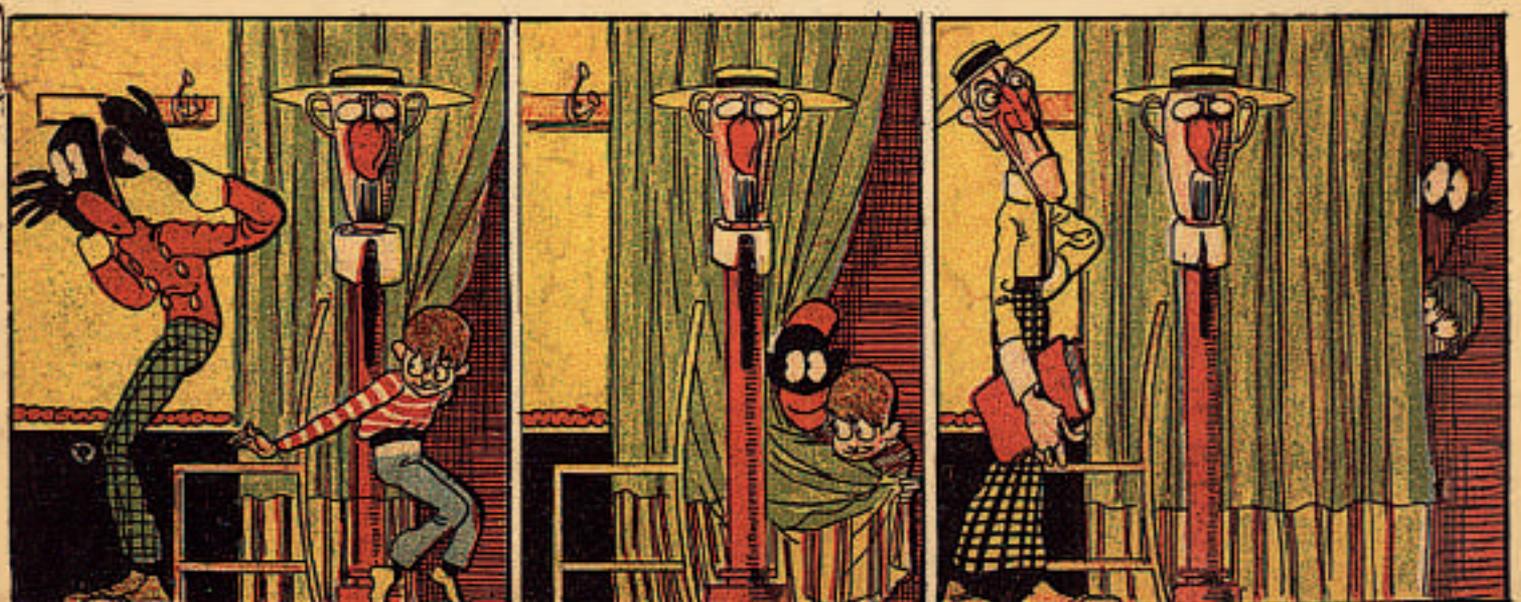
JUQUINHA E SUAS PROEZAS — Uma Caricatura



Juquinha deu algumas ordens ao Giby e pouco depois...

...voltava e o moleque trazendo um pimentão, um collarinho e o gafeço da salada.

A um canto havia uma jarra Juquinha sobre ella col-locou um chapéu.



e com as objecções trazidas pelo Giby acabou de compor uma caricatura.

Terminado o serviço os dois se esconderam.

Dez minutos depois Miss Schönding appareceu... cal- culou a indignação da igreja ao ver aquella figura ridicula.

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MÁQUINAS
SCHNEIDERSCHNEIDER & CASCA BROMBERG & C.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO — RUA GONÇALVES BIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

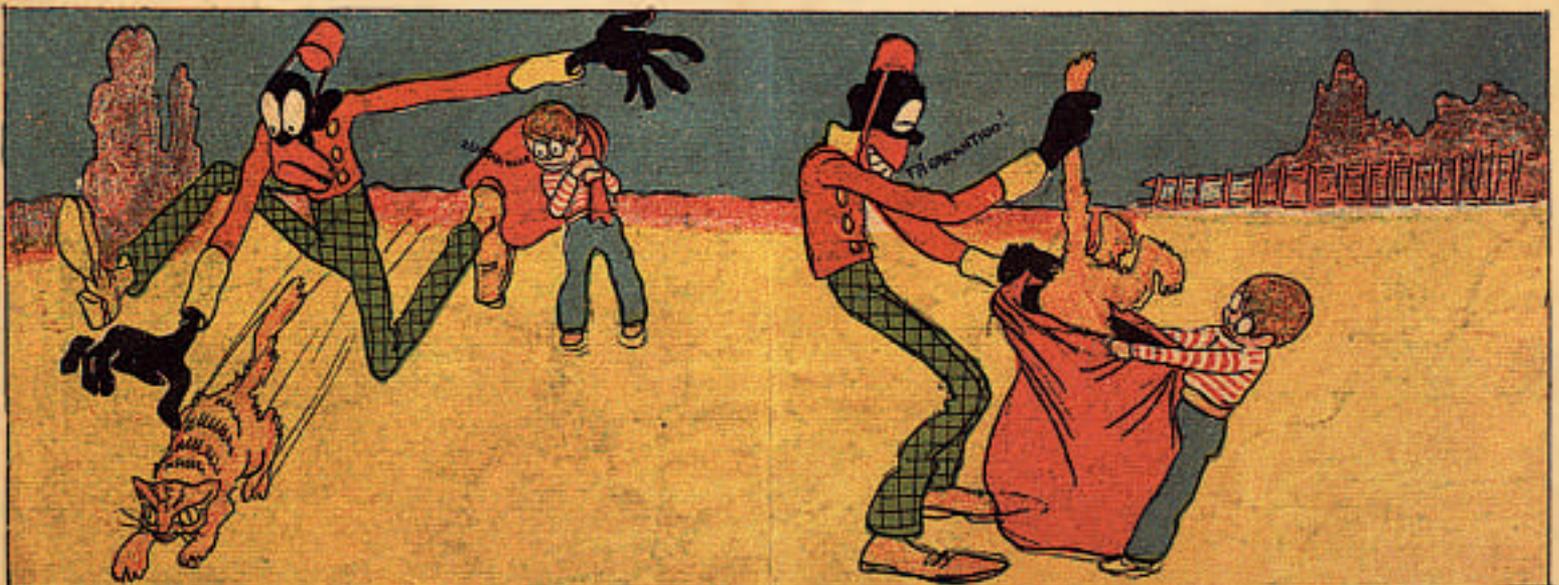
UMA GRANDE CORRIDA



De acordo com a opinião da Giby, Juquinha lançou as bases de uma grande corrida...

...partindo os dois com firmes intenções de apagar todos os gatos, que lhes passassem ao alcance.

E assim foi. Depois de caminharem alguns passos, Giby surpreendeu um miuoso gato do vizinho e, sem mais aquela, deu-lhe a mão.



Logo após foi descoberto um segundo gato e apesar de bastante arisco

Não conseguiu escapar e veio também para o sacco.

(Continua.)

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MÁQUINAS SCHNEIDERPRESS-FABRIC DA CASA KRONBERG & C.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRÁTOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrasado 400 réis

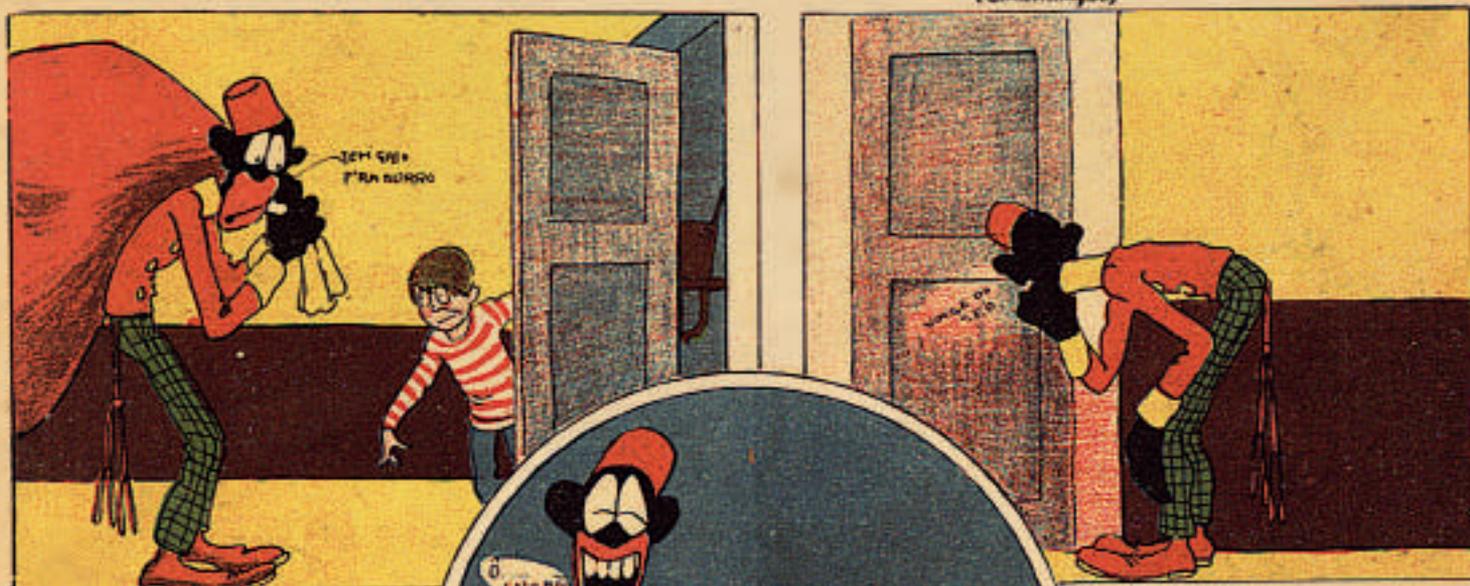
PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

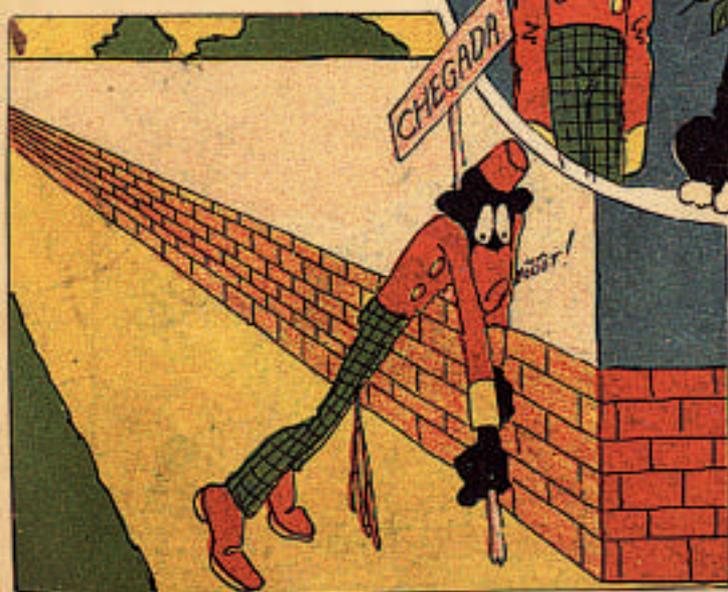
Uma grande corrida

(Continuação)

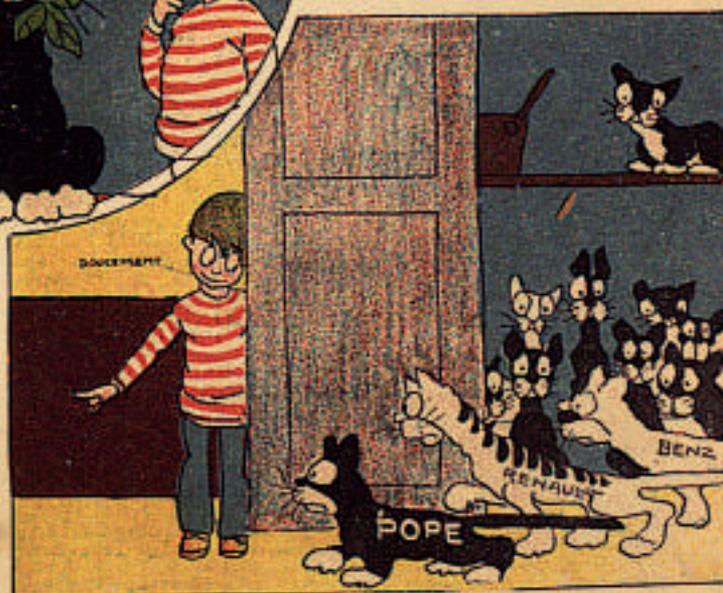


Azabara o grande serviço! Giby, curvado ao peso do sacco, trouxe uma bella quantidade de gatos.

Juquinha está encerrou-se dentro de um quarto juntamente com toda a gataria, enquanto



Giby, no fundo do quintal, collocava uma estaca limitando o fim da futura corrida.



Passada talvez uma meia hora, Juquinha saiu triumphante do seu esconderijo e deu ordem á gataria para desfilarem devagar.

(Continua)

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MÁQUINAS SCHNEIDERPRESSENFABRIK DA CASA BROMBERG & C.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRÁTOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO — RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

Uma grande corrida

(Continuação)



Juquinha pintará em cada gato o nome de um automovel. Cada gato representava uma marca afamada. O tranquinho fez então formar toda a galaria e com uma bandeira voraz ella deu o signal de sahida.

Fez um charivari de massada! Todos os gatos deliraram a correr como verdadeiros automoveis e embarasfustaram por uma janella.

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNEIDERSCHMIDT DA CASA ARONBERG & C.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO—RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS



E foi assim o fim da grande corrida de automoveis. A gataria, furiosa, embarafustou pelo quarto de Miss Schocking que é excessivamente supersticiosa e desde esse dia não come e não dorme, seiscando numa fatal desgraça, que lhe ha succeder.

FIM

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MÁQUINAS SCHNEIDERPRESSENFABRIK DA CASA BROMBERG & C.



O JUQUINHA

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

— E —

Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO—RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS



Os Judas do Juquinha e do Giby

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS
SCHNELLPRESSENFABRIK & CASA BRONBERG & C.



O JUQUINHA

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO

PREÇO 200 RÉIS

REDAÇÃO—RUA GONÇALVES DIAS, 73

JUQUINHA E SUAS PROEZAS



Miss Shocking, impressionadíssima, só pensa em coisas fantasticas e vive a sonhar com gatos.

O JUQUINHA É IMPRESSO EM MACHINAS SCHNEIDERSCHNEIDER & CASA ARONBERG & C.



ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE QUALQUER DE SEUS LEITORES

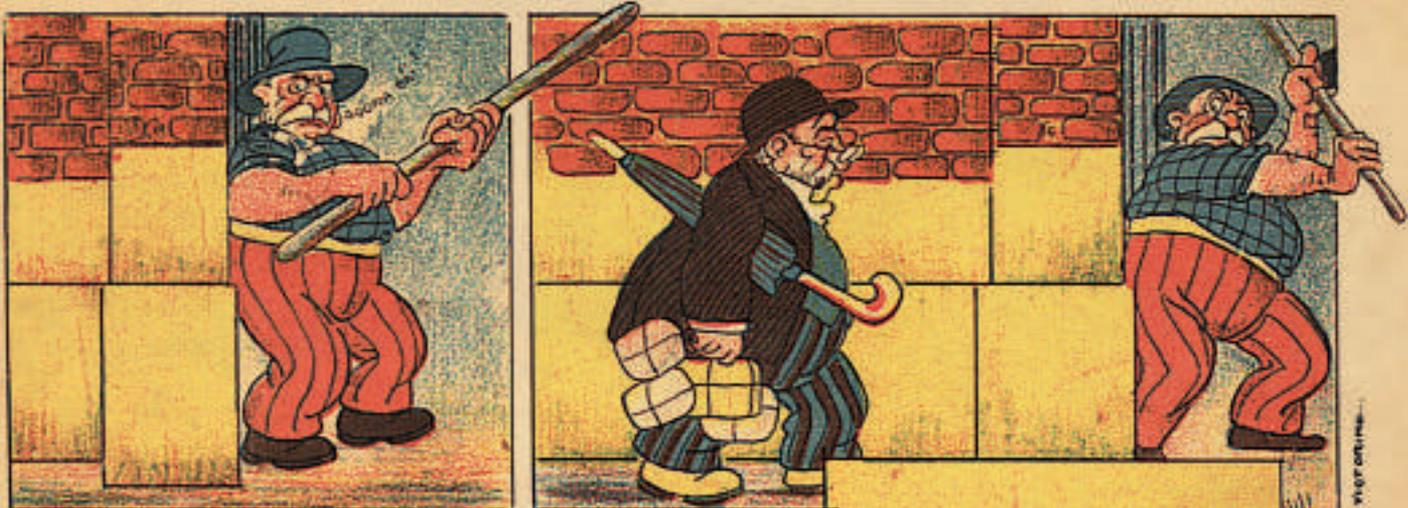
Numero Atrasado 400 réis

PAGINAS DE ARMAR EM SUPPLEMENTO
REDAÇÃO—RUA GONÇALVES DIAS, 73

PREÇO 200 RÉIS

JUQUINHA E SUAS PROEZAS

"SEU" VICTORINO



1) Por fim "seu" Victorino indignado com tanta perobação resolveu dar uma lição aos guriões, que o aborreciam. Armou-se com um pau e ficou à espera. Dahi a pouco ouvir passos... ergueu o cacete... Entretanto quem se aproximava era o commendador Praxedes, voltando da cidade.

2) "Seu" Victorino, porém, nem abriu, foi logo atirando a paulada e "siqando" o pobre commendador, que ficou com a cabeça em posição de reberia.



Cartão DE SEU VICTORINO



CONCLUSÃO

Juquinha e Giby, o branco e o negro, são os primeiros heróis dos quadrinhos infantis do século XX.

Eles são também as duas primeiras criaturas de J. Carlos.

Os dois ficaram para sempre no folclore brasileiro, embora o imaginário do século XXI pouco ou nada saiba da sua origem.

De qualquer maneira, encontrei na pesquisa *Balas Juquinha* bem mais recentes, com a figura padronizada do rosto de um menino louro no envólucro. Minha tese, de certa maneira, ainda está de pé. . .

O Juquinha que permanece até hoje é o das piadas do cotidiano. O garoto que costuma embarçar a professora, pais e demais adultos com perguntas insistentes ou respostas inconvenientes, qualquer um pode encontrá-lo acessando a internet. O Giby também está presente, emprestando o nome como o genérico das revistas de quadrinhos no Brasil.



Memórias d'O Tico-Tico

ATHOS EICHLER CARDOSO

A caracterização do elenco como um todo, o conteúdo de época dos argumentos, a sofisticação do desenho, a qualidade e a exuberância das histórias aqui publicadas vão levar o leitor à conclusão óbvia: estávamos, Drummond e nós, todos enganados.

O Juquinha “pegou firme”.

Pegou no *O Tico-Tico*, n'O *Juquinha*, nos leitores e no Brasil todo nas épocas em que foi publicado.

Ainda mais, ele deve ser considerado, não só o mais sofisticado herói infantil dos quadrinhos nativos produzido, até agora, mas capaz também de ombrear em alguns aspectos com o *Little Nemo* de Winston McKay.



Fontes e Bibliografia

1. Fontes Primárias.

1. 1 Periódicos

O Gato – 1912-1913

O Tico-Tico – 1905-1912

O Juquinha – 1912-1913

Almanaque d'O Juquinha – 1923

O Malho –Rio de Janeiro out 1905

Revista da Semana – pg. s/nº do exemplar 10/06/1939

2. Bibliografia

Almanque d'O Tico-Tico/ coordenador Instituto Antares. Rio de Janeiro: Edições Consultor, 2006

CIRNE, Moacy. *História e crítica dos quadrinhos brasileiros*. Rio de Janeiro: Edição Europa: Funarte.1990

HORAY, Pierre. *Buster Brown*. Paris: Pierre Horay, 1976

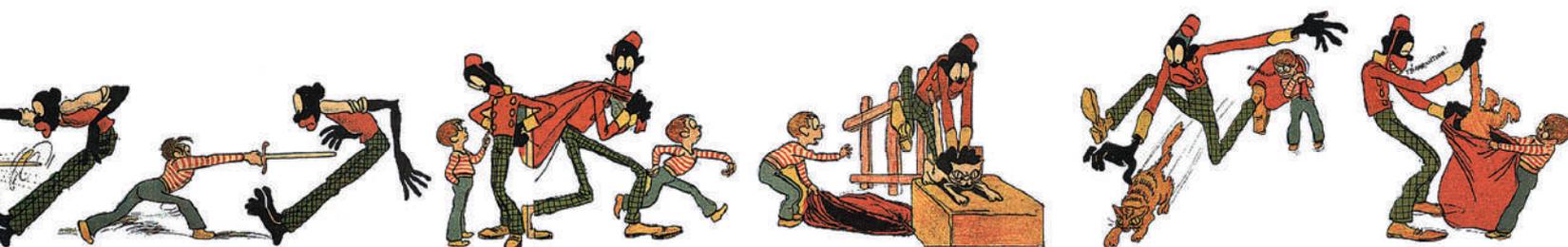
LIMA, Herman. *História da Caricatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

PASTOREAU, Michel. *O tecido do Diabo: uma história das riscas e tecidos listrados*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1993

ROSA, Zita de Paula. *O Tico Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*.Bragança Paulista,EDUSF, 2002.

SEMBACH, Klaus-Jürgen. *Art nouveau*. Köln: Taschen, 1996.

MASINI, Lara-Vinca. *Art nouveau*. London: PatrickHawkey & Company Ltd., 1984.





NOTA DESTA EDIÇÃO

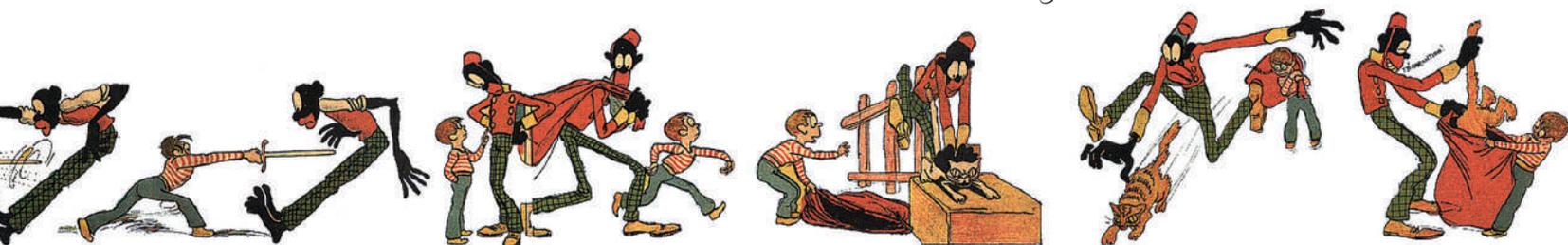
A coleção da revista *O JUQUINHA*, fundada por Renato de Castro no Rio de Janeiro, existente na Biblioteca Nacional está incompleta. Falta o número 1 e as buscas para localizá-la redundaram infrutíferas dada a raridade desses exemplares.

Deduzimos que ela tenha apresentado na capa, datada de 5 de dezembro de 1912, a primeira parte da história inicial da série *Juquinha e suas proezas*, intitulada *O ovo misterioso*. É fácil entender que a história em quadrinhos começou quando o Juquinha, peralta como sempre, colocou uma bola no galinheiro, causando estranheza entre as aves que a confundiram com um ovo. Tudo ficou resolvido na continuação publicada no nº 2.

Aproveitamos a oportunidade para solicitar a quem tiver ou souber da existência dessa capa tão importante para a historiografia dos nossos quadrinhos entrar em contato com o Conselho Editorial do Senado Federal, tendo em vista uma eventual reedição desta obra.

Grato pela atenção.

O Conselho Editorial email: cedit@senado.gov.br



Memórias d'O Tico-Tico

ATHOS EICHLER CARDOSO

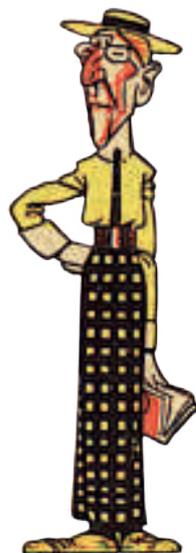


Memórias d'O Tico-Tico Juquinha, Giby e Miss Shocking,
de J. Carlos (1884 – 1950) e Pesquisa e texto de Athos Eichler Cardoso,
foi composto em Adobe Electra LH corpo 13/24 pts e,
impresso em papel *cuchê* fosco 120 g/m², nas oficinas da
Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAF,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em julho de 2013, de acordo com o
programa editorial e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.





Juquinha



Miss Shocking



Giby

Este álbum apresenta a reunião antológica e inédita das primeiras experiências gráficas de J. Carlos (1884-1950) nas revistas *O Malho* e *O Tico-Tico*.

Juquinha, o garoto branco, filho da burguesia carioca, foi apresentado n' *O Tico-Tico*, em 14/2/1906, superando Chiquinho, cópia do conhecido personagem americano Buster Brown, na preferência dos leitores da revista. Giby, menino negro, apareceu em 16/10/1907 para ajudar e muitas vezes sofrer as brincadeiras de Juquinha.

As histórias do Juquinha dominaram as capas d' *O Tico-Tico* de maio de 1906 até o fim de 1907, quando J. Carlos deixou de trabalhar na revista. Tanto foi o sucesso da dupla Juquinha e Giby que eles reapareceram em 1911 n' *O Juquinha* – revista em que J. Carlos apresentou sua terceira criação, *Miss Shocking*, senhora inglesa contratada como professora do menino.

